

Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação



Patrícia Andréa Godinho Baker

CAMINHOS DO CÍRIO:
saberes, culturas e vivências infantis no Círio de Nazaré

Belém
2019

Patrícia Andréa Godinho Baker

CAMINHOS DO CÍRIO:

saberes, culturas e vivências infantis no Círio de Nazaré

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Pará. Linha de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Nazaré Cristina Carvalho.

Belém
2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
Biblioteca do CCSE/UEPA, Belém - PA

Baker, Patrícia Andréa Godinho

Caminhos do Círio: saberes, culturas e vivências infantis no Círio de Nazaré / Patrícia Andréa Godinho Baker; orientação de Nazaré Cristina Carvalho, 2019.

Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade do Estado do Pará, Belém, 2019.

1.Círio de Nazaré - Práticas educativas.2. Cultura. 3. Projeto Caminhos do Círio. I. Carvalho, Nazaré Cristina (orient.). II. Título.

CDD. 23º ed.394.26

Bibliotecária: Regina Ribeiro CRB-2 739

Patrícia Andréa Godinho Baker

CAMINHOS DO CÍRIO:

saberes, culturas e vivências infantis no Círio de Nazaré

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Pará. Linha de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Nazaré Cristina Carvalho.

Belém-PA: 11 abr. 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Nazaré Cristina Carvalho – Orientadora
Universidade do Estado do Pará

Prof^ª. Dr^ª. Josebel Akel Fares – Examinadora interna
Universidade do Estado do Pará

Prof^ª. Dr^ª. Denise de Souza Simões Rodrigues – Examinadora interna
Universidade do Estado do Pará

Prof^ª. Dr^ª. Ivone Maria Xavier Amorim de Almeida – Examinadora Externa
Universidade Federal do Pará

AGRADECIMENTOS

A Deus pela oportunidade de viver e realizar tantos sonhos nessa existência.

À minha mãe, que me fortalece pelo olhar e pelas orações.

Ao meu pai, por ter me proporcionado educação.

Aos meus irmãos Isabel, Nilton, Carolina, Rosinha e minha sobrinha Isabella, por tanto afeto e positividade.

À Ceci, minha grande companheira de vida, obrigada pelo apoio, compreensão e por me impulsionar em todas as horas.

Em especial à minha orientadora prof^ª. Dr^ª. Nazaré Cristina Carvalho, pela parceria, paciência e confiança, por ser calmária nos meus momentos de ebulição e por me ajudar nos primeiros passos da pesquisa.

À Flávia Meireles, por me acolher e permitir adentrar o Projeto Caminhos do Círio para a realização da pesquisa. Obrigada por tudo!

Às professoras Carmen Serra, Elaine Moreira e Nazaré Santos por me receberam nas atividades do Projeto Caminhos do Círio sempre dispostas a me ajudarem.

À amiga Tatiana Maia pelo apoio pedagógico e amigo desde o período da seleção de mestrado até a finalização dessa etapa da minha vida.

Ao amigo Edson Wanzeler por tantas conversas acadêmicas que me impulsionaram ao crescimento, obrigada pelas energias que me fortaleceram.

Aos demais amigos por partilharem comigo as inseguranças e alegrias de todo esse trajeto.

Às miçangueiras mais coloridas do mestrado, que foram apoio, leveza e ninho em muitos momentos dessa caminhada.

Às professoras examinadoras Dr^ª. Denise Simões e Dr^ª. Ivone Xavier por ampliarem meu olhar sobre a pesquisa.

Aos professores do Mestrado em educação da UEPA, por contribuírem com meu crescimento a partir de olhares outros sobre a educação e as diferentes epistemologias que circulam a existência humana.

Às famílias das crianças do Projeto Caminhos do Círio, pela confiança e permissão da participação dos intérpretes na pesquisa.

Meu agradecimento especial às crianças intérpretes dessa pesquisa, por de fato vivenciar com vocês essa educação que se dá nas práticas sociais e que tanto significam para as nossas vidas. Vocês foram fundamentais para essa pesquisa. Obrigada!

Círios

(Vital Lima)

*Meu filho, vês aquela claridade?
É a cidade na escuridão
O barco singra as águas
E pulsa feito um coração
Cheio de alegria, bálsamo, benção*

*O Círio de Nazaré
Tu verás, será, menino
Algo pra não se esquecer
Pra colar no teu caminho
Feito o som de uma viola
Que te fez chorar baixinho
Quando vires a senhora
Ficarás pequenininho*

*Diante do mistério que há
Nessa nossa vida humana
Vais crescer mais que o luar
Vais voar mais que as semanas
Vais sorrir pro revelado
Fruto da emoção na boca
De que tudo é amarrado
E o mundo é um, é oca*

*Menino acorda e vem olhar
O sol não tarda em levantar
Vem ver Belém
Que começa a festejar*

*Outros outubros tu verás
(E outubros guardam histórias)
Ver o peso
Quando for a hora*

RESUMO

A pesquisa intitulada **Caminhos do Círio**: saberes, culturas e vivências infantis no Círio de Nazaré teve como objetivo analisar os saberes culturais e as práticas educativas das crianças que participam do Projeto Caminhos do Círio no contexto do Círio de Nazaré. Entendemos que o Círio de Nazaré é uma festa religiosa que entrelaça diferentes culturas e saberes, e, nesse contexto, as crianças intérpretes vivenciam práticas educativas assentadas na cultura em que estão inseridas. Dessa forma, partimos da seguinte questão-problema: quais saberes e práticas educativas estão presentes entre as crianças que fazem parte do Projeto Caminhos do Círio no Círio de Nazaré? Para responder a esse questionamento, outras perguntas foram necessárias, tais como: de que forma os saberes são vivenciados pelas crianças nas festividades do Círio de Nazaré? Quais saberes são partilhados pelas crianças no projeto? Que práticas educativas são vivenciadas pelas crianças no Círio de Nazaré? Para responder as referidas questões foi necessário: mapear os saberes culturais presentes e vivenciados pelas crianças no contexto do Círio de Nazaré; catalogar os saberes culturais vivenciados pelas crianças no contexto do Círio de Nazaré; investigar possíveis processos educativos presentes na relação das crianças com o Círio de Nazaré. Os sujeitos da pesquisa são 11 (onze) crianças intérpretes, sendo 9 (nove) meninas e 2 (dois) meninos que fazem parte do Projeto Caminhos do Círio. A pesquisa é caracterizada pela abordagem qualitativa com ênfase em elementos da Etnometodologia. A interpretação dos dados foi realizada com base na análise do conteúdo. Dessa feita, a partir das vivências das crianças do Projeto Caminhos do Círio, identificou-se saberes religiosos, culturais, históricos, econômicos e lúdicos, que as crianças ao se relacionarem com seus familiares e com outras crianças, partilham, transmitem e produzem, protagonizando sua história e sua cultura.

Palavras-Chave: Cultura. Saberes. Círio de Nazaré. Criança. Educação

ABSTRACT

This research titled “**Ways from Círio**: knowledge, cultures and children’s experience” had as objective to analyse the cultural knowledge and the educative practices of the children that participate of Ways from Círio Project in the Círio de Nazaré context. We understand that Círio de Nazaré is religious festival which interlace different cultures and knowledge and in that context the children interpreters experience educative practices seated in the culture which they are inserted. That way, the issue is: which knowledge and educative practices are present between the children who are part of Ways from Círio Project in the Círio de Nazaré? To answer that question, it was necessary other questions, such as: in what way the knowledge are experienced by the children in the Círio de Nazaré festivities? Which knowledge are shared by the children in the project? Which educative practices are experienced by the children in Círio de Nazaré? To answer these questions, was sought: map the cultural knowledge presents and experienced by children in the context of Círio de Nazaré; **catalogue** the cultural knowledge experienced by children in the context of Círio de Nazaré; investigate possible educative processes present in the children relation with Círio de Nazaré. The research subjects are 11 (eleven) children interpreters, being 9 (nine) girls and 2 (two) boys that are part of Ways from Círio Project. The research is characterized by qualitative approach with emphasis in Ethnomethodology. For this research data interpretation, it was used the content analysis. Then, from the children experiences belonged to the Ways from Círio Project, was identified religious, cultural, historical, economic and playful knowledge, that the children, when dealing with their relatives and other children, share, transmit and produce, featuring their history and culture.

Keywords: Culture. Knowledge. Círio de Nazaré. Child. Education

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

Figura 1 – Fotografia da Romaria do Círio de Nazaré, em 2017	13
Figura 2 – Fotografia de Brinquedos Roc-roc	14
Figura 3 – Fotografia da Exposição sobre o Círio, em 2004.....	18
Figura 4 – Fotografia da visita das crianças do Projeto Caminhos do Círio à Basílica Santuário/Aula passeio, em 2000	19
Figura 5 – Fotografia retratando a participação das crianças do Projeto Caminhos do Círio no Círio das Crianças, em 2017.....	21
Figura 6 – Fotografia da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré em Portugal.....	33
Figura 7 – Fotografia da berlinda que transporta a imagem de Nossa Senhora de Nazaré no Círio, em 2017	36
Figura 8 – Fotografia do Túnel de mangueiras em uma rua de Belém durante a procissão do Círio de 2018	39
Figura 9 – Fotografia das Crianças do Projeto Caminhos do Círio, no Círio das Crianças, em 2018	40
Figura 10 – Fotografia do momento da entrevista individual durante o Círio das Crianças, em 2018.....	41
Figura 11 – Fotografia de uma criança erguendo as mãos na passagem da santa durante o Círio das Crianças, em 2018.....	42
Figura 12 – Fotografia das Crianças caracterizadas de anjos no Círio das Crianças, em 2018.....	43
Figura 13 – Fotografia de um Bebê vestido de anjo no Círio das Crianças, em 2018	44
Figura 14 – Fotografia das crianças organizadas na calçada esperando a passagem da santa no Círio das Crianças, em 2018.....	46
Figura 15 – Berlinda do Círio das Crianças, em 2018.....	46
Figura 16 – Fotografia do momento do Lanche das crianças do Projeto Caminhos do Círio após o Círio das Crianças, em 2018.....	47
Figura 17 – Desenho produzido por uma das crianças na roda de conversa, em 2018	49
Figura 18 – Mapa do Estado do Pará com a localização geográfica de Belém.....	69
Figura 19 – Fotografia Túnel de mangueiras na Av. Presidente Vargas em Belém.....	71
Figura 20 – Fotografia retratando a Chuva da tarde em Belém.....	72

Figura 21 – Fotografia retratando a primeira roda de conversa, em 2018.....	75
Figura 22 – Desenho de Nossa Senhora de Nazaré na berlinda, feito por um interpretes, em 2018.	78
Figura 23 – Fotografia retratando a segunda roda de conversa, juntamente com a produção do desenho infantil, em 2018.....	79
Figura 24 – Fotografia retratando o desenho infantil, em 2018	79
Figura 25 – Fotografia retratando o momento do sorteio de uma das perguntas do jogo	82
Figura 26 – Fotografia de uma criança escolhendo o prêmio.....	84
Figura 27 – Fotografia retratando uma das entrevistas individuais, em 2018.....	87
Figura 28 – Foto retratando os Brinquedos de miriti no Círio, em 2018	99
Figura 29 – Fotografia da corda que demarca o espaço das crianças do Projeto Caminhos do Círio na Romaria do Círio, em 2017	113
Figura 30 – Fotografia de uma das crianças do projeto caminhos do círio rezando	115

Quadros

Quadro 1 – Pesquisa no Banco de Dados da Capes, do Instituto Brasileiro de Informação da Ciência e Tecnologia e da Biblioteca do Círio com o descritor Saberes e Festas Religiosas, no período de 2008 a 2017.	24
Quadro 2 – Pesquisa no Banco de Dados da Capes, do Instituto Brasileiro de Informação da Ciência e Tecnologia e da Biblioteca do Círio com o descritor Criança e Círio de Nazaré, no período de 2008 a 2017.	27
Quadro 3 – Quadro do perfil sócio histórico dos intérpretes.....	65
Quadro 4 – Sistematização dos saberes das crianças do Projeto Caminhos do Círio no contexto do Círio de Nazaré.....	123

LISTA DE SIGLAS

CAN	Centro Arquitetônico de Nazaré
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
FAJE	Faculdade Jesuítica
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IES	Instituição de Ensino Superior
IPHAN	Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional
PUC/SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo SC Santa Catarina
SEDUC	Secretaria de Estado de Educação/PA
SEMEC	Secretaria Municipal de Educação
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UCP	Universidade Católica de Petrópolis
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UEPA	Universidade Estadual do Pará
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFES	Universidade Federal do Espírito santo
UFG	Universidade Federal De Goiás
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UP	Universidade Paulista
USPM	Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo

SUMÁRIO

SEÇÃO I	13
1.1 DO CAMINHO, DA PROCISSÃO À PESQUISA.....	13
1.2 PROJETO CAMINHOS DO CÍRIO E A HISTÓRIA	17
1.3 UM OLHAR SOBRE PESQUISAS COM CRIANÇAS E INFÂNCIA	22
1.4 CÍRIO DE NAZARÉ: SABERES, CULTURAS E VIVÊNCIAS	30
SEÇÃO II	49
2.1 CAMINHO METODOLÓGICO	49
2.1.1 O método da pesquisa	49
2.1.2 Técnicas de Pesquisa	52
2.1.3 Os intérpretes da pesquisa	60
2.1.3.1 <i>Perfil sócio histórico dos intérpretes</i>	64
2.1.4 Lócus: A Cidade das Mangueiras e o Círio de Nazaré	68
2.1.5 Coleta de dados	73
2.1.5.1 <i>Primeiro encontro: o contar do achado da imagem da Santa</i>	73
2.1.5.2 <i>Segundo encontro: o desenho infantil</i>	77
2.1.5.3 <i>Terceiro encontro: o jogo de perguntas e respostas</i>	80
2.1.6 As entrevistas	86
2.1.7 Tratamento de dados	88
2.1.8 Ética na pesquisa com crianças	90
SEÇÃO III	92
3.1 O CAMINHAR POR ENTRE SABERES E CULTURAS	92
SEÇÃO IV	106
4.1 SABERES E PROCESSOS EDUCATIVOS PRESENTES NO COTIDIANO DAS CRIANÇAS DO PROJETO CAMINHOS DO CÍRIO	106
4.1.1 Saberes da religiosidade	111
4.1.2 Saberes da história	116
4.1.3 Saberes da economia	119
4.1.4 Saberes da ludicidade	120
SEÇÃO V	125
5.1 A CHEGADA DA PROCISSÃO	125
REFERÊNCIAS	130

APÊNDICES	134
APÊNDICE (A)	135
APÊNDICE (B)	137
APÊNDICE (C)	138
ANEXOS	139
ANEXO (A)	140
ANEXO (B)	141

SEÇÃO I

1.1 DO CAMINHO, DA PROCISSÃO À PESQUISA

Figura 1 – Fotografia da Romaria do Círio de Nazaré, em 2017



Fonte: Arquivo pessoal de Cristina Carvalho (2017)

Um aglomerado, uma multidão, um “rio de gente” que segue seu curso pelos braços e túneis cobertos pelas copas das mangueiras no trajeto do Círio de Nazaré, nesse ajuntamento, sujeitos produtores e condutores de diferentes anseios e diferentes culturas caminham com e pela imagem de Nossa Senhora de Nazaré, é a ebulição do sagrado, social e cultural. Nesse cenário, crianças transitam em meio ao colorido da festa, numa relação que entrelaça a cultura, a infância e os saberes que se constroem fora da educação formal ditada pela escola.

Dentro desse “rio de gente”, também me vi por muitos Círios observando o ir e vir das crianças nessa romaria, por vezes, rememorei situações de minha infância e a minha inserção nessa festa, do encantamento com as fitas coloridas arrumadas em uma base de miriti, onde vendedores que por mim passavam, na esquina da Avenida Nazaré com a Travessa Quintino Bocaiúva, muitos anos fui levada pela minha família para ver a “passagem da Santa”.

Os anos passaram, e o olhar sobre as crianças no contexto do Círio de Nazaré agora parte de um outro lugar, da perspectiva de um adulto, que teve plantado no fazer pedagógico, do cotidiano como educadora, o desejo de conhecer os saberes que se constituem no cenário multicultural do Círio de Nossa de Nazaré, entre as crianças que vivenciam a festa religiosa. Descobri que a minha relação com esse evento se deu ainda na infância, no convívio familiar na capital, onde presenciava todos os anos, nos meses que antecediam o Círio de Nazaré, a feitura de Brinquedos do Círio confeccionados pelo meu tio-avô e pela minha avó materna

(hoje, ainda rememoro o colorido das folhas de papel de seda e a sonoridade do roçado do fio barbante na goma de breu, usados na produção do roc-roc¹), brinquedos que eram vendidos nas proximidades do trajeto da romaria, no centro de Belém (durante a “passagem da santa”, para onde uma parte das crianças da família eram levadas para a apreciação da “mãezinha do céu”), ou em sua residência, no bairro da Pedreira.

Figura 2 – Fotografia de Brinquedos Roc-roc



Fonte: www.diarioonline.com.br

Ao término das festividades eu, meus irmãos e primos tínhamos um momento muito especial com os brinquedos que nos eram dados, brinquedos feitos de afeto, manufaturados pelas mãos de nossa avó, todos os anos éramos presenteados, acontecimento que, para nós, por muito tempo, alegrava e coloria a infância. Hoje, imersa em leituras de cunho acadêmico entendo essa lembrança como algo semelhante dito por Maurice Halbwachs (2004, p. 42): “É difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em que nossas sensações fossem apenas o reflexo dos objetos exteriores, no qual não misturávamos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos prendiam aos homens e aos grupos que nos rodeavam.”

A relação e a devoção de minha família com Nossa Senhora de Nazaré e as festividades para homenageá-la, perpassam gerações, essa relação toma a forma de um pertencimento em relação à festa sagrada e aos lugares onde ela acontece. Dizem que a minha avó materna se “comprometeu” ainda nos tempos de infância de minha mãe, que foi acometida por um problema de visão nos primeiros anos de vida, tendo minha avó prometido que ao curá-la, a

¹ Brinquedo sonoro de papel em forma cilíndrica, fio barbante, madeira e breu, cuja a sonoridade do roçado do fio na madeira, chama a atenção e anuncia a época das festividades do Círio de Nazaré (Fonte: <http://www.diarioonline.com.br/entretenimento/cultura/noticia-222183-.html>)

santa receberia a pequena criança vestida de anjo no Círio de Nazaré, e assim aconteceu, a promessa foi cumprida, e a relação com a santa e o Círio foi renovada.

Assim, várias gerações de minha família foram nutrindo essa devoção e gratidão à Nossa Senhora de Nazaré. Tias, primos, primas e minha irmã mais velha (quase todos) já homenagearam a santa vestidos de anjos, em diferentes anos de realização da romaria, esse fato – memória do passado – é constantemente rememorado no presente, sempre que nos reunimos em volta da mesa no “almoço do Círio”. A partir dessas “forças subjetivas” reitero essa memória familiar tendo como referência a reflexão adiante:

Começa-se a atribuir à memória uma função decisiva no processo psicológico total: a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1994, p. 46-47).

Visivelmente, em meu grupo familiar, a tradição do Círio permanece viva nos dias atuais, todos os anos participo de algumas romarias e atividades da festa sagrada, e no almoço do domingo do Círio, a grande família se reúne na casa de minha mãe, mas nos tempos que a minha avó Izabel ainda vivia, o almoço era então realizado em sua residência.

Durante as caminhadas que faço nas romarias de Nazaré permito um exercício individual e memorialístico, uma descida em mim, em minhas memórias que traduzem os modos de vida de minha família, de uma parte significativa do povo paraense, por ter nascido e crescido na capital do Pará, do simbolismo cultural que transita nas diferentes gerações do meu núcleo familiar e dos grupos sociais que faço parte. Novamente, como um exercício ativo de minhas experiências é que o passado e o presente se entrelaçam. Assim, eu analiso as experiências vividas, a diversidade de coisas e sentimentos que me tomam no interior de todo esse emaranhamento social que é a vida se entretecendo e se fazendo em diferentes cores e imaginários socioculturais, como descrito na citação abaixo:

Foi refletindo sobre sua própria experiência vivida e analisando a diversidade dos comportamentos, das tendências, dos sentimentos através dos quais nós nos classificamos, nós mesmos e os outros, na famosa escala social, que formou a ideia, sem dúvida magistral, de que o homem se caracteriza essencialmente por seu grau de integração no tecido das relações sociais. (HALBWACHS, 2004, p. 23).

Nesses termos, foi durante o Mestrado muitas leituras e diferentes epistemologias me levaram a perceber que processos educativos são possíveis e reais em diferentes espaços e

realidades. Diferentes formas educativas dadas pelo viés da cultura, especificamente no contexto do Círio de Nazaré, encharcam a vivência de crianças antes, durante e depois da festa religiosa.

Nesse cenário a relação com o objeto de pesquisa foi amadurecendo, aos poucos, redirecionei o meu olhar para além de uma festa religiosa, isso desnudou de forma acentuada outras dimensões imbricadas nessas comemorações, onde a cidade “se veste” de Círio. Ao mesmo tempo em que exala cheiros característicos como o olor da maniçoba; a cidade é banhada pelas chuvas da tarde, e junto com o balançar das folhas das mangueiras, ouve-se os hinos em homenagem à padroeira Nazaré. Estabelecendo uma sincronicidade entre o sagrado e a cultura paraense, elementos que se traduzem em diferentes processos educativos vividos por indivíduos todas as idades, nessa grande malha social. Assim sendo, para Jean Duvignaud (1983, p. 31-32) a festa é um “ato surpreendente, imprevisível, ela se declara tanto durante as cerimônias rituais com as quais não se confunde, quanto ao longo de toda a manifestação pública”.

Ao redirecionar meu olhar para as festividades do Círio de Nazaré, e passar a percebê-las como um importante espaço de circulação e movência de saberes e culturas, cheguei ao grupo infantil da Guarda Mirim de Nazaré com a intencionalidade de pesquisar os saberes das crianças participantes desse grupo social. Contudo, ao adentrar em algumas atividades do grupo em questão, como, por exemplo, as reuniões que discutiam aspectos religiosos e culturais com as crianças, pude perceber que a dinâmica e a temporalidade dos encontros eram incompatíveis com as ações pensadas para o desenvolvimento de minha pesquisa de mestrado. Fato que me fez repensar junto a minha orientadora, novos caminhos e um outro grupo infantil evangelizador, que também estivesse inserido no contexto do Círio de Nazaré, mudança que ocorreu logo no início dessa intensa caminhada científica.

A partir disso, busquei um olhar sensível sobre a vivência das crianças no Círio de Nazaré, sujeitos que protagonizam o Projeto Caminhos do Círio, direcionado para os processos educativos e os saberes culturais que movimentam a esfera pública no contexto da Amazônia, uma vez que a festa tem a sua marca genuína que demarca a cultura sagrada e popular no espaço geográfico que é caracterizado por uma singularidade multicultural e própria.

Partilho da ideia de que os saberes se constituem em diferentes espaços, e que são tão importantes quanto os construídos e validados dentro da academia e sobre o vigor da ciência oficial. É através do processo de constituição desses saberes, que o homem busca maneiras de entender situações vivenciadas no mundo como forma de significação e compreensão, ressignificando as vivências que fortalecem a identidade de grupos sociais, que tecem em seu

cotidiano saberes que são perpetuados em diferentes gerações, e que constituem a identidade coletiva e individual das pessoas.

Por essa lógica, busquei ancoragem no pensamento de Bernard Charlot (2000, p. 80), sobretudo, no ponto em que se lê que a “relação com o saber é um conjunto de relações e, não, uma acumulação de conteúdos psíquicos, e estendendo-se a definição para além do saber-objeto e da escola”. Em síntese, por acreditar que os saberes tecidos nas relações e práticas sociais, mais especificamente no contexto das crianças que participam do Projeto Caminhos do Círio atravessam e se entrelaçam com a cultura e com os modos de vida dos paraenses, além disso, reflito sobre os caminhos para os quais esses saberes culturais convergem e se transformam em processos educativos, tendo como atores principais desse enredo, as crianças.

1.2 PROJETO CAMINHOS DO CÍRIO E A HISTÓRIA

A história do Projeto Caminhos do Círio surgiu no ano 2000, a partir da prática pedagógica da professora Flávia Meireles, na época, lotada na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Walter Leite Caminha, na turma de primeiro ano do Ensino Fundamental e na sala de leitura da escola. A instituição está localizada no Conjunto Catalina, bairro Mangueirão, em Belém do Pará, com alunos do bairro do Mangueirão e do Pantanal. A professora observou que durante as festividades do Círio de Nazaré, algumas crianças se ausentavam das atividades da escola, pois muitos alunos ajudavam no trabalho com as vendas junto a seus familiares.

Ao perceber o desconhecimento das crianças em relação à história do Círio de Nazaré, uma vez que muitas delas só conheciam o centro de Belém e a procissão do Círio através de imagens televisivas, e ao trabalharem com vendas em algumas ruas de Belém, bem como no espaço do Arraial de Nazaré, foi então que a professora Flávia teve a ideia de desenvolver na biblioteca da escola, um projeto de cunho pedagógico com o objetivo de retratar a história do Círio, e situar as crianças (numa faixa etária que corresponde dos 6 aos 14 anos de idade) nessa festa que envolve a cultura local, fazendo-os perceber que a “mercadoria” vendida por elas e seus familiares, como as fitinhas coloridas (para promessas), os brinquedos de miriti e as comidas típicas são elementos da cultura local repletos de significados para a vida.

O objetivo do Projeto Caminhos do Círio é trabalhar o tema Círio de Nazaré e os elementos da cultura paraense. Dentro desse recorte, promover ainda a importância do respeito às diferentes visões religiosas; contextualizar a vivência de algumas crianças da escola que trabalham com vendas durante a festividade e, a pedidos de alguns responsáveis, evangelizar

as crianças como base nos preceitos do catolicismo devocional, dando ao projeto um status evangelizador infantil.

No primeiro ano de realização do projeto, a adesão dos demais professores da escola foi tímida, com o passar do tempo, essa realidade mudou, mesmo com uma parcela de pessoas evangélicas no quadro funcional (fato que desencadeava conflitos de intolerância religiosa nos espaços da escola), uma parte da comunidade educativa aderiu ao projeto, com outros professores dando suporte ao desenvolvimento das atividades pedagógicas sobre o Círio de Nazaré, como a professora Elaine Moreira², que permanece até os dias atuais.

No início o projeto contou com a participação de 40 (quarenta) crianças, em 2006 já contava com aproximadamente um grupo de 80 (oitenta) crianças, além de outras pessoas da comunidade escolar, de diferentes religiões, que se propuseram a ajudar no desenvolvimento das diferentes atividades. Várias atividades do projeto eram realizadas no âmbito pedagógico, como conversas temáticas com uso de imagens, pesquisas dirigidas, contar histórias, pesquisas geográficas do espaço físico de Belém e do trajeto do Círio, com uso de mapas e exposições das produções do projeto e a coroação de Nossa Senhora numa dimensão mais religiosa.

Assim, ao final das festividades do Círio de Nazaré, as produções das crianças eram expostas no interior da escola, como mostra a seguir a foto da exposição de 2004:

Figura 3 – Fotografia da Exposição sobre o Círio, em 2004



Fonte: Arquivo pessoal de Flávia Meireles (2004)

² Elaine Cristina Lima Moreira, pedagoga da Secretaria Municipal de Educação de Belém (Semec), professora do Ensino Fundamental na Escola Maria Luíza Pinto do Amaral

O interesse das crianças da escola pelo projeto cresceu de forma significativa, assim como a necessidade de contextualizar o Círio de Nazaré, a malha social em que ele está inserido, elementos e os símbolos culturais que fazem parte desse cenário e o espaço geográfico em que o Círio e as crianças como agentes sociais se inserem.

A partir dessa crescente necessidade, o projeto passou a realizar uma aula passeio pela cidade de Belém, percorrendo espaços como a Basílica Santuário, a Igreja da Sé, o Museu do Círio e todo o trajeto da Trasladação e do Círio de Nazaré, assim como o Aeroporto Internacional de Belém, como ponto de chegada dos turistas para as festividades, para que as crianças se familiarizem com o contexto Círio e a cidade em que moram.

A primeira aula passeio aconteceu no ano de criação do projeto, com a participação de um grupo de aproximadamente 40 (quarenta) crianças e 10 (dez) adultos, contando com professores e pais voluntários. A ação foi possível graças ao rateio entre os professores envolvidos no projeto e alguns voluntários que se propuseram a ajudar do pagamento do aluguel de 2 (dois) ônibus usados para o transporte das pessoas, já que o projeto não recebe ajuda financeira de nenhum órgão ou instituição. A foto a seguir registra um dos momentos da aula passeio ocorrida no ano de 2000:

Figura 4 – Fotografia da visita das crianças do Projeto Caminhos do Círio à Basílica Santuário/Aula passeio, em 2000



Fonte: Arquivo pessoal de Flávia Meireles (2000)

O interesse das crianças pelo referido projeto foi crescendo de forma significativa, assim como a necessidade de contextualizar o Círio de Nazaré, no sentido de problematizar a malha social em que ele está imerso, estudar os elementos e os símbolos culturais que fazem

parte desse cenário, compreender determinados aspectos do espaço geográfico em que o Círio e as crianças como agentes sociais estão inseridas.

No ano de 2010, a professora Flávia Meireles foi transferida para a Escola Municipal Maria Luiza Pinto do Amaral, localizada no bairro da Sacramento³ em Belém, e assim, após autorização da direção da escola e do comunicado feito à Secretaria Municipal de Educação-SEMEC, as atividades do Projeto Caminhos do Círio passaram a se realizar nessa escola, mas por um tempo o espaço da escola foi negado para as atividades do projeto (em função da nomeação de um diretor de religião evangélica), e alguns encontros do projeto aconteceram na casa da professora Elaine Moreira, que é vizinha da escola Maria Luiza na Passagem Mucajá, no mesmo bairro. Atualmente, a Escola Maria Luiza Pinto do Amaral conta com nova direção, e os encontros das crianças do Projeto Caminhos do Círio acontecem nas dependências da escola e no espaço da casa da professora Elaine Moreira.

Já no bairro da Sacramento, algumas crianças do bairro do Mangueirão e do Pantanal continuaram a frequentar o projeto, que passou a ser realizado em encontros semanais, aos sábados, juntamente com algumas crianças da Escola Maria Luiza, mas a dificuldade de deslocamento das crianças do bairro Mangueirão para a Sacramento foi decisiva para o afastamento delas das atividades do projeto, o alto valor do transporte público se tornou um empecilho para o deslocamento de um bairro para outro.

Por conta da dificuldade de deslocamento das crianças, ainda no ano de 2010, algumas atividades do projeto continuaram a ser desenvolvidas na Escola Municipal Walter Leite Caminha, ficando sobre a responsabilidade da professora Flávia Meireles, na Sacramento a condução era por conta da professora Elaine Moreira (que já havia sido transferida para a escola do bairro) e a professora Carmem Serra⁴ conduziu alguns encontros com as crianças do bairro do Umarizal, que demonstraram interesse pelo projeto, tudo sob a coordenação da criadora do projeto.

No ano de 2010 o número de crianças para a aula passeio chegou a aproximadamente 100 (cem) participantes, fator que trouxe mais dificuldades, por conta dos custos com a

³ Segundo a Lei 7.806, de 30 de julho de 1996, o bairro compreende a área envolvida pela poligonal que tem início na interseção da Rua Nova com a Trav. Mauriti, segue por esta até encontrar a Av. Senador Lemos, dobra à direita e segue por esta até o canal do Galo, dobra à esquerda e segue por este até encontrar o Canal São Joaquim, dobra à direita e segue por este até a Av. Júlio César, dobra à direita e segue por esta até a Av. Pedro Alvares Cabral, flete à direita e segue por esta até encontrar o muro que delimita as instalações do Ministério da Aeronáutica, dobra à esquerda e segue contornando o muro até encontrar a Av. Senador Lemos, dobra à direita e segue por esta até a Trav. Alferes Costa, flete à esquerda e segue por esta até a Rua Nova, flete à direita segue por esta até o início da poligonal. (Fonte: www.belem.gov.br).

⁴ Carmem Lúcia Furtado da Serra, pedagoga da Semec, professora do Ensino Fundamental na Escola Maria Luíza Pinto do Amaral.

quantidade maior de ônibus e da alimentação dos participantes. Na atualidade, as atividades do Projeto Caminhos do Círio se concentram no bairro da Sacramento, o projeto conta com a participação de aproximadamente 40 (quarenta) crianças, meninos e meninas, com idade entre 6 (seis) e 14 (quatorze) anos de idade, a grande maioria reside no bairro da Sacramento, sendo estudantes de escolas públicas situadas no bairro, algumas participantes da catequese da Igreja de São Sebastião e vizinhas da Escola Municipal Maria Luiza Pinto do Amaral.

O ingresso no projeto se dá através da inscrição das crianças na primeira reunião anual do grupo, e sua permanência depende da participação e da assiduidade nos encontros do grupo. A contribuição pedagógica do Projeto Caminhos do Círio chegaria ao conhecimento do padre Silvio Jacques, pároco da Basílica Santuário e coordenador do Círio das Crianças, por volta de 2010, que reconheceu a existência e o desenvolvimento das atividades do Projeto, oficializando o convite para que projeto se tornasse parte da Romaria Oficial do Círio das Crianças, sendo reconhecido como importante grupo evangelizador infantil.

Desde então, os integrantes do Projeto Caminhos do Círio participam da Romaria do Círio das Crianças anualmente, embora não recebam incentivos financeiros para transporte e alimentação das crianças e, a partir de algumas mudanças na organização da romaria não mais é garantido ao grupo espaço para os participantes do projeto dentro da programação durante o trajeto do Círio das Crianças. Assim sendo, por ser uma procissão popular, a participação do grupo se dá de maneira independente da organização oficial da diretoria do Círio das Crianças, como mostra a foto a seguir:

Figura 5 – Fotografia retratando a participação das crianças do Projeto Caminhos do Círio no Círio das Crianças, em 2017



Fonte: Arquivo pessoal de Flávia Meireles (2017)

Em dezoito anos de existência, o Projeto Caminhos do Círio já contabiliza a participação de aproximadamente trezentas crianças, segundo a criadora do projeto, e segue contribuindo significativamente para a valorização da cultural local, ressignificando a vida dos sujeitos que se relacionam com o Círio de Nazaré, e as diferentes dimensões que permeiam essa festa religiosa, social e cultural.

Nesse sentido, pensar a vivência das crianças do Projeto Caminhos do Círio, no contexto multicultural do Círio de Nazaré, é considerar o cenário dessas festividades como um espaço fértil de produção e circulação de saberes da vida, da cultura e de práticas sociais. Diante dessa questão o estudo apresenta a seguinte questão: quais saberes e práticas educativas estão presentes entre as crianças que fazem parte do Projeto Caminhos do Círio no Círio de Nazaré?

Além do mais, outras questões emergem para dar suporte e nortear a pesquisa: 1. De que forma os saberes são vivenciados pelas crianças nas festividades do Círio de Nazaré? 2. quais saberes são partilhados pelas crianças no projeto? 3. Que práticas educativas são vivenciadas pelas crianças no Círio de Nazaré?

Mediante a tentativa de entender o problema da pesquisa e responder as questões que a norteiam, o objetivo geral é analisar os saberes culturais e as práticas educativas das crianças que participam do Projeto Caminhos do Círio no contexto do Círio de Nazaré.

E ainda como objetivos específicos a proposta é mapear os saberes culturais presentes e vivenciados pelas crianças no contexto do Círio de Nazaré; catalogar os saberes culturais vivenciados pelas crianças no contexto do Círio de Nazaré; investigar possíveis processos educativos presentes na relação das crianças com o Círio de Nazaré.

Por entender que os saberes são construídos histórica e culturalmente nas relações do homem com seus pares e consigo mesmo ao significar o mundo para viver, esta pesquisa também busca contribuir para a produção científica que retrata a necessidade da valorização dos saberes e dos processos educativos, saberes que embasam a dimensão social e cultural da vida dos intérpretes do estudo em questão.

1.3 UM OLHAR SOBRE PESQUISAS COM CRIANÇAS E INFÂNCIA

Nesse panorama, o contexto acadêmico e as atividades desenvolvidas aprofundaram minha intencionalidade em desvelar os saberes que permeiam a vida das crianças do Projeto Caminhos do Círio, esse grupo, em especial, por fazer parte da teia sociocultural e religiosa que cerca a estruturação desta festa que homenageia Nossa Senhora de Nazaré, assim vislumbro a

possibilidade de pesquisar esses saberes, relacionando-os ao acadêmico na estruturação da pesquisa.

As festividades do Círio de Nazaré fazem parte da malha histórico-social em que saberes e elementos da cultura amazônica se entrecruzam na configuração e representação dos modos de vida e na significação desta no contexto paraense. Como bem se observa no excerto em seguida, em que a vida cotidiana se recria e ressignifica na cultura, “onde os fios da Vida transformados em memórias, em palavras, em gestos de sentimentos recobertos do desejo da mensagem, recriam a cada instante o mundo que entre nós inventamos desde que somos seres humanos, e com este estranho nome: cultura.” (BRANDÃO, 2002, p. 16).

Isso implica dizer que os modos de vida dos grupos sociais retratam diferentes concepções de mundo, e assim diferentes saberes estruturam e validam sua existência na sociedade, essa estruturação se dá através de processos educativos cotidianos.

À vista disso, meu olhar busca desvelar os saberes do cotidiano das crianças do Projeto Caminhos do Círio e o acadêmico, com o intuito de refletir sobre o fato de que o saber, não se constitui somente nos chamados espaços formais de educação, ou seja, aqueles espaços institucionalizados.

Como parte importante da pesquisa, busquei conhecer as produções acadêmicas produzidas no recorte temporal indicado entre 2008 e 2017, no banco de teses da Capes, no Instituto Brasileiro de Informação da Ciência e Tecnologia e da Biblioteca do Círio, no sentido demarcar as produções que retratam os saberes em consonância com as festividades religiosas e os processos educativos que emergem nessas relações, essa busca foi realizada através das palavras-chave a seguir: Criança e Círio de Nazaré; Criança e Saberes e Criança e Festas Religiosas.

Durante o acesso e procurando aproximar afinidades científicas com minha intenção de pesquisa, foram encontrados mil quinhentos e oitenta e nove trabalhos relacionando a criança, em diferentes áreas do conhecimento, vinte e nove trabalhos relacionados aos Saberes e Festas Religiosas e doze pesquisas sobre o Círio de Nazaré, pesquisas realizadas em programas de Mestrado e Doutorado.

Diversas combinações com as palavras-chave foram realizadas e pesquisadas, no entanto, nenhuma pesquisa foi encontrada com a matriz Criança, Saberes e Círio de Nazaré. Sobre a categoria Criança e Círio de Nazaré, foram encontradas diferentes pesquisas na área da Educação, Saúde e Teologia, o que configura uma diversidade de olhares e epistemologias tendo a criança como objeto de pesquisa. Contudo, nenhuma das pesquisas envolvem a criança,

o Círio de Nazaré e os saberes construídos e partilhados por esses sujeitos no decorrer da infância.

Assim, as pesquisas sobre a categoria “Saberes e festas Religiosas” no banco de teses da Capes, do Instituto Brasileiro de Informação da Ciência e Tecnologia e na Biblioteca do Círio, retratam o tema abordado em diferentes áreas do conhecimento, dando ênfase ao pagamento de promessas, influências culturais em grupos sociais, empoderamento identitário e territorial de grupos, história da Igreja Católica, rituais de cura e fúnebres na constituição étnica de grupos do sul da Bahia e a relação entre a música e a religiosidade, como bem evidencia o quadro adiante:

Quadro 1 – Pesquisa no Banco de Dados da Capes, do Instituto Brasileiro de Informação da Ciência e Tecnologia e da Biblioteca do Círio com o descritor Saberes e Festas Religiosas, no período de 2008 a 2017.

Área	IES	Nível	Ano	Título da Pesquisa	Autor
Sociologia	UFAM	M	2011	Festa de santo: o pagamento de promessas em Parintins-Am	Correa, Rosimay
História	UFG	D	2010	Religiosidade e devoção: as festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo em Natividade-TO	Messias, Noeci Carvalho
Ciências Sociais	UFES	M	2011	O ciclo de festas para São Benedito de Piabas	Machado, Vitor Hugo Simon
Arte	UFPA	M	2012	Fitas de cetim, papel crepom, flores de plástico... Será um “o Benedito”?	Chagas, Eduardo Wagner Nunes
História Social	UFMA	M	2016	Manifestações da fé católica: Um estudo sobre as festas de Nossa Senhora dos Remédios, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora do Rosário em São Luís (1850-1875)	Oliveira, Milena Rodrigues de
Educação e contemporaneidade	UFBA	M	2013	No chão do terreiro: Tradições Religiosas e festivas, aprendizagens e identidade étnica no povoado do Mucambo	Vidal, Rogerio Lima
Ciência da Religião	PUC-SP	D	2016	O devoto folião e a folia divina: música e devoção nas folias católicas em Montes Claros (MG) 2012-2015	Sarmiento, Luciano Candido e
História	UFU	M	2014	“Lá vem chegando são Sebastião, vem aqui te visitar”: festas, andanças e folias no interior goiano (1960/2014)	Oliveira, Anderson Aparecido Goncalves de
Ciência da Religião	PUC-SP	D	2016	Heranças de fé no sertão de São Francisco: devotos e romeiros na tradicional festa de Santo Antônio em Serra das Araras/MG	Barbosa, Denílson Meireles
Educação	UEPA	M	2017	Crianças que dançam, crianças que louvam saberes presentes na marujada de Tracuateua/Pa: o olhar da criança sobre a festa	Silva, Dilma de Oliveira
Educação	UEPA	M	2017	Cultura, saberes e educação: a festividade de São Tiago, na voz das crianças de Mazagão Velho no Amapá	Pastana, Marlon Assis

Fonte: Elaboração própria

Pesquisadores como Corrêa (2011), em sua pesquisa de Mestrado “FESTA DE SANTO: o pagamento de promessas em Parintins-AM”, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas, discutiu o contexto de duas festas de Santos como cenário de pagamento de promessas, os motivos das promessas, as contribuições sociais dessas duas festas para esse grupo social e a influência destas, no modo de pensar dessas comunidades.

Enquanto que Messias (2010), apresentou ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás, a tese cujo título é “RELIGIOSIDADE E DEVOÇÃO: as festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo em Natividade-To”, analisou a devoção popular no cotidiano das manifestações religiosas do Divino e do Rosário, e a expressão destas, durante os rituais dessas duas festividades.

Já Machado (2011), em sua dissertação de Mestrado, do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo, com o título de “O CICLO DE FESTAS PARA SÃO BENEDITO DE PIABAS”, buscou compreender a relação entre as práticas festivas religiosas e o empoderamento da identidade e a territorialidade de grupos sociais da região norte do Espírito Santo.

O trabalho de Chagas (2012), dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, Mestrado Acadêmico em Artes, que tem como título: “FITAS DE CETIM, PAPEL CREPON, FLORES DE PLÁSTICO... será um o Benedito? Festas, símbolos e identidades no bairro de Jurunas em Belém do Pará”, estudou o processo de elaboração de símbolos no contexto dessa festividade, como produto e reflexo das misturas associadas ao aspecto híbrido da cultura brasileira.

A dissertação de Oliveira (2016), defendida no Mestrado no Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Maranhão, intitulada: “MANIFESTAÇÕES DA FÉ CATÓLICA: um estudo sobre as festas de Nossa Senhora dos Remédios, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora do Rosário em São Luís (1850-1875)”, retratou a História da Igreja Católica no recorte de (1850-1875), assim como, as categorias sujeito/histórico e a dimensão política que emoldurava essas festividades.

O pesquisador Vidal (2013), apresentou ao Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, na Universidade do Estado da Bahia, a seguinte dissertação: “NO CHÃO DO TERREIRO: tradições religiosas e festivas, aprendizagens e identidade étnica no povoado do Mucambo, oeste da Bahia”, onde o autor realizou uma análise das práticas de cura e dos rituais fúnebres na constituição da identidade étnica dos moradores do povoado de Mucambo.

Sarmento (2016), em sua tese: “O DEVOTO FOLIÃO E A FOLIA DIVINA: música e devoção nas folias católicas em Montes Claros (MG) 2012-2015”, apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC, abordou a religiosidade dos foliões e a relação desta religiosidade com a música e a ressignificação das práticas religiosas na realização desses eventos.

E Oliveira (2014), em sua pesquisa de Mestrado, no Programa de Pós-graduação em História, vinculado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, com o título “LÁ VEM CHEGANDO SÃO SEBASTIÃO, VEM AQUI TE VISITAR: festas, andanças e folias no interior goiano (1960-2014)”, centrada em uma análise das práticas e dos saberes rurais, perpassando pela religiosidade como elemento cultural de expressão dos modos de vida do interior goiano.

A tese de Barbosa (2016) vinculada ao Programa do Pós-Graduação em Ciência da Religião – CRE - DINTER PUCSP/Unimontes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, intitulada “HERANÇAS DE FÉ NO SERTÃO DE SÃO FRANCISCO: devotos e romeiros na tradicional festa de Santo Antônio em Serra das Araras/MG” avaliou a tradição das romarias religiosas e as práticas devocionais, assim como, a manutenção dos saberes e dos fazeres religiosos no contexto cultural desta festa realizada na Serra das Araras, ao Norte de Minas Gerais.

O trabalho de Silva (2017), defendido no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará, dissertação de Mestrado intitulada “CRIANÇAS QUE DANÇAM, CRIANÇAS QUE LOUVAM SABERES PRESENTES NA MARUJADA DE TRACUATEUA/PA: o olhar da criança sobre a festa”, nessa pesquisa a autora investigou os saberes culturais que perpassam a festividade da marujada de Tracuateua, com o objetivo de traçar a compreensão da criança sobre as festividades da marujada.

Por fim, Pastana (2017), em sua dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará, com o título “CULTURA, SABERES E EDUCAÇÃO: a festividade de São Tiago, na voz das crianças de Mazagão Velho no Amapá”, analisou os saberes das crianças presentes nessa festividade, relacionando-os com processos educativos vinculados ao conceito de educação não formal.

Com base no mapeamento das doze produções relacionadas ao Círio de Nazaré e no afunilamento da pesquisa sobre os resumos das referidas produções, foram detectadas discussões acerca dos roteiros devocionais, espaços geográficos, mídiatização da berlinda, processos de interação entre fiéis e a igreja, reflexões sobre discursos religiosos, modernização das práticas de lazer no Círio de Nazaré, discussão sobre os aspectos econômico, ambiental e

cultural da festa, as práticas sociais dos peixeiros do Ver o Peso e as sociabilidades destas entre esses interlocutores sociais, as transformações do Círio a partir de diferentes lógicas culturais na década de 70, e a festa do Círio como expressão da fé eclesial.

Embora não retratem a criança no cenário da festa religiosa, constam algumas produções acadêmicas com esse tema, em alguns casos, há uma certa aproximação das discussões com a pesquisa realizada.

Quadro 2 – Pesquisa no Banco de Dados da Capes, do Instituto Brasileiro de Informação da Ciência e Tecnologia e da Biblioteca do Círio com o descritor Criança e Círio de Nazaré, no período de 2008 a 2017.

Área	IES	Nível	Ano	Título da Pesquisa	Autor
Comunicação e Marketing de Consumo	ESPM-SP	M	2009	A comunicação, recepção e consumo- Construção de sentidos na arena do popular: A berlinda do Círio de Nazaré como suporte midiático	Junqueira, Antônio Hélio
Geografia	UECE	M	2013	A fé que caminha sobre a terra e as águas: os roteiros devocionais do Círio de Nazaré e suas manifestações espaciais	Figueiredo, Vera Lucia Martins
Teologia	FAJE/MG	D	2008	Círio de Nazaré: a festa da fé como comunhão solidária uma análise teológica a partir da concepção de fé de Juan Luís Segundo	Azevedo, Josimar da Silva
História	PUC-SP	D	2010	Círio de Nazaré: a festa da fé e suas (re) significações culturais- 1970-2008	Correa, Ivone Maria Xavier de Amorim
Ciências Sociais	UFPA	M	2010	Sociabilidades no mercado de peixe do Ver-o-Peso durante o Círio de Nazaré	Nascimento, Lícia Tatiana Azevedo de
Ciências Sociais	PUC-SP	D	2010	Belém em festa: a economia lúdica da fé no Círio de Nazaré	Matos, Lucília da Silva
Letras	UCP/RS	M	2012	O discurso religioso do Círio de Nazaré: uma dívida com o sagrado	Assunção, Ildimar Viana
Comunicação	UP	M	2015	A romaria virtual de Nazaré	Silva, Ariana Nascimento da

Fonte: Elaboração própria

A exemplo, cito Junqueira (2009), em sua dissertação de Mestrado, do Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo, da Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo, intitulada “COMUNICAÇÃO, RECEPÇÃO E CONSUMO-CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NA ARENA DO POPULAR: a berlinda do Círio de Nazaré como suporte midiático”, que realizou uma análise da recepção de um projeto de comunicação, desenvolvido pelos produtores paraenses de folhagens e flores tropicais (que no passado eram compradas na região sudeste do Brasil), e que atualmente servem de decoração da berlinda que transporta a imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré, nas romarias oficiais da festa,

como forma de ressignificar a identidade cultural da região e os modos de vida desse grupo social.

Além de Figueiredo (2013), que ao apresentar sua dissertação ao Curso de Mestrado Acadêmico em Geografia do Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual do Ceará, com o título: “A FÉ QUE CAMINHA SOBRE A TERRA E AS ÁGUAS: os roteiros devocionais do Círio de Nazaré e suas manifestações espaciais”, retratou os roteiros geográficos de devoção e a dimensão espacial a que chegou o Círio de Nazaré, assim como, fez a crítica aos modos colonizadores da população paraense, que, no passado, foram moldados com os dogmas da Igreja e da cultura europeia, invisibilizando aspectos dos modos de vida local e a multiculturalidade em que a vida na Amazônia está imersa. Nesse cenário, Figueiredo (2013), ressaltou ainda a participação popular durante as romarias do Círio, como uma das formas de validação da cultura e da fé do povo paraense.

No estudo de Azevedo (2008), apresentado ao Programa de Pós-graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta- FAJE – Belo Horizonte /MG, a tese recebeu o seguinte título: “CÍRIO DE NAZARÉ: a festa da fé como comunhão solidária uma análise teológica a partir da concepção de fé de Juan Luís Segundo”, e o autor discutiu a festa do Círio como instrumento de expressão da fé cristã e da identidade eclesial, circunscrevendo ainda a visão antropológica da festa como referência de identidade regional.

Já Corrêa (2010), em sua tese de doutoramento na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC, com a tese “CIRIO DE NAZARÉ: a festa da fé e suas (re) significações culturais- 1970-2008”, traçou uma discussão sobre as transformações que esta festa sofreu na década de 70, do século passado, a partir do crescimento populacional e urbano da cidade de Belém, local da realização da romaria, apontando para as transformações ocorridas nesse recorte temporal que o olhar da autora contemplou. Assim como, problematizou a discussão de novas lógicas culturais surgidas no contexto do Círio de Nazaré.

Nascimento (2010), em sua dissertação de Mestrado, defendida no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Pará, cujo o título é: “SOCIABILIDADES NO MERCADO DE PEIXE DO VER-O-PESO DURANTE O CÍRIO DE NAZARÉ”, analisou nas raízes antropológicas, as práticas de sociabilidades dos peixeiros e outros profissionais do Ver o Peso, como forma de ressignificação de espaços como o Ver o Peso, e as relações lúdicas existentes nesse espaço durante as comemorações do Círio de Nazaré.

Enquanto que Matos (2010), em sua tese “BELÉM EM FESTA: a economia lúdica da fé no Círio de Nazaré” defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC,

estudou as transformações atreladas a modernização das práticas de lazer, no Círio de Nazaré, fomentadas pelos aspectos econômico, político e cultural a partir da década de 80 e da mundialização cultural, assim como, das evoluções técnicas e econômicas oriundas da globalização. A autora ressaltou também, a dimensão de “espetáculo” que a festa vem tomando, com o crescimento vertiginoso de investimentos estatais, privados, da diretoria da festa e dos católicos romeiros, que movimentam a ciranda da “economia lúdica da fé”.

Com base em outro enfoque, Assunção (2012), em sua pesquisa de Mestrado “O DISCURSO RELIGIOSO DO CÍRIO DE NAZARÉ: uma dívida com o sagrado”, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas/RS, refletiu acerca do discurso religioso católico sobre os “milagres” e os efeitos de sentido destes, através da análise do discurso e a relação entre discurso, sujeito e ideologia.

Em outra perspectiva, Silva (2015), em sua dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista, com seguinte título: “A ROMARIA VIRTUAL DE NAZARÉ”, a trabalho tratou da relação existente entre a Comunicação e a Religião, no contexto dessa festa, e o processo de mediação a que o Círio vem sendo submetido na atualidade, com a introdução da cultura digital em seu contexto original. Segundo a pesquisa, esse fator tem resultado em alterações significativas no que concerne ao ritual da procissão guiada pelo processo de colonização virtual. A autora ressaltou ainda, a possível descaracterização da participação e do sentimento de pertencimento dos romeiros na festa, com adaptação da mesma com as redes sociais e aplicativos próprios para dispositivos móveis.

Como se observou a partir do levantamento das pesquisas realizadas em bancos de dados, a respeito das produções acadêmicas sobre o Círio de Nazaré, nenhuma retrata em específico a criança como ser histórico, social e cultural, participante das festividades religiosas e culturais dedicadas à Nossa Senhora de Nazaré. Tanto que, como se verá mais adiante, já ao término da análise, com o olhar voltado para o Círio de Nazaré e as Festas Religiosas como cenário de circulação de saberes, detectei que a predominância das pesquisas se encontra na área das Ciências Sociais e Ciência da Religião, daí que, talvez, tais fatores determinem olhares mais gerais.

Outro aspecto importante revelado pela pesquisa temática no banco de teses da Capes, Instituto Brasileiro de Informação da Ciência e Tecnologia e da Biblioteca do Círio, foi a baixa ocorrência de produções científicas com ênfase nos saberes culturais constituídos em espaços não formais de educação, fato que desvela um olhar burocrático e pouco sensível por parte da educação brasileira, e ainda a escassez de pesquisas com intérpretes infantis, sobretudo, que

valorizem a percepção e a voz da criança sobre essas festividades, dado que chama atenção, pois a participação de crianças em festividades religiosas é comum no Brasil.

Com base na categoria Saberes e Festas Religiosas, houve a ocorrência de duas pesquisas que se aproximam da temática desse estudo, a saber: Silva (2017) em que a autora retrata as crianças e os saberes vivenciados por elas, a partir de suas percepções sobre a Marujada de Tracuateua/Pa; Pastana (2017) que debruçou seus estudos sobre os saberes vivenciados pelas crianças participantes da festa de São Tiago em Mazagão Velho no Amapá, assim como, a relação destes com possíveis processos educativos partilhados pelas crianças.

Ainda em relação ao eixo Saberes, Peres (2018), defendeu no Programa de Pós-graduação na Universidade do Estado do Pará, a dissertação de Mestrado intitulada: “CRIANCAS QUILOMBOLAS MARAJOARA: saberes e vivências lúdicas”, cuja pesquisa foi realizada com as crianças quilombolas da Vila de Mangueiras, em Salvaterra, uma das cidades do arquipélago do Marajó, que retratou as manifestações lúdicas expressas nas brincadeiras infantis e os processos educativos imbricados no brincar.

Por fim, percebo que pesquisas de cunho científico envolvendo a criança e seus saberes em contextos de festividades religiosas como o Círio de Nazaré, e mais ainda como protagonista de sua história, voltam-se apenas para a criança como objeto de estudos, sem a valorização da sua história e constituição social e cultural, por isso a relevância dessa investigação nasce da necessidade e da possibilidade de contribuir para o crescimento da produção acadêmica para futuras pesquisas na área, assim como, a valorização da criança enquanto sujeito histórico, social e cultural.

1.4 CÍRIO DE NAZARÉ: SABERES, CULTURAS E VIVÊNCIAS

O Círio de Nossa Senhora de Nazaré, festa religiosa conhecida como uma das maiores manifestações católicas e culturais do Brasil, acontece no segundo domingo de outubro nas ruas de Belém do Pará, onde uma parte do trajeto transcorre por ruas que margeiam o Rio Guamá, que tem seu curso natural, à frente da capital do Pará. A festa acontece há pouco mais de duzentos anos, com cerca de dois milhões de pessoas⁵ que acompanham a imagem da padroeira, caminhando em procissão, por cerca de 3,6 quilômetros, pelos túneis de mangueiras que contornam as ruas centrais de Belém.

⁵ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/em-belem-cirio-de-nazare-tem-publico-recorde-de-21-milhoes-de-fieis-10353048>>.

Mesmo com o cenário principal, as ruas de Belém, o Círio de Nazaré movimentava a dinâmica cotidiana da vida de muitos paraenses que moram em outros municípios e dos próprios municípios do interior do estado, que assistem ao êxodo⁶ de romeiros que se dirigem a capital, nos dias que antecedem a grande procissão: “o Círio é o reflexo do interior no ambiente urbano, convindo salientar que sem essa presença ele não seria o que é (MOREIRA, 1971, p.7).

No entanto, o Círio de Nazaré está para além da procissão do segundo domingo de outubro, são quinze dias em que diferentes homenagens são prestadas para Nossa Senhora de Nazaré, em extensão, o Círio é uma festa caracterizada pelo imaginário do catolicismo devocional, igualmente, sustentada pela força milagrosa da imagem da Santa, como a encarnação do divino e sobrenatural.

O catolicismo devocional passou a ser cultivado após ao surgimento do credo nas aparições de Nossa Senhora, o culto foi intensificando e foi acrescentando outros valores como a realização de novenas, romarias e rezas aos santos, que nem sempre contam com a presença de uma autoridade clerical, ou com demandas elaboradas oficialmente pela igreja, ou seja, o devoto estabelece com a santa uma aliança simbólica, um compromisso em retribuir graças alcançadas ou pretendidas.

O Círio de Nazaré se sustenta no mito do achado da imagem que o originou. Assim, todos os anos, naquela mesma data (segundo domingo de outubro), o evento é revivido e atualizado. Nesse contexto, a vivência é recorrente do traslado da imagem, onde os romeiros estabelecem proximidade com a santa, além disso, a imagem é vista como a personificação do divino. E o símbolo do sagrado se funda em uma relação de pertencimento e dependência, um código alicerçado pelo imaginário social onde o milagre é concedido pela santa, e ao romeiro cabe o pagamento da graça alcançada com a caminhada de veneração à Nossa Senhora de Nazaré, rito que fortalece a relação entre santo e o devoto. Conforme lembra Oliveira (1978, p. 79):

O santo está ao alcance imediato do fiel: na imagem, na estampa, nos santuários, num cruzeiro à beira da estrada, numa gruta, ou nos arredores do cemitério. O fiel não precisa recorrer a um mediador especializado para contactar o santo; vai diretamente a ele, conversa com ele, expõe seus problemas, agradece as “graças”, ou simplesmente presta seu ato de culto.

Ou ainda, o Círio de Nazaré é parte integrante do corpo social da sociedade paraense, assim é reiterado abaixo:

⁶ Saída espontânea de um povo de um lugar para outro: êxodo judaico. (Fonte: Dicionário online).

Quando uma sociedade, ou um segmento desta, sai do extraordinário de sua rotina cotidiana para viver anualmente o extraordinário de eventos ritualizados é porque tal acontecimento tem a ver com a própria existência do corpo social. Constitui-se então um conjunto de manifestações simbólicas, inscrito portanto na ordem da significação capaz de ser lido, revelado ou percebido por todos os segmentos da sociedade em que se realiza (ALVES, 1980, p. 21).

A compreensão histórica dessa importante festa religiosa e cultural que acontece na Amazônia, nas ruas de Belém do Pará. Esse entendimento perfaz, obrigatoriamente, uma viagem no tempo e no espaço, mais especificamente um recuo ao continente europeu, e de lá para Portugal, segundo a história.

Logo, diferentes documentos, interpretações e tradições, apontam uma historicidade nem sempre linear, mas que expressam por meio de seus escritos, uma tentativa de construir um discurso histórico do Círio de Nazaré, dessa maneira, a história que se tem notícia é que o marco inicial da festa e do culto à Virgem de Nazaré tem a sua hagiografia assentada na descoberta ou mesmo aparição da imagem da Santa ainda em terras portuguesas.

Outros dados atestam que imagem de Nossa Senhora de Nazaré ganhou esse nome de São José, que a esculpiu em companhia de Maria, na cidade de Nazaré da Galileia, local onde a Sagrada Família fez morada, motivo pelo qual São José escolheu este nome para a santa esculpida. De acordo com Carlos Roque (2014), um monge de nome Ciríaco teria levado a imagem da santa à Belém de Judá e entregado a São Jerônimo, estudioso das escrituras sagradas e residente naquela região, Jerônimo a teria entregue para Santo Agostinho que, naquela época, pregava no continente africano, e que posteriormente enviou a imagem até a Espanha, por volta do ano de 430.

No ano de 1179, já em Portugal, a imagem havia sido agasalhada em uma lapinha⁷ onde permaneceu escondida por quatro séculos, até ser encontrada por pastores moradores do local, que passaram a visitar o lugar para venerar a imagem, segundo Alves (1980).

Por esse tempo, Afonso Henriques reinava em Portugal, e seu irmão Dom Fuas Roupinho, que empreendeu e venceu a batalha contra os mulçumanos, saiu a caça com seu cavalo que corria desenfreado em direção ao penhasco onde caíra o animal perseguido, ao perceber o risco eminente de queda, evocou por Nossa Senhora de Nazaré, e seu cavalo parou bruscamente a corrida, tendo sua vida preservada. Em agradecimento, Dom Fuas Roupinho construiu uma ermida⁸ no local, que passou a ser visitada pela população, de onde saiam em romaria dando início a grande devoção do povo português à Nossa Senhora de Nazaré.

⁷ Nicho ou presépio que se arma para as festas de Natal e Reis. (Origem: Dicionário Online)

⁸ Pequena igreja ou capela em um lugar ermo ou fora de povoação. (Origem: Dicionário Online)

Geraldo Coelho (1998, p. 119) ao citar a primeira ermida construída para abrigar a imagem da Santa e a segunda em substituição a primeira, afirma que:

A construção de um primitivo templo, uma segunda e mais elaborada ermida – a primeira seria a chamada ermida da memória – que a atual igreja substituiu, combina lenda e história, num terreno em que transitam o fabuloso e o provável e cujas insígnias são dominadas por reis emblemáticos da monarquia lusitana.

Figura 6 – Fotografia da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré em Portugal



Fonte: Arquivo pessoal de Cristina Carvalho (2015)

Enquanto que no Brasil, a história ganha novos contornos. As narrativas de alguns historiadores, contam que por volta de 1653, os padres da Companhia de Jesus, durante o movimento de colonização do Pará ergueram em Vigia de Nazaré, uma igreja em devoção à Nossa Senhora de Nazaré, que depois, estendeu-se a capital do Pará, como reclamam até os dias atuais, os vigienses sobre o pioneirismo da festa, em contraponto aos belenenses nessa afirmativa:

Os primeiros têm um documento incontestável: a “Crônica dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão”, escrita pelo jesuíta luxemburguês alemão João Felipe Bettendorff (1627-1698), que ficou inédita até 1910. Registra em não mais que 12 linhas, que em Vigia se faziam cultos à Nossa Senhora de Nazaré no final do século XVII. (ILDONE, 2008, p. 20).

Em Belém, há cerca de três séculos, os mais antigos registros contam que Plácido José de Souza, um personagem importante para a constituição do mito e da festa religiosa e multicultural, teria encontrado a imagem original da santa em um igarapé⁹ situado nas

⁹ Igarapé é um caminho percorrido por um rio ou canal de pequenas dimensões (Fonte: www.meusdicionarios.com.br/igarape)

imediações do atual bairro de Nazaré, no centro de Belém. Assim é descrito na passagem seguinte: “Em fins de outubro de 1700, no igarapé Murucutu, a poucos passos ao sul da Estrada do Utinga, onde bebia seu gado, Plácido encontrou a pequenina imagem, desfigurada pelas intempéries, sobre umas pedras lodosas”. (ROQUE, 2014, p. 30).

Segundo Aluízio Freitas (2017), a imagem agasalhada por Plácido em sua residência, voltava misteriosamente ao local do encontro, e, que, segundo a tradição, esse fenômeno levou o bispo do Pará a época, Dom Frei João Evangelista, a ordenar, em 1773 a construção no local, de uma ermida para a morada da imagem, onde encontra-se hoje a Basílica Santuário, colocando a cidade de Belém sobre a proteção de Nossa Senhora de Nazaré.

Hoje, transcorridos mais de dois séculos da procissão que homenageia Nossa Senhora de Nazaré, o Círio de Nazaré é realizado todos os anos, na manhã do segundo domingo do mês de outubro, pelas ruas de Belém do Pará, percorrendo um percurso de 3,6 km entre a Igreja da Sé, no bairro da Cidade Velha e a praça do Centro Arquitetônico de Nazaré (CAN) no bairro de Nazaré, sendo a mais importante das doze procissões em homenagem à Santa Padroeira.

No ano de 2015, a Unesco – Organização das Nações Unidas para a educação, Ciência e Cultura – dedicou ao Círio de Nazaré, o título de Patrimônio Imaterial da Humanidade. Por sua vez, o reconhecimento da magnitude cultural da festa religiosa que marca a identidade do povo amazônica, e a importância ritualística e devocional concedida a um símbolo religioso como a Santa, fez o Iphan – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – oficializar a inscrição e o registro em seus documentos, em seguida, também reconheceu o Círio de Nazaré como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial Brasileiro.

Para muitas pessoas nascidas no Pará, o Círio de Nazaré recebeu a seguinte adjetivação: “Natal dos paraenses”. O Círio é reconhecidamente como sinônimo de festa, de lazer, de mesa farta dada à característica ímpar do paladar extravagante, exótico e de boa qualidade, aspectos que marcam o almoço do Círio. Ademais, as singularidades gastronômicas da região amazônica tornaram-se reconhecidas também em outras regiões e até mesmo em outros países:

A festa sempre ritualizada; é um momento de situações profanas, sagradas, relacionais e grupais; em última instância, comunitárias; é o passado, ou algo do passado cotidiano e tradicional que busca manter e atualizar significações, expressar relações simbólicas, formatos societais, hierarquias, posições sociais, performance de grupos étnicos nacionais que buscam fortalecer um sentimento próprio de si mesmo, porém em correlação (TEDESCO, 2009, p. 19).

Para tanto, o Círio de Nazaré é uma festa que condensa vários elementos da cultura e da identidade amazônica, envolve temas como o mito do achado da santa, os encantados que

habitam e povoam o imaginário da região, as águas e as florestas que circundam geograficamente o estado do Pará. Assim como pode ser visto como a máxima expressão devocional à Nossa Senhora de Nazaré, evento esse que reúne diferentes agentes sociais que marcam a identidade da festa e do povo paraense. Visto dessa maneira, o “rio de gente” se enche de promesseiros com objetos personificados usados no pagamento de suas promessas, o caboclo, o ribeirinho, os romeiros, os vendedores, as crianças em túnicas de anjo, os membros da Guarda de Nazaré, os guardinhas mirins e, somando-se ao contexto ritualístico, os turistas. Essa descrição ganha corpo nas palavras de Vanda Pantoja e Heraldo Maués (2008, p. 61):

Estão presentes, também, o brinquedo de miriti, produto do artesanato proveniente do interior e a corda do círio (símbolo mais importante da procissão), em que se deslocam os promesseiros que tracionam a Berlinda - onde é conduzida a imagem da santa - e cujo simbolismo pode ser associado à cobra-grande (e, portanto, aos mitos dos encantados), como acontece com o próprio Círio, enquanto cortejo (lembrar os versos de Gilberto Gil: “ Olha, lá vai passando a procissão, se arrastando que nem cobra pelo chão”).

No total são doze procissões oficiais do Círio, essas procissões compõem a malha religiosa cultural que envolve os devotos, os elementos culturais, sociais e religiosos, integrando-os aos rituais que são atualizados e revividos todos os anos durante as festividades: Traslado para Ananindeua, Romaria Rodoviária, Romaria Fluvial, Moto Romaria, Trasladação, Círio de Nazaré, Ciclo Romaria, Romaria da Juventude, Romaria das Crianças, Romaria dos Corredores, Procissão da Festa e Recírio.

Culturalmente, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré (que ainda apresenta resquícios colonizadores das festas do Brasil colônia, encharcados de elementos da cultura portuguesa), desperta nos devotos a possibilidade de estabelecer uma ligação direta com a santa, relação de cumplicidade e pertencimento, ponto que permite dar vazão ao devaneio e a conexão direta com o caráter coletivo do imaginário social amazônico:

Assim, o que durante mais de duzentos anos se registra como aproveitamento coletivo do lazer na colônia americana de Portugal não seriam propriamente festas dedicadas à fruição do impulso individual para o lúdico, mas momentos de sociabilidade festiva, propiciados ora por efemérides ligadas ao poder do Estado, ora pelo calendário religioso estabelecido pelo poder espiritual da igreja (TINHORÃO, 2000, p. 7).

Visto dessa maneira, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré reúne símbolos eternizados na devoção e no imaginário amazônico, a berlinda, os hinos, o colorido das fitas milagrosas, as orações, a imagem da padroeira, os objetos em cera, as miniaturas de moradias que representam o “sonho da casa própria” e os anjos são elementos marcantes no cotidiano e na memória do

povo, a procissão desperta sentimentos de congregação e empoderamento da cultura local, além nutrir o sentimento de proteção da padroeira para com os seus devotos.

Figura 7 – Fotografia da berlinda que transporta a imagem de Nossa Senhora de Nazaré no Círio, em 2017



Fonte: Arquivo pessoal de Cristina Carvalho (2017)

Nas reflexões acadêmicas que realizei, grande parte baseadas nas epistemologias da pós-modernidade, vislumbram a possibilidade de conceber a constituição de saberes sem a intencionalidade da sistematização da escola regular, e por essa lógica direciono o meu olhar para a relação multicultural e da religação dos saberes com os possíveis processos educativos que constituem e envolvem as crianças no contexto da festa do Círio de Nazaré, ou seja, com o ambiente fora da escola, mas que nem por isso deixam de educar, já que a educação aí pode ser entendida e concebida pelo viés da cultura que é tão essencial para vida. Nesses termos, elementos como o sagrado, o profano, a cultura e a religiosidade dialogam com a energia que circunda a vida de grande parte da sociedade paraense. Traços bem traduzidas por Duvignaud (1983, p. 70):

A festa é um período peculiar, apesar de inteiramente integrado à sociedade, período no qual a vida coletiva é extremamente intensa. Os fenômenos relativos ao sagrado e à religião correspondem a momentos de efervescência e de unanimidade. A “consciência coletiva” se exacerba manifestando-se em dramas que descrevem os “mitos” ou sistemas de crenças.

A festa no contexto do Círio de Nazaré é constituída de elementos da cultura da região (mais especificamente da cultura amazônica), e entrelaçada por práticas culturais desde o seu

planejamento até a sua realização, em que processos educativos transitam e ligam pessoas, num movimento religioso, social e cultural.

Diante disso é que pensar os saberes que encontram o livre trânsito nas relações e vivências coletivas das crianças do Projeto Caminhos do Círio abre um paralelo para que esse fato seja iluminado pelas ideias de Santos (2009, p. 49) : “Todos os conhecimentos sustentam práticas e constituem sujeitos”, essas práticas sustentadas nas relações da criança consigo, com seus pares e com o mundo são constituídas de ensinamentos que percorrem a vida de diferentes gerações familiares e de grupos sociais.

Segundo essa prerrogativa é que o estreitamento do olhar sobre a vivência dos intérpretes dessa pesquisa, principalmente, no que concerne as vivências das crianças no contexto das festividades do Círio de Nazaré são cruciais para o entendimento desse protagonismo. De tal maneira que a observação em campo na observância dos ensaios em tempo real na Romaria do Círio das Crianças, só reafirmaram a significação do olhar de pesquisadora, do olhar atento para as experiências do vivido, ações subjetivadas e recriadas pelas crianças, a partir de suas próprias concepções, sendo elas o centro de toda essa teia narrativa do Projeto Caminhos do Círio.

Dessa forma, fui ao encontro das crianças numa manhã ensolarada de domingo, no mês de outubro em Belém, aproveitando as primeiras horas do dia. Observando atentamente o vai e vem de famílias, a movimentação as ruas próximas à Basílica Santuário, no centro da cidade. Nas ruas transversais muitos grupos familiares aproveitam a sombra das mangueiras descansar, conversar e alimentar as crianças, antes da grande procissão infantil começar.

A romaria do Círio das Crianças é uma das doze romarias oficiais do Círio de Nazaré e acontece nas ruas de Belém há vinte e oito anos, tendo a primeira sido realizada em outubro de 1990, projeto que nasceu da ideia de despertar nas crianças o sentimento de devoção, o amor e vínculo afetivo com Maria. Desse modo, todos os anos, o Círio das Crianças é realizado no domingo posterior ao Círio de Nazaré. A organização espacial e geográfica dessa romaria é desenhada com carros que servem para acolher e organizar os objetos levados pelos devotos como pagamento de promessas e das graças alcançadas. Esses carros ficam sob a responsabilidade de grupos de escolas públicas e privadas, escolhidas por sorteio, grupos encarregados de receber e acomodar no interior dos carros, os objetos referentes as promessas realizadas.

Os carros das promessas, como são conhecidos, recebem nomes relacionados ao Círio de Nazaré e sua história, a saber: Carro de Plácido, Carro dos Anjos, Carro da Santíssima

Trindade, Barca com velas, Cesto de Promessas, Barca Portuguesa, o Carro de Dom Fuas, a Barca dos Escoteiros, a Barca Nova e a Barca com Remos.

Assim como o Círio de Nazaré, o Círio das Crianças é uma romaria caracterizada pelo catolicismo devocional, marcada pela relação entre o santo padroeiro e o devoto, estabelece o afeto e a intimidade. Essa relação se dá simbolicamente através de “trocas”, o devoto pede, esse pedido é elaborado em forma de promessa, solicita ao santo de sua devoção seus desejos e necessidades, e o padroeiro atende através da intercessão junto a Deus, essa aliança é renovada a cada pedido atendido, assim como as obrigações pagas. Igualmente ao Círio de Nazaré, a romaria do Círio das Crianças é um ritual religioso marcado por muita visualidade, essa visualidade é expressa de maneira veemente na presença de elementos e símbolos da cultura amazônica.

Ainda sobre o trabalho de observação em campo observei o ir e vir de pessoas, muitas crianças acompanhadas de seus familiares caminhavam ao encontro do CAN (Centro Arquitetônico de Nazaré), localizado exatamente em frente à Basílica Santuário, onde acontece a missa que antecede o início da procissão. Caminhei junto ao fluxo que via, já no CAN, deparei-me com uma multidão de pessoas, na maior parte crianças, num grande emaranhado que misturava romeiros, promesseiros, o verde das copas das árvores, a beleza e a leveza das crianças vestidas de anjos, o colorido das fitinhas da Santa, o efeito colorido giratório dos cata-ventos, os encantados amazônicos personificados nos brinquedos de miriti, o brilho do vermelho inebriante das maçãs do amor e o rio de gente em meu entorno, numa visão simbólica dos rios da Amazônia que circundam a capital do Pará, em uma relação harmoniosa entre o homem, o religioso, o cultural e a natureza.

Refletindo sobre esse mosaico de imagens busquei certa ancoragem nas palavras de Paes Loureiro (2015, p. 31), no tripé que o autor destaca que é a relação do homem com a religião, cultura e natureza: “O caboclo, além de criar e desenvolver processos altamente criativos e eficazes de relação com ela, construiu um sistema cultural singular. Uma cultura viva, em evolução, integrada e formadora de identidade”.

Logo ao término da missa aconteceu a caminhada do Círio das Crianças que se dá junto de a imagem Peregrina de Nossa Senhora de Nazaré, a Santa foi sendo conduzida em uma berlinda, e haviam muitas crianças acompanhadas de seus familiares, famílias de romeiros, moradores de diversos municípios do Estado, devotos de diferentes estados brasileiros, grupos de escolas religiosas e de evangelização infantil, entre eles, o Projeto Caminhos do Círio, que contava com a participação de trinta e seis crianças mais os seus responsáveis.

Todo o trajeto do Círio das Crianças acontece por entre os túneis das copas das árvores, nas ruas que circundam o espaço geográfico da Basílica Santuário, são túneis que entrelaçam grandes galhos das mangueiras centenárias das ruas de Belém, num desenho natural “rendado” e movente, de um verde e de uma beleza exuberante, que ora, com a dança frenética das folhas (estimulada pelos ventos) sombreiam o espaço da romaria, ora o iluminam com os escaldantes raios de sol do verão amazônico.

Figura 8 – Fotografia do Túnel de mangueiras em uma rua de Belém durante a procissão do Círio de 2018



Fonte: Arquivo pessoal de Cristina Carvalho (2018)

É nesse cenário composto por grande multidão, multidão guiada passo a passo em direção a pequena imagem da santa padroeira na romaria do Círio das Crianças, compõe um espetáculo cultural único que mistura a cultura urbana amazônica e a cultura ribeirinha, a primeira por apresentar traços do hibridismo de uma amálgama que reúne elementos culturais da região e dos colonizadores que aqui impuseram seus costumes e, a segunda, por traduzir a relação de proximidade do homem com sua realidade cultural e com a natureza predominante no local. Pensando ainda sobre o lugar da Romaria do Círio das Crianças e a relação entre a cultura e natureza vivida pelo homem amazônida, Loureiro (2015, p. 78) destaca que:

A cultura urbana se expressa na vida das cidades, naquelas de porte médio e nas capitais dos Estados da região. Nas cidades as trocas simbólicas com outras culturas são mais intensas, há maior velocidade nas mudanças, o sistema de ensino é mais estruturado, os equipamentos culturais são em maior número e há o dinamismo próprio das universidades. No ambiente rural, especialmente ribeirinho, a cultura mantém sua expressão mais tradicional, mais ligada a conservação dos valores decorrentes de sua história. A cultura está mergulhada num ambiente onde predomina transmissão oralizada. Ela reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se preserva imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural.

Observei que a medida que a romaria avançava, os romeiros, as crianças e seus familiares iam se misturando aos outros, até já não poder distinguir bem cada um em meio ao grupo, esse movimento unificador de fiéis parece ser ainda mais fortalecido pela retirada da corda, que foi realizada pela organização da Basílica.

Diferente do Círio de Nazaré, a corda utilizada na romaria do Círio das Crianças tem o objetivo apenas de delimitar o espaço dos grupos de diferentes entidades, assim como, o espaço organizacional do Projeto Caminhos do Círio durante toda a caminhada, não sendo utilizada como ferramenta de pagamento de promessas como na grande romaria do Círio.

A multidão rezava e cantava os hinos dedicados à Nossa Senhora de Nazaré durante todo o trajeto, os hinos vinham de uma caixa de som acoplada em um dos carros que faziam a animação do cortejo religiosa infantil, alegrando e contagiando a todos os que participavam do ritual. As crianças do Projeto Caminhos do Círio rezavam e louvavam com empolgação, algumas delas com a faixa de identificação do projeto nas mãos, outras com cartazes com a imagem da santa. A caminhada se alternava em momentos de falas, orações, cânticos, recebimento de águas, sucos e guloseimas que a todo o momento eram oferecidas ao grupo de crianças, tudo isso era oferecido por pagadores de promessas, que se posicionavam nas calçadas por onde a romaria passava.

Figura 9 – Fotografia das Crianças do Projeto Caminhos do Círio, no Círio das Crianças, em 2018



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018)

Assim, entre uma guloseima e outra, perguntei a alguns intérpretes sobre seus sentimentos e impressões daquela experiência de estar ali:

As pessoas sentem solidariedade pelas outras pessoas, é emocionante assim ver as pessoas pagando promessas. (MICKEY, 11 anos).

Eu gosto do Círio, gosto de vir, de rezar e cantar a Deus e a Nossa Senhora, é bonito olhar as pessoas, é bonito ver a santa na berlinda. (CAMILLY, 9 anos).

Aqui a gente reza e ganha bombons e pipoca. (DIEGO, 12 anos).

É assim, muitas pessoas tiveram problemas, aí foram na igreja e pediram com muita fé, aí o pedido se realizou aí eles vêm pra pagar a promessa na corda, eu acho muito bonito. (LELÊ, 11 anos).

Figura 10 – Fotografia do momento da entrevista individual durante o Círio das Crianças, em 2018



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018)

A paisagem do trajeto a todo instante se modificava, as fachadas das moradias estavam multicoloridas, algumas delas com arquitetura e azulejos portugueses, resquícios da colonização do Brasil, nesses espaços surgiam diferentes decorações de balões, berlindas, cordas, cartazes e brinquedos de miriti, que conferiam ao trajeto a presença de signos da cultura e da identidade amazônica, representados em comportamentos sociais cotidianos. A identidade e a cultura amazônica entendidas com base no trecho seguinte:

A identidade da cultura cabocla, como ocorre também com relação a outras culturas, tem a ver com os registros de determinadas matrizes de pensamentos e de comportamentos que estão secularmente registrados na memória social dos grupos humanos e que gozam da condição de durabilidade e de persistência no tempo; constituem-se nos elementos fundadores da cultura e, ao mesmo tempo, nos elementos que acabam por conferir-lhe força e peculiaridade. E é justamente graças a essa força interior, de origem mais que secular, que os caboclos das cidades ainda conservam traços fundamentais de sua cultura (LOUREIRO, 2015, p. 58).

Nesse mesmo trajeto a romaria avançava e ia agregando mais e mais pessoas, essa imagem dava a ideia da metáfora da cobra grande, personagem do imaginário local, que dá corpo ao caráter mitopoético amazônico. O grande cordão em serpentário delineava as ruas no

entorno do Santuário em direção à Basílica de Nazaré – a casa da imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré que, àquela altura, envolvia toda aquela multidão.

E as muitas imagens de crianças sendo erguidas pelos pais para o alto para “receber” a bênção da imagem da santa em sua breve passagem, davam aquele momento um sentido além do real cotidiano, era o sentimento de pertencimento e intimidade com a santa que se fazia concreto ali.

Figura 11 – Fotografia de uma criança erguendo as mãos na passagem da santa durante o Círio das Crianças, em 2018



Fonte: Arquivo pessoal de Cristina Carvalho (2018)

As lágrimas vertiam no rosto das pessoas, muitas orações ecoavam e finalizavam com o sinal da cruz a cada movimento realizado pelos condutores da berlinda. E assim, o movimento uniforme da multidão, a cobra grande seguia seu curso, em meio àquela natureza verde que se funde ao cenário do cotidiano amazônico. Passam por ali os vendedores de objetos como: fitinhas coloridas da santa, brinquedos de miriti, pássaros de madeira, pequenas imagens de Nossa Senhora de Nazaré, reco-reco, e alimentos como: picolé, sucos, refrigerantes e doces também caminhavam e complementavam aquele cenário multicultural de gente.

A certa altura da romaria, as crianças do Projeto Caminhos do Círio se aproximaram de um dos quatro Carros dos Anjos que compõem o Círio das Crianças, a participação infantil nesses carros durante essa romaria, é autorizada pela diretoria do Círio através de inscrição antecipada. Cada um dos quatro Carros dos Anjos, tem a capacidade para abrigar cerca de quarenta crianças caracterizadas, na faixa etária que compreende dos três aos nove anos de idade, somando cento e sessenta anjos nos quatro carros disponíveis durante toda a romaria, sendo que, um deles é reservado para as crianças que moram em outros municípios e que participam da procissão.

Eu via aquele colorido como uma “primavera de anjos”, naquele momento as crianças caracterizadas por seus responsáveis estavam no carro destinado para pagamento de promessas, por agradecimento, por devoção, por tradição ou pelo simples desejo dos pais.

Figura 12 – Fotografia das Crianças caracterizadas de anjos no Círio das Crianças, em 2018



Fonte: Arquivo pessoal de Cristina Carvalho (2018)

Deparei-me com muitas crianças vestidas de anjo de diferentes idades que eram colocadas naquele espaço simbólico, havia anjo trajando roupas nas cores: rosa, azul, amarelo e branco, o colorido das túnicas congregava raças, classes, sonhos, ideias, imaginários, sentimentos, devaneios e desejos.

Eram anjos reais que dentro daquele carro expressavam uma diversidade de sentimentos, alegres anjos sorriam, outros choramingavam pelo incômodo do calor e do suor que escorria pelo rosto úmido e “corado” pelo sol, e ainda haviam os anjos que comiam e bebiam, ou adoçavam aquele momento com as guloseimas ofertadas por toda a extensão da romaria.

Do lado de fora do carro, haviam anjos bebês que por conta da idade ficaram nos colos de seus pais, estes imprimiam e fortaleciam aquela imagem que entrelaçava o real, o sobrenatural e simbólico.

Figura 13 – Fotografia de um Bebê vestido de anjo no Círio das Crianças, em 2018



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018)

Lembro aqui dos dizeres de Loureiro (2015, p. 152) que aponta a maneira como

O homem vai imprimindo sua marca determinante nessa paisagem, que, embora lhe pareça bela, se torna mais bela ainda e distinta do mundo físico cotidiano. Ultrapassando o patamar da sensível dos sentidos, o homem constrói as suas paisagens modelando, cenarizando a realidade no seu devaneio, geografizando seus sonhos.

Conforme expresso pelo autor, o homem, ao recriar cenários de sua realidade adentra em uma atmosfera devaneante que modifica e estetiza a sua paisagem, ao mesmo tempo em que estabelece uma relação de intimidade com a paisagem. Esses sentimentos são visíveis na figura do caboclo amazônida, nos devotos moradores dessa região (ou de outras regiões) em relação ao culto por Nossa Senhora de Nazaré. Nesse contexto, a imagem e o que ela representa, ganha a dimensão de humanização na aproximação da Santa com os romeiros; uma aproximação que vincula afetivamente os pedidos, as conversas e os agradecimentos à santa padroeira.

Assim, os romeiros infantis, as crianças, os caboclos mirins se relacionam diretamente com o sagrado, com o sobrenatural, com o social, com a natureza e com a cultura. Sendo essa cultura dinâmica e movente, uma extensão do homem e de seu imaginário criativo.

Será entendida como expressão da sociedade que constitui a Amazônia contemporânea à história dessa sociedade e contemporânea à do ocidental. Uma cultura dinâmica, original e criativa, que revela, interpreta e cria sua realidade. Uma cultura que, por meio do imaginário, situa o homem numa grandeza proporcional e ultrapassadora da natureza que o circunda. (LOUREIRO, 2015, p. 55).

O exercício do caminhar na romaria pode ser visto como o “encontro concreto” com o sobrenatural, que mesmo pertencente a uma realidade mais sensível, subjetiva e simbólica, está arraigada no cotidiano do devoto, sendo a veia simbólica materializada na imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré, que é transportada em uma berlinda decorada, e que naquele contexto, pela importante função de transportar a imagem da santa, converte-se em expressão do sagrado. Dentro da romaria o devoto refirma o seu laço de afetividade, reitera o seu profundo respeito pela santidade ali presente, e a imagem peregrina – símbolo do sagrado – que caminha rente ao chão simboliza a proximidade com os seres humanos e divide o mesmo espaço.

É um santo ou uma santa com os quais as pessoas adquirem estreita afetividade, reforçada pela solidária dimensão de uma espécie de “companheirismo”. O padroeiro é uma santidade que está ali, “habitando” o mesmo chão, convivendo com as mesmas necessidades, testemunhando as mesmas dores, capaz de entender o cidadão comum, familiarizado com os costumes, sensível às diminutas dores do cotidiano, solidário com as crises contextuais do município, pronto a resolver os problemas segundo o merecimento contido no apelo, dialogando nas ladainhas e ritos com a população, velando enquanto todos dormem, presente no imaginário e nos altares familiares, estampado nos calendários por todos os dias do ano, pacientemente aguardando os devotos em sua casa de silêncio e oração [...] (LOUREIRO, 2015, p. 173).

Essa relação afetiva de pertencimento e intimidade com Nossa Senhora de Nazaré é traduzida nas palavras de dona Diana Maria, mãe do intérprete Mickey, de 11 anos, que durante a romaria falou de sua relação e gratidão pela Virgem de Nazaré:

Meu filho foi um presente de Nossa Senhora na minha vida, eu perdi três bebês, eu engravidava e perdia, mas não deixava de ter fé e esperança. Um dia, me peguei com Nossa Senhora de Nazaré, pedi com fé, muita fé, e ela me concedeu a graça de ter meu filho. Eu explico tudo pra ele, ele já fez Primeira Eucaristia, depois vai fazer a Crisma. Quando soube do Projeto Caminhos do Círio coloquei logo ele, ele já participou de doze Círios, trago ele desde que nasceu, nesse aqui no projeto já é o terceiro. Converso sempre com Nossa Senhora, não tá fácil criar filho, o mundo tá difícil, por isso peço ajuda e orientação pra ela sempre (DIANA MARIA, 47 anos).

Nesse ponto, meus passos cadenciados já pisavam a rua da reta final da procissão, a multidão já não era a mesma do início do trajeto, o fluxo de romeiros havia aumentado consideravelmente, o que fez diminuir o espaço entre as pessoas, e a caminhada perdeu um pouco a velocidade e o ritmo.

As crianças do Projeto Caminhos do Círio, os intérpretes dessa pesquisa, já se mostravam cansadas, a romaria se aproximava do final, um longo percurso já havia sido percorrido, o que fez com que as mesmas demonstrassem uma maior descontração e momentos de ludicidade, conversavam, sorriam e brincavam entre si, ao mesmo em que ouviam as orientações dadas pelas coordenadoras do grupo.

Já na última quadra que antecede o CAN e a Basílica Santuário, as crianças do Projeto Caminhos do Círio foram posicionadas pelas coordenadoras, em uma calçada à espera da “passagem da Santa”. Algumas crianças agora tinham nas mãos objetos e alimentos que haviam recebido: bombons e pipocas, terços, brinquedos e água mineral.

Figura 14 – Fotografia das crianças organizadas na calçada esperando a passagem da santa no Círio das Crianças, em 2018



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018)

Nesse momento, o sentimento de coletividade das crianças romeiras me chamou atenção, a berlinda decorada com flores amarelas passava diante de todos, as crianças próximas umas às outras e em contato físico com seus pais, celebravam a passagem da imagem e compartilhavam de um maravilhamento transfigurado na contemplação daquela pequena e forte imagem, os intérpretes, num movimento quase sincrônico, erguiam as mãos em direção à berlinda e rezaram, algumas crianças rezavam sorrindo, outras com a serenidade e naturalidade própria da infância.

Figura 15 – Berlinda do Círio das Crianças, em 2018



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018)

E a contemplação seguia mesmo com a berlinda distanciando-se, os olhares continuavam fixos, o “olhar” na romaria é um aspecto fundamental, é um dos elos entre o homem e a santa, eram olhares pedintes, olhares de agradecimento e de emoção, momento em que:

Todas as atenções se voltam para um acontecimento comum à coletividade e esse a acontecimento todos se referem. O acontecimento assume os contornos objetivos de um signo em torno do qual as sensibilidades se congregam. Uma densa carga de significações se concentra num determinado espaço social, num momento de contemplação emocionada. A festa plurivalente do olhar (LOUREIRO, 2015, p. 175).

Alguns, inclusive eu, assistia ainda que por pouco tempo, a passagem da Santa e de muitas pessoas que se deslocavam em direção ao Santuário de Nossa Senhora de Nazaré, agora, da posição em que eu estava dava para ver o “rabo da cobra grande” já chegando ao seu destino final. Nas mãos dos vendedores de brinquedos já não se via a variedade e o colorido que se destacavam no cenário do início da romaria, agora esse colorido estava com as crianças, os brinquedos ocupavam outros espaços, ocupavam as mãos daqueles pequenos devotos.

Pouco a pouco, a multidão se afastou do grupo, já não se avistava tantas pessoas caminhando, o “rio de gente” agora estava em seu momento baixa-mar¹⁰, o preto do asfalto passou a sobressaltar aos olhos, a romaria havia acabado. O grupo foi levado para uma das ruas transversais – a via principal da romaria, e lá, na escadaria de um órgão público (onde já acontece há alguns anos, segundo as coordenadoras), aconteceu o momento de celebração pela participação no Círio das Crianças 2018 e o tradicional lanche coletivo que é servido para os participantes do projeto.

Figura 16 – Fotografia do momento do Lanche das crianças do Projeto Caminhos do Círio após o Círio das Crianças, em 2018



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018)

¹⁰ Quando a água do mar atinge sua altura mais baixa dentro do ciclo das marés. (Fonte: <https://tabuademaes.com/mares/tipos-mares>)

Ao término do lanche, as crianças embarcaram no ônibus fretado (financiado por uma “amiga” do projeto, o mesmo que trouxe o grupo da Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Luiza, para o CAN) e retornaram com as coordenadoras e seus responsáveis para o bairro da Sacramento.

SEÇÃO II

Figura 17 – Desenho produzido por uma das crianças na roda de conversa, em 2018



Fonte: Lua (9 anos) 2018

2.1 CAMINHO METODOLÓGICO

2.1.1 O método da pesquisa

É sabido que uma investigação científica é permeada de muitos caminhos e muitas escolhas, percursos a serem trilhados e desvelados. Tais alternativas incitam o ato de questionar e ser questionado. Desse modo, faz-se necessário repensar o trajeto metodológico a ser seguido mediante o objeto pesquisado. Para tanto, abordarei nessa seção as questões metodológicas, as características e os caminhos percorridos para a identificação e compreensão dos saberes não escolares que estão presentes no cotidiano das crianças do Projeto Caminhos do Círio.

Devo assumir que passos do caminho metodológico nem sempre foram fáceis, algumas atividades e técnicas de pesquisa foram repensadas e reorganizadas, pois, em primeiro lugar, era necessário deixar as crianças num ambiente confortável e seguro para melhor expressarem seus pensamentos e impressões, como ouvir o que as crianças têm a dizer pelo fato de que “as crianças têm uma presença social ativa, antes silenciada por uma visão hegemônica, centrada na ação dos adultos” (CRUZ, 2008, p. 48).

O caminho e os meios metodológicos de uma pesquisa científica requerem elementos que atendam as características do objeto investigado, considerando suas especificidades e o contexto histórico-cultural em que se encontra, ancorado pelo viés da ciência como processo

investigativo, em que “vamos encontrar várias concepções de ciência, mas é importante considerá-la como um processo histórico e político de busca do conhecimento, pautado em diversas estratégias metodológicas” (OLIVEIRA, 2016, p. 20).

Por esse viés, as leituras e a escolha das estratégias metodológicas foram tecidas desde o período das disciplinas letivas do curso de Mestrado, etapa em que busquei a compreensão teórica para os dados empíricos a serem observados no campo científico a partir da minha aproximação com o objeto pesquisado. Justamente, por ser uma pesquisa situada no campo educacional, optei por caminhos que me levaram para a utilização de elementos da Etnometodologia, pela possibilidade que a referida linha tem de pensar a realidade social, e, a meu ver, de reavaliar o cotidiano sociocultural de crianças que participam do Projeto Caminhos do Círio. Considerando o viés etnometodológico como algo que vai além de uma teoria ou uma simples escolha metodológica.

Dito isso, Maria Melo (2008, p. 5) acrescenta que a Etnometodologia é

Muito mais do que uma teoria específica ou mesmo um método, a Etnometodologia deve ser considerada como uma perspectiva de pesquisa, ou seja, um ponto de vista epistemológico que dá prevalência as diferentes formas culturais dos homens comuns de se expressarem através de suas práticas cotidianas, por meio das quais, organizam a própria vida social. O importante para essa abordagem teórico-metodológica, são, portanto, as diferentes formas culturais dos membros de uma determinada comunidades, baseados em conhecimentos do senso comum, exercitarem os seus saberes práticos para viver, conceber e atuar no mundo em que convivem.

O meu entendimento é que Etnometodologia se apresenta como um método que investiga agentes sociais em seu cotidiano, dando ênfase a uma descrição minuciosa de suas práticas sociais, através da observação como premissa a explicar o qualitativo social desses sujeitos, de suas trivialidades ocasionais. Sobre o sentido de investigar a trivialidade dos sujeitos, Antônio Chizzotti (2003, p. 80) acrescenta:

A etnometodologia, inspirada na perspectiva fenomenológica, procura investigar as atividades práticas e triviais dos atores sociais e compreender o sentido que os atores atribuem aos fatos e acontecimentos da vida diária. Os métodos quantitativos acabam distanciando o pesquisador do verdadeiro objeto da investigação e se tornam ineficazes para compreender as ações práticas dos sujeitos, em sua vida prática.

Com base no que foi dito, a minha experiência no campo de pesquisa, minha observação se assentou num olhar etnometodológico, dessa maneira, passei a observar de forma sensível as práticas sociais das crianças, buscando compreender no tempo real dos acontecimentos, as significações que elas atribuíam as situações vivenciadas.

Particpei ativamente de conversas informais de pequenos grupos durante as reuniões, presenciei falas divertidas das crianças nos momentos de lanches coletivos e das brincadeiras durante o Círio das Crianças, minha vivência ali foi sempre pautada em um constante exercício muito atento, desenvolver o olhar de pesquisadora foi fundamental para a captação de ideias e opiniões das crianças, no momento em que esses conteúdos eram elaborados e verbalizados.

Ao fazer parte do contexto do objeto de estudo desta pesquisa, uma vez que vivenciei por um longo período a cotidianidade daquele grupo, no recorte temporal que compreendeu os meses de maio a dezembro de 2018, refleti sobre os significados atribuídos pelas crianças do Projeto Caminhos do Círio, a cada experiência social vivenciada por elas naquele contexto e presenciadas por mim, no sentido de perceber que das interações das crianças entre si e com o meio, saberes culturais, não escolares foram construídos em suas vivências no grupo, sendo estes produto da identidade cultural do grupo.

Dessa forma, vislumbrei a possibilidade de descobrir a “engenharia” de construção da relação entre esses saberes, entre a cultura e a vivência das crianças no Projeto Caminhos do Círio e de suas experiências no Círio de Nazaré.

Percebi que elementos da vida cotidiana e a maneira como as crianças intérpretes dessa pesquisa vivem e se relacionam com seus pares e com elementos normativos da vida social, contribuem de forma decisiva para o fortalecimento de suas identidades enquanto amazônidas, assim como, suas experiências, impressões, percepções e significações que as mesmas atribuem ao significar a vida e concomitantemente a produção de sua própria cultura, com base na subjetivação da realidade cotidiana de cada intérprete.

Diante disso, detive-me em outra discussão, ou melhor, busquei conjecturar sobre o tipo de pesquisa que melhor correspondesse a reflexão sobre o sentido e o significado dos saberes das crianças do Projeto Caminhos do Círio. Foi assim que resolvi seguir os princípios da abordagem qualitativa, em que o olhar do pesquisador deve ir além dos limites do que é explícito culturalmente nas práticas sociais dos intérpretes. Dito de outra forma, o olhar atento do pesquisador deve ir ao encontro das significações implícitas construídas e vivenciadas pelos agentes sociais em seu cotidiano. Com base nesse princípio, e com a intenção de compreender o papel ativo e participante do pesquisador frente ao desafio de se “colocar” no universo do objeto a ser investigado, retomo novamente as palavras de Chizzotti (2003, p. 82):

O pesquisador não se transforma em mero relator passivo: sua imersão no cotidiano, a familiaridade com os acontecimentos diários e a percepção das concepções que embasam práticas e costumes supõem que os sujeitos da pesquisa têm representações, parciais e incompletas, mas construídas com relativa coerência em relação à sua visão e à sua experiência. A descrição minudente, cuidadosa e atilada é muito importante;

uma vez que deve captar o universo das percepções, das emoções e das interpretações dos informantes em seu contexto. O pesquisador deve manter uma conduta participante: a partilha substantiva na vida e nos problemas das pessoas, o compromisso que se vai adensando na medida em que são identificados os problemas e as necessidades e formuladas as estratégias de superação dessas necessidades ou resolvidos os obstáculos que interferiam na ação dos sujeitos.

A imersão necessária do pesquisador no universo do objeto pesquisado e dos sujeitos envolvidos na pesquisa, leva a uma melhor compreensão de ideias e opiniões emitidas pelo investigado em seu ambiente natural, levando em consideração esse raciocínio a pesquisa qualitativa pode ser entendida como “aquela que se utiliza exclusivamente de técnicas qualitativas de pesquisa, aplicadas para captar ideias, atitudes, opiniões, sentimentos, expectativas e aspirações dos informantes acerca do objeto estudado” (MELO, 2008, p. 13).

Considerando tais prerrogativas, passei a me inserir em todas as ocasiões de sociabilidade das crianças do grupo, vivenciei em tempo real, situações sociais cotidianas das crianças, testemunhei fenômenos sociais, religiosos e culturais no momento em que eles aconteciam, e desses fenômenos, processos educativos foram configurados e fortalecidos durante aqueles contatos e trocas sociais do grupo, uma vez que “a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regas através do trabalho intensivo de campo”, conforme assegura (LUDKE, 1986, p. 11).

Assim, partilhando de uma semelhante visão Antônio Gil (2009, p. 14) entende que a Pesquisa Qualitativa

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. Na pesquisa qualitativa, a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são fundamentais. É descritiva e não requer utilização de métodos e técnicas estatísticas.

Para tanto, apoiada nos autores acima, acredito que perspectiva da abordagem qualitativa me permitiu presenciar, vivenciar e descrever opiniões, ideias, sentimentos e fenômenos sociais partilhados pelas crianças do Projeto Caminhos do Círio, enquanto agentes sociais, produtores de cultura e saberes.

2.1.2 Técnicas de Pesquisa

A escolha das técnicas de pesquisa foi amadurecida no decorrer da captação de dados, já no campo da pesquisa, no universo dos sujeitos pesquisados, a partir das situações vivenciadas e das necessidades surgidas, uma vez que a pesquisa com crianças como

intérpretes, requer uma metodologia flexível e que responda às suas realidades e necessidades. Dessa forma, busquei ampliar as possibilidades de técnicas de pesquisas, por conta do dinamismo e das características de uma pesquisa com crianças, uma vez que através da fala dos intérpretes podemos conhecer sua maneira de viver, suas diferentes formas de expressar e de sentir o mundo.

Dito isso, as técnicas de pesquisa foram as seguintes: 1) a observação participante; 2) roda de conversa; 3) diário de campo; 4) registros fotográficos; 5) gravação de voz e 6) técnica do desenho infantil, que no decorrer da pesquisa serviu como instrumento de aproximação e estabelecimento de vínculo entre a pesquisadora e as crianças pesquisadas, não sendo considerada nas análises.

Não por acaso, entendo que as pesquisas que envolvem crianças exigem técnicas de coleta de dados que auxiliem ao pesquisador a conhecer melhor os seus intérpretes no sentido de possibilitar o acesso ao contexto social e cultural dos sujeitos envolvidos na pesquisa, bem como acercar-se dos anseios, sentimentos, leituras de mundo, modos e histórias de vida dos intérpretes, para então compreendê-las e, finalmente, observá-las e estudá-las.

Logo no primeiro contato com as crianças, após ser apresentada ao grupo, estabeleci com elas uma conversa um tanto informal, expliquei minha postura enquanto estudante de mestrado, falei do objetivo de estar ali, expliquei tudo em uma linguagem simples e clara, pontuei as linhas gerais da pesquisa e da possibilidade e do desejo de participação de cada uma das crianças, bem como da autorização concedida por seus responsáveis, para que assim, as crianças pudessem participar da pesquisa.

Em seguida, passei a observar a dinâmica social do grupo, assim como a fazer meus registros no diário de campo, anotei as minúcias sociais que se apresentavam a mim naquele universo. Já imersa naquele contexto pude perceber as formas de comunicação estabelecidas, as mensagens trocadas e que, não necessariamente, faziam uso da modalidade oral, mas sim do linguagem não-verbal, aos poucos, fui notando que os olhares substituíam as palavras.

A partir do exercício de apreciação atenta e da observação participante, ora mantendo-me distante, apenas observando a realização das reuniões do projeto, ora participando ativamente das interlocuções com as crianças na realização das atividades em grupo fui percebendo as características pessoais dos interpretes; elementos peculiares de comportamento presente nos momentos de oração; suas impressões sobre assuntos relacionados a pesquisa e ao seu cotidiano; suas relações com a cultura local e seus conhecimentos sobre essa cultura.

Observei também traços marcantes da cultura do grupo, costumes cotidianos que descrevem um pouco a identidade do Projeto Caminhos do Círio, os arranjos sociais a que são

submetidos para a sobrevivência dos encontros das crianças com as professoras, como a organização espacial do espaço cedido na casa de uma das coordenadoras do projeto, a chegada das crianças no local dos encontros, a maneira como são acolhidas, os cumprimentos, as aproximações por afinidades, os parentescos, os momentos de conversas temáticas com as coordenadoras, os cantos, as orações, as brincadeiras e as atividades relacionadas a essa pesquisa, procurando entender esses ritos sociais como uma configuração eminentemente educativa.

Ao adentrar nesse universo dispus-me a direcionar a sensibilidade de meu olhar no âmbito da chamada observação participante. Sempre muito atenta nos diversos sinais de comunicação entre as crianças e na relação que elas estabeleciam também comigo, enquanto pesquisadora. Nesse sentido, vale ressaltar que a comunicação se utiliza de muitos recursos e vai além da oralidade na construção de saberes que facilitam as relações sociais e significam a vida em grupo. Por esse viés, cito Eva Lakatos e Marina Marconi (2010, p. 177) por entenderem que a observação participante “consiste na participação real do pesquisador na comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que será estudado e participa das atividades normais deste”.

Sendo assim, a partir de minha inserção no campo e por entender que essa ação permite adentrar ao cotidiano dos sujeitos da pesquisa, propiciando a integração do pesquisador nas práticas sociais, sensibilizando a percepção do pesquisador sobre situações vivenciadas pelos sujeitos pesquisados, através de situações verbalizadas ou sublinhadas na vivência dos intérpretes, realizei a observação participante por um contínuo período, que compreendeu os meses de maio a dezembro de 2018. Esse tempo em campo me permitiu presenciar experiências sociais e culturais cotidianas das crianças, que por vezes nem sempre eram explicitadas, mas sublinhadas e entrecidas no fazer social, no cotidiano real do universo dos intérpretes, e, além, disso, o olhar etnometodológico serviu para dar um norte na observação e compreensão reflexiva do universo e da realidade pesquisada.

É válido destacar que a observação participante é imprescindível no domínio de técnicas que favorecem a relação entre o objeto pesquisado, o contexto do objeto e a cientificidade da pesquisa. Com base nesses preceitos, a metodologia de uma pesquisa científica deve se apropriar de forma significativa do objeto estudado afim de responder aos questionamentos que a pesquisa se propõe, conforme o trecho adiante: “há diversos métodos científicos, que são determinados pelo tipo de objeto a investigar e pela classe de propósitos a descobrir” (GIL, 2008, p. 9).

Digo ainda que empreendi e me acerquei de leituras bibliográficas em busca de captação de informações que pudessem fomentar a discussão analítica da pesquisa, com objetivos de traçar uma análise conceitual e reflexiva dos saberes não escolares das crianças do Projeto Caminhos do Círio, no sentido de perceber *in loco* elementos e características de fenômenos sociais da realidade. Dentro desse panorama, autores como Augusto Triviños (2002, p.110) considera a natureza descritiva das pesquisas no campo educacional, e afirma que “o estudo descritivo pretende descrever “com exatidão” os fatos e fenômenos de determinada realidade”.

Em uma visão análoga, Melo (2008, p. 7) ratifica que “as Pesquisas Descritivas têm por finalidade descrever as características básicas fundamentais do objeto investigado com ênfase nas relações e diferenciações existentes entre elas”. Frente ao exposto, além da preocupação com o caráter descritivo e preciso, deve haver uma preocupação para que a

Descrição não seja passiva, superficial, devemos ao olhar acrescentar o ouvir, e o ouvir é o exercício de “esvaziar o copo” para que nova substância o preencha. Ouvir é talvez o exercício mais difícil de qualquer outro encontro humano, envolve empatia, abnegação de nossos pontos de vista pessoais em favor do outro, no caso a criança, e este exercício faz parte da vigilância epistemológica. (NETO, 2016, p. 31).

Inspirada na citação acima, também partilho da ideia de que em uma pesquisa com crianças vistas como intérpretes é crucial a necessidade de dar voz para as crianças, ter a sensibilidade de ouvi-las, saber o que elas dizem e como dizem, como expressam o sentem, como percebem o mundo, aspectos como esses são importantes para ampliar as discussões no ramo de pesquisas com crianças, observando, sobretudo, o protagonismo que as mesmas exercem em suas próprias histórias de vida.

Por outro lado, a minha aproximação e aceitação, no grupo foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, por isso, a pesquisa descritiva pode ser considerada uma importante técnica de coleta de dados. Aliado a isso, utilizei as rodas de conversa como estratégia de aproximação entre as crianças e como possibilidade real de amenizar o estranhamento de minha inserção no cotidiano do grupo. Recursos como esses deram espaço, vez e voz para que as concepções, anseios, desejos e para que as narrativas infantis fossem ouvidas, num amplo sentido de oralidade e explicação de ações específicas.

As rodas de conversas não dependem necessariamente de tópicos sugeridos pelo pesquisador, o que favorece um diálogo natural, em consonância com os desejos dos intérpretes, as crianças. A referida técnica segundo Moura e Lima (2014, p. 101) “consiste em um método

de participação coletiva de debate acerca de determinada temática em que é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam, escutam seus pares e a si mesmos pelo exercício reflexivo”.

Em todas as rodas de conversa realizadas, todos sentavam no chão em forma circular, próximos uns dos outros, essa dinâmica favoreceu a aproximação e o contato visual mais próximo. Na primeira roda de conversa iniciei minha fala perguntando sobre a experiência de cada um na Romaria do Círio das Crianças, mas nesse primeiro momento, percebi então que muitas crianças se mostraram tímidas e com falas monossilábicas, e algumas delas não demonstraram desejo de falar, tendo a negativa como resposta.

Frente ao ocorrido foi, então, que reorganizei a minha fala e introduzi perguntas descontraídas sobre assuntos do cotidiano das crianças, por exemplo, perguntas sobre a escola, sobre a amizade, sobre a constituição de suas famílias, sobre passeios realizados no período, sobre as suas brincadeiras preferidas, as festas de aniversário e sobre as músicas que costumam ouvir, dessa forma, criamos um ambiente de maior descontração entre todos.

Todavia, ainda percebendo a timidez de algumas crianças, gradativamente introduzi comentários e depois perguntas sobre os assuntos da pesquisa e as crianças começaram a verbalizar suas leituras sobre a festa e o projeto, estabeleceram pequenas conversas entre si e para comigo, ora falando de suas impressões, seu imaginário sobre os aspectos que cercam essa romaria, ora rememorando situações vivenciadas no Círio.

Assim considero que rodas de conversa foram fundamentais para a melhor compreensão da vivência das crianças intérpretes e para a pesquisa. E assim aconteceu, o Círio de Nazaré e os saberes que as crianças podem partilhar ou “aprender”, no contexto da romaria ou no Projeto Caminhos do Círio, serviram como fundo para que o diálogo com as crianças fluísse melhor.

Refletindo melhor sobre essa questão é que me aproprio de algumas falas usadas por Paulo Freire (1987, p. 78) em que é visível que “o diálogo é o encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu”. Sob essa lógica, na roda de conversa a criança estabelece diálogos, relações de troca, de partilha e de interação com seus pares, com adultos e com o mundo.

Em muitas fases da pesquisa fui construindo gradativamente o meu diário de campo, recurso usado com a função de organizar os registros e observações do objeto no campo da pesquisa, servindo ainda de auxílio para as anotações de situações e vivências sociais, culturais, religiosas e cotidianas *in loco* a que vivenciei e presenciei das crianças intérpretes. A utilização dos diários usados em campo,

Pode ser entendida como todo o processo de coleta e análise de informações, isto é, ela compreenderia descrições de fenômenos sociais e físicos, explicações levantadas sobre as mesmas e a compreensão da totalidade da situação em estudo. Este sentido tão amplo faz das anotações de campo uma expressão quase sinônima de todo o desenvolvimento da pesquisa. (TRIVIÑOS, 1987, p. 154).

Além do diário de campo constantemente usado como ferramenta de registro de dados, lancei mão de recursos como máquinas fotográficas. Fazendo fotografias de todos os encontros com as crianças intérpretes. Essas imagens de momentos sintetizam momentos únicos vivenciados no campo de pesquisa, registros esses que ajudaram a complementar aquele universo de informações e dados que se apresentavam simbolicamente ao meu olhar de pesquisadora, que embora sejam de caráter ilustrativo e não de análise, foram fundamentais para ampliar a compreensão das linhas gerais da pesquisa. Diante disso, destaco uma passagem de Milton Guran (2012, p. 32) sobre o uso de fotografias em muitas pesquisas de cunho etnográfico:

a fotografia foi incorporada aos estudos etnográficos ainda no tempo em que estas eram praticadas em gabinetes e se baseavam em relatórios administrativos e militares do poder colonial e em digressões de viajantes e aventureiros, já que facilitava não só a descrição física de pessoas, objetos, artefatos e residências, como também era de grande valia para a descrição dos rituais.

Na atualidade, a fotografia é um instrumento de registro da vida social, e como meio de comunicação imagética traduz detalhes de vivências sociais, que passam despercebidos por conta do fluxo de informações de diferentes linguagens vividas pelo homem, portanto, a fotografia desempenha uma função social na sociedade.

Os registros fotográficos reafirmaram tudo o que ouvi e presenciei naquele espaço, muitos momentos vividos no contexto cotidiano das crianças do Projeto Caminhos do Círio ficaram registrados em minha memória visual e “[...] é nessa construção, nessa redução dos tempos da realidade social ao espaço da imagem fotográfica e ao seu tempo aparentemente único, que o fotografo imagina, isto é, constrói uma imagem fotográfica, aquilo que quer dizer através da fotografia” (MARTINS, 2008, p. 65).

Dito dessa forma, a realização dos registros de imagens serviu como instrumentos descritores de minúcias cotidianas vividas pelos intérpretes e, que por ventura, possam não aparecer nas narrativas das crianças pesquisadas ou terem fugido o olhar atento do pesquisador.

A fotografia e seu importante papel ilustrativo no registro de imagens cotidianas dos intérpretes está presente nesse estudo no sentido de ampliar o olhar do pesquisador sobre o objeto pesquisado, assim como, as características fundamentais da realidade pesquisada. O que

novamente para Martins (2008, p. 26) é “um recurso que, em diferentes campos, amplia e enriquece a variedade de informações de que o pesquisador pode dispor para reconstituir e interpretar determinada realidade social”.

Dada a natureza e a dinâmica dos encontros com as crianças do Projeto Caminhos do Círio, realizei a técnica do desenho, esse artifício foi realizado também com o intuito de me aproximar das crianças e estabelecer um vínculo afetivo com as mesmas, e assim dar vazão à livre expressão da criatividade e das impressões infantis sobre o contexto vivenciado.

Assim, durante a roda de conversa sobre a vivência das crianças no Projeto Caminhos do Círio e na romaria oficial do Círio das Crianças, foi solicitado aos intérpretes, através de desenhos de livre expressão, registros que retratassem suas vivências, experiências, sentimentos e percepções sobre o Círio de Nazaré. De forma que a estimulação do desenho infantil possibilitou um alargamento do meu olhar e de minha percepção do universo infantil, sobre essa linguagem que retrata de maneira singular as várias significações atribuídas pelas crianças, as situações sociais e culturais vivenciadas na infância, como se pode observar no excerto adiante:

O desenho é frequentemente acompanhado de verbalizações das crianças que referem as figuras e motivos inscritos no papel de modo por vezes paradoxal e fora da inteligibilidade dos adultos. Poder acompanhar o acto de elaboração de desenho ou captar as opiniões expressas pelas crianças sobre suas próprias produções plásticas pode contribuir para uma maior compreensão dos significados atribuídos e fazer convergir dois registros simbólicos, nem sempre coincidentes. O desenho e sua fala são constitutivos de um modo de expressão infantil cujas regras não são as mesmas da expressão adulta (SARMENTO, 2011, p. 19).

O desenho infantil pode retratar a maneira da criança de viver e sentir a vida, o desenho pode revelar sua história, sua cultura e seu imaginário, e é também uma das formas da criança representar e significar o mundo, sua existência e sua cultura. Muitos traços retratam sua realidade, a cultura que produz enquanto criança e a cultura adulta a que faz parte.

Assim como as rodas de conversa, o registro feito pelas crianças através do desenho se deu em organização circular, ou seja, sentadas no chão, no espaço cedido na sala da casa da professora Elaine Moreira. Distribui folhas de papel A4 e organizei no centro do círculo todos os materiais disponíveis para a atividade, como canetas hidrocor, lápis grafite, lápis de cor e giz de cera, em seguida, direcionei a conversa para o Círio de Nazaré e a vivência das crianças no Projeto Caminhos do Círio.

Por conseguinte, orientei os intérpretes para que seus desenhos pudessem expressar as suas impressões sobre o contexto pesquisado, e assim aconteceu, a cada fala passei a conhecer

o que o Círio de Nazaré representa para cada uma das crianças do Projeto Caminhos do Círio, esse entendimento foi alargado pelos registros nos desenhos infantis, em que muitas das crianças demonstraram através de seus rascunhos, sua maneira de viver e sentir sua devoção à imagem de Nossa Senhora de Nazaré na berlinda.

Na etapa inicial das atividades com o desenho, muitas folhas de papel A4 foram usadas e algumas crianças pediam a substituição dessas folhas, alegavam que haviam “borrado” o desenho, e assim as folhas eram substituídas conforme o desejo das crianças. Durante essa atividade o clima era de muita descontração, as crianças mostraram-se bastante livres na produção dos desenhos, e, para deixá-las mais à vontade, costuma me afastar um pouco do círculo e ficava observando de longe esse momento criativo. Diante disso, comecei a notar que esse afastamento era mesmo necessário para que a crianças liberassem ainda mais a ludicidade.

As crianças desenhavam, conversavam e brincavam umas com as outras, partilhavam com euforia os desenhos que tomavam as formas a cada traço intencional no papel. Era então visível a alegria e surpresa expressas nos rostos, quando os desenhos socializados em grupo. Naqueles gestos percebia as diferentes formas de comunicação do momento, diálogos que iam além da oralidade, a expressão facial, os risos e os movimentos das mãos emitiam mensagens de aprovação e reprovação para o que os olhos viam, seus desenhos ali, representavam e afirmavam sua existência e pertencimento do contexto. Só lembrando que muitos registros gráficos não são assim tão contemporâneos, a exemplo da arte rupestre, as pessoas desde os tempos imemoriais, sempre apresentaram essa habilidade de criar narrativas usando diversos recursos e a prova disso são as inscrições e os desenhos que atestam as heranças pré-históricas deixadas pelos homens. Pensando nesse caráter expressivo e representativo do homem é que Edith Derdyk (1990, p. 10) confirma essa prática:

O homem sempre desenhou. Sempre deixou registros gráficos, índices de sua existência, comunicados íntimos destinados à posteridade. O desenho, linguagem tão antiga e tão permanente, sempre esteve presente, desde que o homem inventou o homem. Atravessou as fronteiras espaciais e temporais, e, por ser tão simples, teimosamente acompanha nossa aventura na Terra.

Assim sendo, considerando que a prática de desenhar seja ao mesmo tempo tão antiga e ao mesmo tempo tão presente, considero que o desenho das crianças são importantes recursos de linguagem que nos permite conhecer formas peculiares e simbólicas da vida e da expressão infantil presente na maioria de seus traços. Contudo, mesmo sabendo da riqueza de detalhes presentes no trabalho das crianças e da força expressiva que brotam de suas produções, ainda assim, por uma questão meramente de recorte temático e analítico, a referida pesquisa preferiu

adotar a técnica do desenho apenas como uma dinâmica de aproximação, interação e vinculação entre a pesquisadora e os intérpretes, ao mesmo tempo em que favorecia a dinâmica em grupo, tanto que esses desenhos não constam no material de análise, ou melhor, esses desenhos não foram incorporados ao capítulo de análise da dissertação.

2.1.3 Os intérpretes da pesquisa

As interlocutoras dessa pesquisa são as crianças que participam do Projeto Caminhos do Círio, em Belém do Pará. A escolha de trabalhar com crianças se deu a partir da prerrogativa de autores que também estudam a criança em diferentes contextos. Assim, nessa interlocução, a criança é percebida como sujeito social capaz de ter suas próprias impressões e interpretações de seu cotidiano, assim como, de suas narrativas, de suas vivências sociais, culturais e religiosas. Com base nesse critério, parte-se da premissa de que as crianças são verdadeiros agentes do contexto em que vivem, e já são inteiramente capazes de expressar ideias acerca de sua existência e de sua cultura. Antes de tudo, é necessário considerar as crianças como seres ativos, participativos que integram as vivências culturais do cotidiano.

Dessa forma, a ênfase na escuta justifica-se pelo reconhecimento das crianças como agentes sociais, de sua competência para a ação, para a comunicação e troca cultural. Tal legitimação da ação social das crianças resulta também de um reconhecimento de uma definição contemporânea de seus direitos fundamentais de provisão, proteção e participação. (CRUZ, 1983, p. 109).

Todavia, mesmo depois dessa mudança de paradigma que enxerga a criança como um sujeito ativo da sociedade, tanto que diversas pesquisas já reconhecem esse protagonismo e dão voz para as crianças, com tudo isso, ainda é um tanto visível a escassez de pesquisas do tipo no campo científico. Esse fator só serviu para relegar a noção de infância e de sua importância para a sociedade, ideia que coloca a criança como coadjuvante de sua própria história, visões como essa pouco acreditam que as crianças significam a vida pelo viés do simbólico e produzem suas próprias culturas.

Contrariando essa visão, muitos pesquisadores acreditam que a imensa teia cotidiana abriga os elementos constituidores da cultura infantil, entrelaçando-se nas representações simbólicas da vida das crianças, tal como se depreende nessa pesquisa em que tais representações foram identificadas no Projeto Caminhos do Círio, sobre esses aspectos do simbólico transcrevo a seguinte citação: “Mais precisamente aquela exteriorizada pelas crianças, tem em si aspectos viscerais, como o imaginário, a ludicidade e a leveza que se

constitui em inúmeras representações simbólicas que elas são capazes de abstrair do seu cotidiano e de sua vivência.” (PERES, 2018, p. 55).

Em consonância com o ponto de vista acima é necessário dizer que a escolha de pesquisar o universo infantil se deu em função de alguns critérios: a) A participação da criança no Projeto Caminhos do Círio; b) O livre desejo de participar da pesquisa; c) A autorização dos pais e a faixa etária estabelecida para a pesquisa. O quantitativo de intérpretes da pesquisa, é constituído de 11 crianças (onze), sendo 8 (oito) do sexo feminino e 3 (três) do sexo masculino, numa faixa etária que compreende dos oito aos doze anos de idade.

O meu acesso no campo da pesquisa também foi algo determinado pela aceitação dos envolvidos (do comum acordo entre as partes), e, principalmente, de minha aceitação entre as crianças. Por fim, da adesão total das crianças na pesquisa.

A seleção se deu através de amostragem por acessibilidade, uma modalidade de amostragem não probabilística definida por Gil (2008, p.100) da seguinte forma: “destituída de qualquer rigor estatístico” e também, pela possibilidade de permitir que a criança represente seu universo a partir da sua ótica.

Com o objetivo de enfatizar os saberes vividos e partilhados pelas crianças participantes do Projeto Caminhos do Círio, houve a necessidade de considerar os intérpretes como agentes sociais produtores de cultura, de práticas sociais e de saberes que facilitam e significam a vida do grupo social ao qual estão vinculados. Acreditando sobremaneira que ouvir e legitimar as falas dos intérpretes da pesquisa é valorizar a criança como um ser histórico, social e cultural em seu tempo. Com isso, a valorização da criança como agente social autônomo e produtor de cultura é uma das premissas dessa pesquisa.

Justamente no sentido de desconstruir a antiga visão que por muito tempo foi negou o direito de a criança ser percebida como agente autônomo de produção de cultura, de saberes e de narrativas que expressam sua visão de mundo, sem ficar a sombra do adulto nas interações e produções, nos diferentes aspectos da vida social. Sabe-se que até pouco tempo a criança aparecia nas pesquisas científicas como “objeto observado”, um “objeto” a ser descrito, descortinado, analisado e registrado, em face disso: “A representação da criança é socialmente determinada, uma vez que exprime as aspirações e as recusas da sociedade e dos adultos que nela vivem. Mas a oposição entre os ideais e os tabus sociais é metamorfoseada em contradições inerentes a natureza da criança” (CHARLOT, 1983, p. 109).

Em outra análise, “Buscar formas de ouvir as crianças, explorando as suas múltiplas linguagens, tem como pressupostos a crença de que elas têm o que dizer o desejo de conhecer o ponto de vista delas” (CRUZ, 2008, p. 13). Nessa mesma proposição entendo a urgência de

visibilizar, priorizar a fala das crianças, e nesse caso, em especial, a voz de crianças que o Projeto Caminhos do Círio, com vistas a descrever o contexto religioso e cultural que envolve as festividades do Círio pois, “[..] a escuta assume um lugar prioritário. Escuta no sentido de dar visibilidade às crianças e às manifestações de suas linguagens. A visibilidade implica uma realidade compartilhada, onde a criança pode se colocar de modo criativo, intervindo e transformando o mundo à sua volta” (BARROS; NASCIMENTO, 2008, p. 2).

A partir da escuta da criança, algumas áreas do conhecimento como a Antropologia, a História e a Sociologia, permitem a realização de estudos mais específicos e valorativos sobre a criança e a infância, de forma a apreciar a criança como sujeito de valores em seu contexto social, cultural e estrutural, assim recomenda o excerto abaixo:

a ênfase na escuta justifica-se pelo reconhecimento das crianças como agentes sociais, de sua competência para a ação, para a comunicação e troca cultural. Tal legitimação da ação social das crianças resulta também de um reconhecimento e de uma definição contemporânea de seus direitos fundamentais – de provisão, proteção e participação. (ROCHA, 2008, p. 46).

Para Manuel Sarmiento (2008) foi a partir do século XX que a sociologia autorizou a categorização social da infância, embora, no interior das discussões sociológicas, a infância pairasse por algumas pautas. Entre as décadas de 1980 e 1990, do mesmo século, o incremento da flexibilidade sobre a infância ganhou forma e a Sociologia da Infância buscou compreender além de outras dimensões que compõem essa fase da vida, a dimensão social, como causa da subalternidade da criança em relação ao adulto e ao seu mundo. Percebe-se então, que “esta imagem dominante da infância remete as crianças para um estatuto pré-social: as crianças são “invisíveis” porque não são consideradas como seres sociais de pleno direito. Não existem porque não estão lá: no discurso social” (SARMENTO, 2008, p. 19).

Contrariando a visão tradicional considerava a criança com um ser “invisível”, subalterno ao contexto da vida adulta, a minha concepção de criança vai no sentido oposto, digo com o olhar voltado para as que participam ativamente do Projeto Caminhos do Círio, como sujeitos sociais reais, subjetivos, com seus próprios saberes e capazes de interpretar o mundo em que vivem, protagonizando sua própria vida, em seu tempo e espaço. Agora não mais postos à margem da sociedade adulta e de seus interesses, mas sim representada a partir do seu ponto de vista, do seu prisma com base no que vive e constrói socialmente.

O papel de coadjuvante imposto a criança perdurou até meados do século XX, esse cenário sofreu mudanças e foi substituído pelo protagonismo que passou a ser reconhecido. Dito de outra maneira, esse protagonismo é próprio da vida infantil, está arraigado na maneira

de pensar e viver sua infância, no sentido de retirar da criança e da infância os papéis pré-determinados de subalternidade infantil, social e cultural a que foram submetidas por longos séculos.

Por esse prisma, entendo a infância como uma construção social, e nessa fase a criança deve ser percebida como um sujeito subjetivo e produtor do enredo de sua própria vida, não apartada do contexto social dos agentes adultos, em síntese, a infância é responsável por movimentar os fenômenos cotidianos da vida social de um grupo, ou de uma dada sociedade.

No Brasil, um novo olhar e uma percepção mais sensível da sociedade civil é direcionada a criança a partir da lei n. 8.069/1990, Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, legislação que considera a criança, segundo o Art. 2º a “pessoa até doze anos de idade incompletos”. Essa legislação concebe a criança como um ator social ativo de direitos e produtor da sua própria história, fazendo um contraponto com a antiga ideia que tomava a criança como um esboço de um futuro cidadão.

Assim, tais visões que trazem uma noção já bem mais amadurecida do que seria a criança, como ela deve ser respeitada e como deve ser considerada um ser social; protagonista de sua história de vida e parte ativa e integrante da vida em sociedade, só contribuem para o reconhecimento de todas as vidas, independente da faixa etária. E dentro desse contexto a ideia de pesquisar quais saberes transitam nas interações sociais das crianças do Projeto Caminhos do Círio permite perceber a criança como protagonista de si mesma, de sua história e de suas subjetividades, através de diferentes manifestações sociais e culturais. Nessa perspectiva de dar legitimidade social ao pensamento da criança tem a ver com

Acreditar que mesmo crianças bem pequenas têm o que dizer deriva de algumas ideias que vêm sendo construídas nas últimas décadas. Entre elas, tem destaque o reconhecimento de que, desde a mais tenra infância, nas suas interações sociais, as pessoas vão somando impressões, gostos, antipatias, desejos, medos, etc., desenvolvendo sentimentos e percepções cada vez mais diversificados e definidos, atribuindo significados, construindo a sua identidade. (CRUZ, 2008, p. 13).

Nesse âmbito, é válido ressaltar a autonomia da criança enquanto um sujeito social: “Em primeiro lugar, as crianças são agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas” (CORSARO, 2011, p. 15). Dentro dessa mesma lógica, o princípio de compreensão das contribuições sociais das crianças envolve ainda questões como: a importância do ponto de vista das crianças e o lugar de onde elas falam:

Não podemos falar de crianças de um povo indígena sem entender como esse povo pensa o que é ser criança e sem entender o lugar que elas ocupam naquela sociedade – o mesmo vale para as crianças nas escolas de uma metrópole. E é aí que está a grande contribuição que a antropologia pode dar aos estudos das crianças: a de fornecer um modelo analítico que permite entendê-las por si mesmas. (COHN, 2005, p. 09).

A partir da compreensão de dar voz aos intérpretes dessa pesquisa como sujeitos subjetivos e produtores de suas próprias interpretações, impressões e culturas, assim como, do lugar de suas falas, buscamos compreender suas impressões e significações sobre os saberes que estão presentes nas suas interações sociais no Projeto Caminhos do Círio, e as motivações de sua participação nessas atividades. Como defendido por Rocha (2008):

Não nos parece que o pressuposto de necessidade de dar voz às crianças seja que elas reproduzam as culturas dominantes e hegemônicas que configuram a estrutura social. Ao contrário, busca-se nessa escuta confrontar, conhecer um ponto de vista diferente daquele que nós seríamos capazes de ver e analisar no âmbito do mundo social de pertença dos adultos. (ROCHA, 2008, p. 46).

Ao priorizar a voz, as significações e legitimar os intérpretes dessa pesquisa, compactuo com o pensamento de Rocha (2008), que através da escuta, contribuir para o não silenciamento a que foi submetida a criança durante muito tempo, como conta a história é a melhor saída. Desse modo, ao investigar o que pensam os intérpretes é contradizer a história oficial da infância, já que a criança estabelece uma conexão entre suas vivências, suas experiências e suas narrativas, ao mesmo tempo em que significam e falam sobre suas impressões, sobre seu modo de pensar a vida, sua forma de interagir com sua realidade e a construção gradativa da sua subjetividade em formação.

2.1.3.1 Perfil sócio histórico dos intérpretes

Os dados e os elementos coletados possibilitaram a construção do perfil sócio histórico dos intérpretes da pesquisa, o referido perfil ressalta aspectos da vida e informações individuais dos sujeitos, e isso trouxe uma visão mais ampla da realidade de cada criança participante, de sua cultura e de sua relação com o Projeto Caminhos do Círio e com o Círio de Nazaré.

A partir dos cuidados éticos a que uma pesquisa científica deve ser submetida e das conversas estabelecidas com as crianças, foi acordado que seus nomes próprios seriam preservados, sendo substituídos por nomes fictícios, cuja escolha ficaria a critério de cada participante, e assim foi feito. A escolha desse nome fictício trouxe à tona elementos da

ludicidade e do imaginário infantil dos intérpretes, as crianças “brincaram” de escolher nomes, relacionando-os à apelidos de parentes, de amigos e personagens infantis.

O quadro a seguir apresenta informações significativas das crianças participantes das rodas de conversas.

Quadro 3 – Quadro do perfil sócio histórico dos intérpretes

Intérprete	Idade	Sexo	Série em que estuda	Organização familiar
Mayra	12 anos	F	6° ano	mora com os pais, irmãos, sobrinho, avós, avós, tios, primos e bisavó.
Mimi	10 anos	F	5° ano	mora com os pais
Sisi	10 anos	F	5° ano	mora com os pais e os três irmãos
Sol	11 anos	F	6° ano	mora com os pais, a irmã e o sobrinho
Mickey	11 anos	M	5° ano	mora com os pais
Lelê	11 anos	F	6° ano	mora com os pais, a irmã, tia e a avó
Camilly	9 anos	F	4° ano	mora com os avós
Princesa	8 anos	F	3° ano	mora com os pais, a irmã, tia e a avó
Lua	9 anos	F	4° ano	mora com os pais e o irmão
Tonny	12 anos	M	7° ano	mora com a mãe, irmã, sobrinha, padrasto e tio
Diego	12 anos	M	6° ano	mora com os pais

Fonte: Elaboração própria

Outras informações foram geradas para a complementação do quadro de perfil sócio histórico dos intérpretes e a maneira como vivem e como se relacionam com sua cultura.

Mayra tem doze anos e é da religião católica, estuda na Escola Municipal Maria Luíza Pinto do Amaral e está cursando o 6° ano do Ensino Fundamental. Sua mãe é dona de casa e seu pai é caminhoneiro. Mayra mora com seus pais, irmão, avós, tios, primos e sua bisavó no bairro da Sacramento, em Belém. Participa da romaria do Círio das crianças pelo Projeto Caminhos do Círio. Mayra gosta de brincar de queimada, taco e vôlei, costuma brincar com vizinhos na rua onde mora.

A intérprete Mimi tem dez anos. Estuda na Escola Municipal Maria Luíza Pinto do Amaral e está cursando o 5° ano do Ensino Fundamental. Mimi Costuma brincar na rua onde mora de “pira cola”, queimada e handebol, seu pai trabalha como taxista e sua mãe é dona de casa. Mimi é de família espirita Kardecista, como sua irmã Sisi.

Sisi tem dez anos e estuda no 5° ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Maria Luíza Pinto do Amaral. A menina mora com seus pais e irmãos no bairro da Sacramento. Sisi prefere brincar de “pira cola”, queimada, “pira esconde” e três cortes. Geralmente, brinca na rua de sua casa ou na escola. Segundo seu relato, sua família é espirita Kardecista e alguns

encontros do Projeto Caminhos do Círio acontecem na casa de sua avó materna. Seu pai é taxista e sua mãe dona de casa.

Sol tem onze anos e mora com os pais, a irmã e o sobrinho residem no bairro da Sacramento. Cursa o 6º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Maria Luíza Pinto do Amaral e define sua religião como católica. Suas brincadeiras preferidas são: futebol, queimada e taco. Seu pai é caminhoneiro e sua mãe dona de casa.

O intérprete Mickey completou 11 anos, mora com os pais no bairro da Sacramento, sua religião é a católica, está cursando o 6º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Maria Luíza Pinto do Amaral, sua mãe cuida da casa e seu pai faz “bico”, sem carteira assinada, segundo o seu relato.

A intérprete Lelê tem onze anos, estuda na Escola Municipal Maria Luíza Pinto do Amaral e está cursando o 6º ano do Ensino Fundamental. A criança mora com os pais, a irmã mais nova, a avó e a tia moram no bairro da Sacramento. Afirmou ser de família católica, pois relata rezar com a avó, suas brincadeiras preferidas são: queimada e pular corda. Lelê gosta de brincar com os colegas da escola e em casa com a irmã, seu pai é Secretário escolar e sua mãe Técnica de gestão.

Aos nove anos, a intérprete Camilly adora brincar e andar de bicicleta. Estuda no 5º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Maria Luíza Pinto do Amaral. É de família católica. Camilly mora no bairro da Sacramento com os avós maternos. Sua mãe é doméstica e seu pai mensageiro.

Aos oito anos de idade, a criança escolheu o nome Princesa por se considerar uma princesa. Estuda na Escola Municipal Maria Luíza Pinto do Amaral e está cursando o 3º ano do Ensino Fundamental. Princesa mora no bairro da Sacramento com os pais, a avó, a tia e a irmã mais velha. Princesa relata ser de família católica, gosta de brincar e suas brincadeiras preferidas são: brincar de bonecas e brincar de escola, com a irmã e o pai. A criança disse não saber a profissão da mãe, seu pai é Secretário de escola.

Aos nove anos, Lua estuda na Escola Municipal Maria Luíza Pinto do Amaral no 4º ano do Ensino Fundamental, sua família é católica. Lua mora com os pais no bairro da Sacramento. A profissão de seu pai é vigilante e sua mãe é vendedora de churrasco. Lua adora brincar com as colegas da escola de pula corda, pega pega e pira esconde.

Tonny tem doze anos e cursa o 7º ano na Escola Estadual Acy de Jesus Barros Pereira, localizada no bairro da Sacramento. Sua mãe é cabelereira e seu pai vendedor de porta latinhas. De família católica, a criança mora no mesmo bairro onde estuda com a mãe, o padrasto, a irmã, a sobrinha e o tio. Suas brincadeiras preferidas são: pira cola, cinco cortes e queimada.

Diego de doze anos gosta de brincar com os colegas na Escola Municipal Maria Luíza Pinto do Amaral, onde estuda e cursa o 6º ano. Diego mora no bairro da Sacramento com sua mãe e seu irmão, é católico e gosta muito de ir aos encontros do Projeto Caminhos do Círio, sua mãe trabalha como doméstica e seu pai como eletricista. Suas brincadeiras preferidas são vôlei, queimada e pira se esconde.

Percebi que os intérpretes dessa pesquisa são todos oriundos de escolas públicas do bairro da Sacramento, onde residem. São crianças que gostam de brincar, e que encontram ludicidade nas ruas onde moram ou nos espaços da escola onde estudam. Todos frequentam as atividades do Projeto Caminhos do Círio por vontade própria, com a autorização de seus responsáveis e pela devoção à Nossa senhora de Nazaré.

A maioria das crianças intérpretes da pesquisa é de religião católica, apenas duas das crianças são de família espírita Kardecista, mas relatam fé, amor e devoção à Nossa Senhora de Nazaré. Dessa forma, conhecemos um pouco da vivência das crianças intérpretes da pesquisa, assim como, o lugar de onde falam a respeito de suas vivências no contexto do Círio de Nazaré e do Projeto Caminhos do Círio.

O tratamento e análise dos dados da pesquisa se centra na Análise do Conteúdo, no sentido de subsidiar as análises, com vistas a descrever e interpretar documentos, textos, narrativas e mensagens para a compreensão de seus significados que se configuram e se apresentam em diferentes linguagens, através de narrativas orais, do silêncio, dos registros gráficos, gestos e imagens, ou toda e qualquer forma de manifestação dos intérpretes investigados. Para tanto, a Análise de Conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 1977, p. 31).

Pela perspectiva dessa técnica, ao analisar os dados de forma minuciosa a interpretação dos significados e das manifestações humanas das mensagens, considere além de outros aspectos, a essência das manifestações, assim como a linguagem utilizada em consonância com a cognição e afetividade dos intérpretes investigados. A Análise de Conteúdo como técnica de tratamento e análise de dados de uma pesquisa científica considera que

Envolve, portanto, a análise do conteúdo das mensagens, os enunciados dos discursos, a busca dos significados das mensagens. As linguagens, a expressão verbal, os enunciados, são vistos como indicadores significativos, indispensáveis para a compreensão dos problemas ligados as práticas humanas e a seus componentes psicossociais. (SEVERINO, 2007, p. 121).

Nessa direção, analisar mensagens e as significações criadas pelos intérpretes da pesquisa, os saberes vivenciados e partilhados no Projeto caminhos do Círio, no contexto do

Círio de Nazaré, “expressa um significado e um sentido. Sentido que não pode ser considerado um ato isolado” (FRANCO, 2005, p. 13).

Com base nessa técnica vislumbro a possibilidade de propor o que sugere Aires Neto (2016, p. 37) “questionar se o que julgava ver em determinada mensagem está efetivamente lá e aí poder compartilhar essa minha visão”. Pois exatamente por se tratar de pesquisa pautada em saberes que se configuram nas práticas sociais e nas diferentes formas culturais que o homem organiza o mundo para viver, por esse motivo optei pelo uso da amostragem não-probabilística pela acessibilidade:

o pesquisador coleta informações apenas dos sujeitos aos quais tem acesso. Esse tipo de amostragem tem a vantagem de ser mais célere e menos dispendioso em relação aos outros tipos, entretanto, é o menos destituído de rigorosidade científica, pois deixa de fora, os sujeitos que não teve acesso (MELO, 2017, p. 4).

A seleção das crianças intérpretes dessa pesquisa se deu a partir da autorização e do interesse que manifestaram pela pesquisa, principalmente, da adesão de seus responsáveis que assinaram os termos de consentimento. Ao mesmo tempo em que reconheceram a importância de registrar o protagonismo das crianças e suas vivências no Projeto Caminhos do Círio. Tudo isso só foi possível graças pelo acesso ao universo dos intérpretes.

2.1.4 Lócus: A Cidade das Mangueiras e o Círio de Nazaré

A cidade de Belém é o *lócus* desse estudo, por abarcar o cenário da maior romaria religiosa e cultural do Brasil, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, que acontece há mais de duzentos anos e percorre as ruas do centro da capital paraense, cidade erigida e localizada ao Norte do Brasil, Capital do Pará. A capital conta com setenta e um bairros distribuídos em seus distritos, com população estimada em 1.458.732 habitantes, segundo o último censo datado em 2010, com base no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Figura 18 – Mapa do Estado do Pará com a localização geográfica de Belém



Fonte: <http://www.ufpa.br/alipa/>

Belém recebeu esse nome devido a data que marca a partida de São Luís do Maranhão da expedição liderada por Capitão-mor Francisco Caldeira Castelo Branco ter ocorrido no dia de Natal. E, segundo o escritor paraense Haroldo Maranhão (2000), a chegada à Capital do Pará e a visão de que os caminhos fluviais que para cá os trouxeram, os dariam uma visão e um ponto estratégico de domínio da região e de defesa de invasores europeus, cujo objetivo também era o de conquistar terras amazônicas para a colônia, a expedição de Castelo Branco enredada pelo patriotismo ao seu país, se estabeleceram em terras paraenses e “como português, porém, cumpria com mais açodamento os ditames do seu patriotismo. E foi desse modo que deu às novas terras conquistadas a denominação de Feliz Lusitânia, colocando-as sobre a proteção de Nossa Senhora de Belém. Estavam lançados os fundamentos da cidade” (MARANHÃO, 2000, p. 34).

Por essa época a região já era habitada pelos índios Tupinambás e este registro oficial quanto sua origem, formação social e histórica como capital do Estado do Pará é a partir da colonização do Brasil e da expedição de Francisco Caldeira Castelo Branco, encarregado da Coroa portuguesa que aqui chegou em meados de janeiro de 1616, cuja ideia era conquistar o território e firmar o total domínio português na rica região amazônica, espaço territorial com vasta diversidade de ervas medicinais e com forte poder mercantilista, o que fortaleceria a economia do país colonizador.

Neste contexto, situada na Amazônia, Belém é cercada por águas barrentas, com o sul da cidade margeado pelo Rio Guamá e ao norte pela Baía do Marajó, tendo a Baía do Guajará banhando o município pela sua região oeste. E, de belezas naturais exuberantes, destaca-se pelas

praias de águas doces, com ondas de rio localizadas nos distritos de Icoaraci e Mosqueiro e pelos furos que adentram às matas das ilhas que cercam a cidade. E por ser uma cidade amazônica apresenta muita vegetação em seu espaço geográfico, principalmente nas ruas do centro da capital, ruas que servem para a caminhada das doze romarias do Círio de Nazaré.

Como citado anteriormente, a relação do Círio de Nazaré com Belém remonta o período colonial da história do Brasil, pois o início da devoção paraense à Nossa Senhora de Nazaré se mistura com o Mito do achado da santa em Belém e remonta o ano de 1.700. Segundo Roque (2014, p. 22) “no Pará a devoção a N. S. de Nazaré foi trazida pelos Jesuítas, nos primeiros tempos da colonização”.

Grande parte do trajeto da Romaria do Círio de Nazaré se dá por baixo dos túneis de mangueiras¹¹ que estetizam as ruas de Belém, uma poesia que representa o verde da vegetação da floresta, poesia que perfuma com cheiro de folha molhada o caminhar dos romeiros atrás da imagem da Santa venerada, marca que inunda de devaneio o espaço territorial em que se situa a cidade, traços que estimulam e renovam o imaginário social amazônico, uma estética do imaginário com significado cultural próprio da região e do Círio de Nazaré. Sobre isso Loureiro (2015, p. 101) afirma:

Só será possível ao estético adquirir sentido, no âmbito da relação entre os homens, com base na cultura. Porque o valor estético resulta de uma relação da sensível que impregna a forma de contato do homem com a realidade, no conjunto de sua existência como ser social. Conseqüentemente, a função estética ocupa espaço privilegiado não apenas na vida individual, como de toda a comunidade, a sua abrangência será maior do que da arte propriamente dita.

Em relação aos lugares de culturas e tradições que constituem Belém destacam-se: o bairro da Cidade Velha, o primeiro bairro da cidade, que reúne grande parte da memória da fundação de Belém e da herança da arquitetura deixada pelos colonizadores portugueses, em especial, a Catedral da Sé, lugar de onde parte a Romaria do Círio em direção à Basílica Santuário que fica no bairro de Nazaré, no centro da capital.

Nesse trajeto os romeiros percorrem os túneis de mangueiras que em 18 de maio de 1994, a Lei de Patrimônio Histórico de Belém tornou as mangueiras das ruas da cidade patrimônio histórico do município, dada a importância dessa vegetação para a identidade climática, ecológica e cultural da cidade.

¹¹ Característica ecológica que faz das ruas centrais da cidade um cenário com grandes corredores de mangueiras centenárias, e por conta do desenho do plantio dessa vegetação, que se dá nas duas margens das ruas, os galhos das copas se encontram e se entrelaçam, formando túneis verdes que sombreiam e amenizam a temperatura nos dias quentes do verão amazônico.

Figura 19 – Fotografia Túnel de mangueiras na Av. Presidente Vargas em Belém



Fonte: <https://memoriasdopara.blogspot.com/2013>

É durante o Círio de Nazaré que a cidade exala um cheiro característico, das casas de grande parte dos paraenses saem os olores e sabores das tradicionais comidas típicas que “perfumam” os bairros da cidade durante todo o período da festividade. Essa marca faz dos hábitos alimentares de muitos paraenses. Culinária que fez Belém ser uma cidade conhecida mundialmente pelo seu paladar singular, com sabores ímpares que já romperam barreiras territoriais e temporais. Muitos costumes dos índios Tupinambás, os primeiros habitantes da região, sobrevivem como parte da cultura e da culinária da população belenense, por exemplo, os pratos em que o cozimento de folhas (de maniçoba) são a base da refeição.

Juntamente com a culinária paraense, o Círio de Nazaré aquece a economia do município e do Estado, sendo uma importante fonte de renda para uma grande parcela da população de Belém e para o comércio da cidade.

Alguns pratos e sabores se sobressaem na prática alimentícia paraense como a cultura das tacacazeiras¹², que estão presentes em algumas esquinas da cidade. E o que é marcante é o cheiro enfeitiçador do tucupi, um dos ingredientes usados no famoso Tacacá¹³, também o cheiro inebriante da Maniçoba¹⁴, do Pato no Tucupi¹⁵, pratos essenciais da culinária paraense. Essas iguarias demarcam espaço e o empoderamento ao longo de toda a história da cidade.

¹² Vendedoras de tacacá, consideradas patrimônio cultural imaterial do Estado do Pará, através da Lei Estadual nº 7.752 de 12 de dezembro de 2013 (Fonte: <http://elielfaustino.blogspot.com/2013>).

¹³ De origem indígena, é constituído de uma mistura que leva tucupi, goma de tapioca cozida, jambu e camarão seco. (Fonte: http://www.belem.pa.gov.br/belemtur/site/?page_id=92).

¹⁴ Comida típica cuja base é a folha da maniva (a planta da mandioca), depois de moída, deve ser cozida durante, pelo menos, sete dias para apurar o sabor. (Fonte: http://www.belem.pa.gov.br/belemtur/site/?page_id=92).

¹⁵ Comida típica cuja base é pedaços de pato, tucupi e jambu. (Fonte: http://www.belem.pa.gov.br/belemtur/site/?page_id=92).

Por fim, outra cena peculiar da cidade de Belém é a costumeira “chuva da tarde” que banha a cidade quase que diariamente, e o clima chuvoso é conhecido e bastante apreciado por muitos belenenses, a chuva marca a relação que os paraenses tem com o tempo, influenciando diretamente no fluxo da cidade e no deslocamento de muitos moradores da capital, onde alguns arranjos sociais são organizados a partir de “antes da chuva da tarde”, ou ainda, “depois da chuva da tarde”, clima tão apreciado por muitos moradores, já que a Metrópole da Amazônia, com características que traduzem elementos do ambiente quente e úmido da cidade, atributo de uma tropicalidade sem igual, de seu clima tropical, ensolarado e de altas temperaturas é algo característico de Belém.

Figura 20 – Fotografia retratando a Chuva da tarde em Belém



Fonte: Márcio Ferreira/Ag. Pará

Entre os setenta e um bairros que desenham geograficamente a cidade das mangueiras, o bairro da Sacramenta, situado ao norte da capital do Pará, nasceu da movência social da população por volta de 1922, cujo nome foi escolhido em menção a existência da rampa da Sacramenta citada por Cruz (1992), cuja construção ficava situada às margens da Baía que banha a frente da cidade de Belém, denominada Baía do Guajará, abriga grande parte das crianças que participam do Projeto Caminhos do Círio. É nesse bairro também, como citado anteriormente, que ficam localizadas as escolas onde estudam as crianças intérpretes da pesquisa.

É nesse espaço, nesse cenário do cotidiano amazônico que diferentes homens e culturas se relacionam, a ponto de encontrarem em suas vivências sociais a base de formação de suas identidades, costumes e subjetividades, lugar onde acontecem os encontros do Projeto Caminhos do Círio, as festividades do Círio de Nazaré e a Romaria do Círio das Crianças.

2.1.5 Coleta de dados

A minha aproximação com o Projeto Caminhos Círio se iniciou desde que participei de uma das reuniões do grupo. Nesse encontro fui muito bem recebida e dialoguei com a professora Flávia Maria Carvalho Meireles, pedagoga efetiva da Rede Municipal de Educação de Belém, atualmente, em processo de aposentadoria, a criadora e coordenadora do Projeto Caminhos do Círio, que na ocasião apresentou-me 3 (três) outras integrantes da coordenação, as professoras Carmem Serra, Elaine Moreira e Nazaré Santos¹⁶.

Durante esses primeiros encontros procurei obter mais informações sobre o projeto, e isso de a partir de algumas perguntas: como e porque foi criado; ano de criação; atividades desenvolvidas; custeio das atividades; participação nas romarias oficiais; número de crianças participantes; como se dá a participação das crianças no projeto; de onde vem essas crianças. Desde o início a conversa foi muito produtiva e positiva, fui informada sobre as crianças, as atividades desenvolvidas, a participação na romaria do Círio das Crianças, assim como, fui informada quanto às dificuldades que o grupo tinha com o espaço e o custeio para a realização das atividades do projeto. Logo em seguida, expliquei os reais motivos de eu estar ali, elucidei sobre a natureza e os objetivos de minha pesquisa de mestrado, assim como, minha futura inserção em campo e as técnicas que possivelmente utilizaria com as crianças para a coleta de dados. Dessa feita, marcamos a primeira roda de conversa com as crianças do projeto para dali em diante iniciar o trabalho com os intérpretes da pesquisa.

2.1.5.1 Primeiro encontro: o contar do achado da imagem da Santa

O primeiro encontro com as crianças intérpretes aconteceu durante uma reunião do Projeto Caminhos do Círio, em uma tarde de um sábado, na residência de uma das coordenadoras do grupo que fica situada na Passagem Mucajá, no bairro da Sacramenta em Belém.

O contato se estabeleceu a partir de uma roda de conversa, esta foi precedida pelo contar do mito do achado da imagem da Santa, realizado pela Contadora Margareth Brasileiro¹⁷, o contar do mito se deu com base na narrativa oral do achado da imagem de Nossa Senhora de Nazaré às margens do igarapé Murucutu. A narrativa movimenta e alimenta o imaginário social

¹⁶ Maria de Nazaré Carmo dos Santos é pedagoga efetiva da Secretaria Municipal de Educação de Belém-SEMEC.

¹⁷ Margareth da Silva atua como professora e é contadora de Histórias do Grupo Xamã.

dos devotos de Nossa Senhora de Nazaré até os dias atuais, renovando-se a cada ano, o já citado mito é então renovado e atualizado durante as festividades do Círio de Nazaré¹⁸.

Durante a roda de conversa as crianças sentaram lado a lado para ouvirem a história de Plácido e sua ligação com o Círio de Nazaré. Logo em sua entrada, caracterizada com figurino e representando o pescador, a contadora Margareth Brasileiro narrou com riqueza de detalhes e empostando a voz, como Plácido teria encontrado a imagem de Nossa Senhora de Nazaré nas águas ralas do Murucutu.

As crianças ficaram encantadas, curiosas e eufóricas, olhos e ouvidos fixos, na performance da contadora que entrelaçava o passado e o presente, ali naquele tempo único, essas narrativas abriram as portas do imaginário infantil, e esse mito foi naquele momento lembrado, tal qual como se depreende na assertiva: “o ato de narrar significa um reencontro de experiências transmitidas de indivíduo a indivíduo, de povo a povo, capaz de deixar impressos na memória das gerações elementos essenciais a vida em seus diversos momentos.” (BEDRAN, 2012, p. 43).

Pode-se considerar que a partir daquele momento as crianças viveram coletivamente a representação musicalizada do achado da imagem de Nossa Senhora de Nazaré, integrando simultaneamente literatura, memória, arte, imaginário e cultura, entrelaçando aspectos educativos e lúdicos. Pois, considerando que a ludicidade é uma importante ferramenta nos processos educativos de nossas crianças e as histórias narradas para crianças muito contribuem para a relação destas com seus pares, com sua cultura e com o mundo, devendo a ludicidade ser mais uma das ferramentas de formação das crianças. E dentro desse contexto vale ressaltar o exercício da escuta, do contar histórias, da criança que desde muito cedo convive com o imaginário oral, seja nos contos de fadas ou nos mitos que costuma ouvir.

A criança que ouve histórias cotidianamente desperta em si a curiosidade e a imaginação criadora e ao mesmo tempo tem a chance de dialogar com a cultura que a cerca e, portanto de exercer sua cidadania. O encontro de seu imaginário com o mundo de personagens tão diversificados pertencentes aos contos, sejam eles tradicionais ou contemporâneos, é fator de grande enriquecimento psicossocial. (BEDRAN, 2012, p. 25).

¹⁸ Pensando na forma como o texto oral sobrevive no imaginário popular, sendo recontado e revisitado tantas vezes como uma espécie de consulta e atualização do passado, como a narrativa foi se forjando no imaginário social e religioso, como se a memória evocasse o próprio momento em que o achado da Santa se deu, reconstruindo uma visão da existência passado-presente, nesse sentido, utilizo as palavras de Jean-Pierre Vernant (1973, p. 77): “não se poderia então dizer que a evocação do “passado” faz reviver o que não mais existe e nos dá uma ilusão de existência. Em nenhum momento, a volta ao longo do tempo nos faz omitir as realidades atuais”.

Como bem se observou durante a atividade de contar histórias, a interação dos intérpretes com a contadora foi imediata e espontânea, entre olhares e risos, o mito era coletivamente contado, com falas que intermediavam a voz da contadora e as vozes das crianças intérpretes.

Com as memórias avivadas sobre o mito que originou a grande festa nazarena, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré é um dos cenários em que o Projeto Caminhos do Círio se insere. A proposta da roda de conversa considerou a ideia de circularidade e integração, com ênfase na dimensão coletiva de partilha de saberes, vivências e culturas, com o intuito de criar um ambiente de descontração para todos os envolvidos na pesquisa. Assim, com essa técnica percebi que esse resultado se aproxima da experiência descrita na citação: “Além de ajudar na obtenção de perspectivas diferentes sobre uma mesma questão, permite também a compreensão de ideias compartilhadas por essas pessoas no dia a dia e dos modos pelos quais os indivíduos são influenciados uns pelos outros.” (GATTI, 2005, p. 11).

Nesse sentido, o diálogo foi se estabelecendo com o grupo, ao mesmo tempo em que aproveitei para fazer alguns registros dessa atividade em campo, de forma que gravei alguns arquivos em áudio, alguns trechos de conversas para uma posterior consulta do material. Principalmente parte de minha conversa sobre o assunto da pesquisa e os objetivos a serem seguidos, as técnicas para a coleta de dados, além de informações sobre o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), e a legislação que rege as pesquisas com crianças e o uso de nomes fictícios para respeitar a identidade de cada criança no estudo, como mostra a foto a seguir.

Figura 21 – Fotografia retratando a primeira roda de conversa, em 2018



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018)

Em seguida, as falas foram direcionadas para a identidade dos intérpretes, abrindo espaço para algumas questões do tipo: quem são; de onde vêm; onde moram; com quem moram; do que brincam; onde estudam; e o desejo de participarem ou não da pesquisa. Nesse momento, a adesão se deu por unanimidade, os intérpretes escolherem seus nomes fictícios e registraram algumas informações no seu perfil sócio histórico, falaram sobre a escolha do nome, discutiram entre seus pares as opções que pensaram, momento em que mostraram um pouco de suas ludicidades; algumas crianças ajudavam umas às outras na escolha do nome fictício, outras buscavam inspiração em personagens de desenhos animados, nomes de amigos, primos e pessoas com grandes valores afetivos. Por último, o anúncio do nome fictício era sempre justificado e acompanhado do porquê da devida escolha.

Desde o princípio percebi que os intérpretes estavam motivados e interessados em saber mais sobre a temática da pesquisa, assim como era visível um clima descontraído entre os envolvidos. Posteriormente, indaguei-os sobre suas vivências no Projeto Caminhos do Círio, suas experiências na procissão do Círio de Nazaré, sobre o tempo de participação no projeto e sobre os saberes presentes nas atividades do grupo, tendo como suporte um roteiro previamente elaborado, adentrando assim na temática a ser tratada durante o percurso da pesquisa.

A cada pergunta, os intérpretes trocavam olhares e sorrisos, como se fizessem uso de um código de encorajamento, a princípio, as falas pareceram tímidas, as respostas eram diretas, sem aprofundamento. Com o tempo, a conversa foi se estendendo naturalmente, assim como o clima de descontração foi tomando conta, estabelecendo, dessa forma, a segurança e confiança dos intérpretes, o que impulsionou a fruição das narrativas infantis, essa fruição transformou a roda de conversa num excelente momento para a produção de dados para a pesquisa, assim como gerou a possibilidade de ouvir o que as crianças tinham a dizer, considerando-as exímias produtoras de culturas e significadoras de suas próprias vidas.

O ato de ouvir o que as crianças do Projeto Caminhos do Círio tinham a dizer lembrou a proposta abaixo:

Busca-se nessa escuta confrontar, conhecer um ponto de vista diferente daquele que nós seríamos capazes de ver e analisar no âmbito do mundo social de pertença dos adultos. No entanto, o que as crianças fazem, sentem e pensam sobre a vida e o mundo, ou seja, as culturas infantis, não têm sentido absoluto e autônomo ou independentes em relação as configurações estruturais e simbólicas do mundo adulto e tampouco são mera reprodução. As crianças não só reproduzem, mas produzem significações acerca de sua própria vida e das possibilidades de construção de sua existência. (CRUZ, 2008, p.46).

A seguir destaco alguns dos excertos transcritos da fala das crianças, especialmente, questões relacionadas ao aprendizado e intercâmbio de saberes no Projeto Caminhos do Círio e do Círio de Nazaré:

-Eu já aprendi muita coisa aqui, venho pra cá desde pequeno, agora já estou com doze anos, aqui aprendi a rezar e a obedecer aos mais velhos. (DIEGO, 12 anos).

- Eu não sabia nada sobre os mistérios do terço, aprendi sobre eles e até a rezar o terço. (SOL, 12 anos).

-Aprendi no projeto que o Círio é uma festa em homenagem à Nossa Senhora de Nazaré e que serve pra gente rezar. (SISI, 10 anos).

-No projeto a gente aprende a rezar, a cantar, aprende as coisas do Círio e as músicas da santa também. (MIMI, 10 anos).

Sem dúvida, a roda de conversa é uma importante ferramenta usada para a obtenção de dados nas pesquisas, podendo ser utilizada com as crianças, por conta da dimensão coletiva da oralidade e da escuta que essas rodas promovem. Como se viu, a cada pergunta realizada muitas falas surgiam, em alguns momentos, as crianças falavam ao mesmo tempo, deixando o áudio confuso em certos trechos da conversa, fato que me fez escolher o trabalho com as conversas individuais com algumas crianças do grupo, sendo seis meninas e quatro meninos, ouvidos cada um a seu tempo. A roda de Conversa terminou com um lanche coletivo, seguido de brincadeiras livres e o uso do banho de cheiro, momento em que as crianças interagem com seus pares e comigo, num festejar junino, quando a noite de um sábado de junho já havia chegado.

2.1.5.2 Segundo encontro: o desenho infantil

O segundo encontro com os intérpretes aconteceu durante a reunião do Projeto Caminhos do Círio, no mesmo local da primeira reunião. Esse encontro contou com a participação de 10 (dez) intérpretes, e a aproximação com as crianças se deu através de uma roda de conversa sobre o tema do Círio de Nazaré e o significado da festa para cada um, instigados pela coordenadora do Projeto, a professora Flávia Meireles, algumas importantes informações foram obtidas sobre os diversos aspectos relacionados ao Círio de Nazaré, aspectos esses que foram verbalizadas pelas crianças. A exemplo da pergunta sobre uma imagem marcante no Círio, uma das crianças respondeu assim:

- *Pra mim a imagem marcante do Círio é a das pessoas puxando a corda do Círio* (MICKEY, 11 anos).

A posteriori o diálogo foi fluído de forma livre e espontânea, com os dizeres das crianças sobre suas impressões, opiniões e sentimentos em relação ao Projeto e ao Círio de Nossa Senhora de Nazaré, como a seguir:

- *A primeira vez que eu fui no Círio, eu me emocionei, achei lindo as pessoas olhando a berlinda.* (MIMI, 10 anos).

- *O Círio é a união de todo mundo para ver Nossa Senhora.* (DIEGO, 12 anos).

A imagem abaixo de autoria de Lelê (11 anos) retrata a Senhora de Nazaré na berlinda:

Figura 22 – Desenho de Nossa Senhora de Nazaré na berlinda, feito por um interpretes, em 2018.



Fonte: Arquivo pessoa da autora (2018)

Na sequência, como mostram as imagens que se seguem, optei em empregar a técnica do desenho como forma de livre expressão infantil e como meio de comunicação também. Embora o desenho seja um importante recurso metodológico em pesquisas com crianças, nessa pesquisa, essa técnica foi utilizada apenas para facilitar a minha aproximação com os intérpretes e, estimulá-los para que a timidez não interferisse de forma significativa no contexto pesquisado.

Assim sendo, o desenho infantil, além de ser uma forma rica de expressão do imaginário infantil, também pode ser concebido como uma forma de linguagem que vai além da oralidade, pois pode retratar significações, sentimentos, estados de humor e contém a sua própria subjetividade. As crianças foram orientadas para que pudessem descrever através de registros

gráficos o que o Círio de Nazaré representa ou despertava em cada uma delas. A foto seguinte retrata o momento de livre produção de desenhos sobre o Círio de Nazaré:

Figura 23 – Fotografia retratando a segunda roda de conversa, juntamente com a produção do desenho infantil, em 2018



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018)

Foi durante a produção dos desenhos que as crianças se posicionaram espontaneamente em círculo e dialogaram sobre suas experiências no Círio e expuseram os significados de seus desenhos, ao falarem, expressavam de forma emotiva o sentimento de pertencimento ao Projeto Caminhos do Círio, muitas mencionaram o sentimento de fé e de devoção por Nossa Senhora de Nazaré.

A cada rabisco, a cada traço, a cada cor usada para aquarelar e dar vida àqueles registros pessoais sobre o Círio de Nazaré, vi nascer em folhas brancas de papel imagens que representam sentimentos, emoções e impressões infantis sobre essa importante festa religiosa, que agrega o sagrado, o social e o cultural em uma romaria encharcada de símbolos culturais da Amazônia, como a berlinda de Nazaré, em destaque nos primeiros traços do desenho que se segue:

Figura 24 – Fotografia retratando o desenho infantil, em 2018



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018)

Durante a técnica do desenho, o emprego do diálogo foi muito proveitoso para a captura de dados para a pesquisa, as crianças verbalizaram algumas experiências e impressões pessoais e familiares vivenciadas no Círio, nesse clima, introduzi questionamentos mais diretivos e específicos, criei possibilidades que me levaram ao encontro do objeto investigado nesse estudo.

Desse modo, utilizei o roteiro da roda de conversa, elaborado previamente, que continha as seguintes perguntas: Por que você participa do grupo Caminhos do Círio? Há quanto tempo você participa do grupo? Quais atividades do grupo você participa? O que o grupo Caminhos do Círio significa para você? Como acontece a preparação do grupo para a participação na procissão do Círio de Nazaré? O que vocês aprendem sobre o Círio de Nazaré no grupo? O que o Círio de Nazaré representa para você? Você já aprendeu ou ensinou algo para alguém no grupo? O que? Para quem? Você brinca no grupo? De quê? Você já estudou algo sobre o Círio de Nazaré na escola? Tem algo que você gostaria de falar sobre o grupo Caminhos do Círio e do Círio de Nazaré? Quais sentimentos e sensações você vivencia durante o Círio de Nazaré?

Sem dúvida, o uso do roteiro da roda de conversa facilitou muito o diálogo, direcionou a conversa e me permitiu mergulhar no universo infantil das crianças intérpretes dessa pesquisa. Nesses termos, com a proposta de descrever também as minhas impressões acerca da experiência vivida com as crianças, é que descrevo esse sentimento fazendo uso dos versos do escritor Machado de Assis: “Palavra puxa palavra, uma ideia traz outra”, dessa forma, outros questionamentos surgiram e foram significativos para o entendimento do objeto de estudo em questão.

Com isso, a cada questionamento os olhares infantis se cruzavam, e as impressões de cada um apareciam nas vozes daqueles devotos infantis, que naquele encontro se materializavam na voz e nos desenhos do grupo, no total 10 (dez) crianças, sendo 6 (seis) meninas e 4 (quatro) meninos.

2.1.5.3 Terceiro encontro: o jogo de perguntas e respostas

O terceiro encontro ocorreu no espaço cedido, ou seja, na casa da professora Elaine Moreira, numa tarde de um sábado de outubro e contou com a participação de doze crianças, sendo sete meninas e cinco meninos.

Devo dizer que a cada encontro a minha relação com as crianças já se fazia com base no vínculo afetivo que era construído gradativamente durante a pesquisa de campo, através de olhares, de sorrisos e de conversas. Ressalto o desenho de uma amizade que começou a ser

traçada desde a primeira reunião do projeto em que participei com as crianças. No entanto, foi nesse terceiro encontro que percebi claramente que a minha presença entre elas e a minha pesquisa de mestrado realmente havia sido aceita pelos intérpretes, pois sentia que todos os envolvidos abraçavam a causa.

Logo, busquei a ludicidade como uma forma e um instrumento de aproximação para a escuta das falas das crianças, e também pelas possibilidades de desenvolver a cognição e a subjetivação dos intérpretes durante a pesquisa, relacionando o jogo com aspectos educativos da formação humana, por essa lógica entendo que

É brincando que a criança constrói conhecimentos da sua cultura e também aprende a desenvolver papéis, pois brincar é construir e reconstruir a realidade partindo do imaginário. Brincando, a criança coloca em pauta os problemas do seu dia a dia, mesmo os mais difíceis de serem solucionados, buscando alternativas para a resolução. (ANDRADE, 2013, p. 19).

E, por conseguinte, elegi o planejamento que intitulei de o “Jogo de Perguntas e Respostas”, jogo que serviu para a dinâmica de conversas, pois através da ludicidade a criança tem a possibilidade de significar seus pensamentos e sua subjetividade. Essa relação de subjetividade infantil que pude perceber nas brincadeiras lembra a citação em destaque:

Por meio da ludicidade muitas verdades podem ser ditas, como também através dela pode-se zombar do mundo e (com) partilhar diversas experiências, e até mesmo formar grupos afins, para se lutar por alguma causa em que se acredita. Ao mesmo tempo, pensamentos e sentimentos podem ser expressos, mais facilmente quando se está vivenciando momentos descontraídos de brincadeira, de ludicidade (CARVALHO, 2006, p. 180 e 181).

Assim, iniciei o diálogo informando sobre o “Jogo Perguntas e respostas”, atividade escolhida para aquela tarde. Também expliquei que a brincadeira seria realizada em grupos de três ou mais participantes e que o coordenador da brincadeira sortearia uma pergunta previamente elaborada, após a leitura da mesma, o participante que primeiro levantasse a mão e respondesse ao questionamento, caso a resposta estivesse correta, o participante sortearia um número e ganharia o brinde correspondente a esse número. Se o participante respondesse ao questionamento de forma incorreta, ou não soubesse a resposta, outro participante poderia responder ao questionamento e concorreria ao brinde.

A brincadeira só terminaria quando encerrassem as perguntas elaboradas, e o vencedor da brincadeira seria o participante que acertasse o maior número de perguntas e ganhasse o maior número de brindes correspondentes. Após o diálogo sobre os trâmites da brincadeira

mostrei para as crianças os prêmios que seriam entregues a cada resposta correta, o que as deixou eufóricas e falantes, várias crianças queriam iniciar o jogo imediatamente.

O referido jogo serviu para demonstrar a flexibilidade que o pesquisador deve ter em relação às técnicas de coleta de dados adotadas no âmbito de pesquisas com as crianças, pois pela dinâmica do cotidiano infantil, é importante que o pesquisador eleja “maneiras novas e diferentes de ouvir e observar as crianças e de recolher traços físicos de suas vidas” (GRAUE; WALSH, 2003, p. 120).

Todas as crianças, e eu juntamente com elas, utilizamos o chão para sentar em formato de círculo. Assim foi dado início ao primeiro sorteio da primeira pergunta, tudo isso em meio à euforia dos participantes, as conversas e os risos. Ao passo que o jogo virou uma enorme brincadeira que acontecia em meio a muita euforia e a ansiedade das crianças. Algumas se apressavam para levantar a mão em primeiro lugar, sair na frente para responder a primeira pergunta que aparecesse e assim, sair vencedora do primeiro prêmio. Como mostra a foto a seguir:

Figura 25 – Fotografia retratando o momento do sorteio de uma das perguntas do jogo



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018)

Atividades como essas me fizeram perceber que as crianças se sentiram desafiadas, isso se traduziu logo na primeira pergunta sorteada do jogo, nessa etapa dava para ver muitas mãos levantadas ao mesmo tempo, esses gestos simultâneos diziam simbolicamente que sabiam a resposta da tão esperada pergunta que dava início a brincadeira. Em meio aos simples sorteios das perguntas eu identificava alguns elementos e saberes da vida cotidiana das crianças ali presentes, conhecimentos que se entrelaçavam naquele tempo lúdico, experiências vivenciadas na vida real e eram verbalizadas no jogo.

Para tanto, busquei encontrar ressonâncias entre o que se passava em campo, ali com as crianças em meio ao lúdico, e o que pensam os estudiosos sobre o tema do lúdico na sua relação direta com o cotidiano infantil:

Enquanto brinca, a criança transporta para a brincadeira o mundo real e vincula o brincar às regras que fazem parte do seu dia a dia. É comum observar ela representar, em suas brincadeiras, situações que presenciou em seu meio, como o brincar com suas bonecas, assumindo o papel de mamãe e conversando com sua “filhinha”: “Vamos lá, você precisa escovar seus dentinhos”, ou “Já está na hora de dormir, precisamos desligar a TV”, “A rua é perigosa, não passe do portão”. Assim, ao brincar e jogar, ela faz o que mais gosta, mas, ao mesmo tempo, reconhece e reafirma seus limites, aprende a controlar seus impulsos imediatos, condicionando-os às regras estabelecidas socialmente. (HORN, 2012, p. 11).

Como foi dito acima, toda criança transporta o mundo real para as suas atividades lúdicas, de forma que transporta para as suas brincadeiras os fatos vividos no dia a dia. Muitas vezes, o limite entre o brincar e o jogar é rompido, mas entre essa tênue relação o ato de brincar se converte em regras que a criança já aprendeu, já internalizou a partir dos limites que a sociedade impõe como regra. Por exemplo, isso se evidenciou nas perguntas que eram feitas durante os jogos e os sorteios, em que cada pergunta sorteada, várias crianças levantaram as mãos para respondê-la, nesse momento, várias interlocuções aconteciam entre elas, todas as crianças com as mãos levantadas se acusavam da prioridade da resposta, o grupo ficou movimentado, enquanto um integrante respondia; vários outros trocavam informações a respeito da pergunta, e o conteúdo das perguntas transitou pelas interlocuções das crianças participantes, elementos da cultura paraense que foram significados coletivamente no jogo.

Embora as regras da brincadeira não versassem sobre a possibilidade de uma pergunta ser respondida por mais de um participante, em algumas delas isso aconteceu, o jogo foi reelaborado de forma coletiva e espontânea, de acordo com a vontade das crianças, elas buscavam ajudar umas às outras, e o sentimento de coletividade se instalava. Algumas crianças complementavam as respostas dos colegas ou lembravam seus pares sobre as respostas correspondentes, dando a brincadeira, uma dimensão do coletivo infantil, de sentimento de solidariedade e unidade, tais fatores levam a

perceber que o jogo é o vínculo que une a vontade da criança e o prazer que sente durante a realização de uma atividade. Dessa forma, os jogos foram modificados pelas próprias crianças na medida em que passaram a dominar as regras propostas, criando, a partir do seu interesse, novos desafios que motivassem a continuidade da exploração (HORN, 2012, p. 133).

Já em outro momento das atividades ficaram patentes as impressões sobre o Círio de Nazaré, grande parte desse ponto de vista foi construído coletivamente pelas crianças. As passagens abaixo sintetizam algumas opiniões sobre a pergunta: O que é o Círio de Nazaré?

-É uma grande procissão que todo mundo participa, todo mundo acolhe o outro. (LELÊ, 10 anos).

-É a festa da santa, tem comidas, cartaz do Círio e a família se reúne. (Lua, 9 anos).

-É um monte de gente seguindo a santinha na berlinda. (Mickey, 11 anos)

-É uma procissão de amor, onde todo mundo faz pedidos ou agradece por alguma coisa (SISI, 10 anos).

Durante a realização da brincadeira, a maioria das crianças verbalizaram seus pensamentos e impressões acerca da festividade do Círio de Nazaré, da cultura que envolve essa festa e suas vivências no Projeto Caminhos do Círio, a criança vencedora respondeu a nove perguntas e ganhou nove prêmios. A atividade extrapolou o tempo inicial previsto, as crianças tinham o desejo de falar, e as falas aconteciam desprendidas de preocupações com o tempo cronológico da vida, enquanto uns falavam através da oralidade; outras formas de comunicação aconteciam simultaneamente, as restantes expressavam através de olhares afirmativos, sorrisos e movimentos de cabeça como forma de compreensão e apoio a resposta do outro.

As respostas corretas foram contempladas com a escolha do prêmio, como mostra a imagem a seguir:

Figura 26 – Fotografia de uma criança escolhendo o prêmio



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018)

A partir de então percebi que através do jogo realizado, as crianças conseguiram contextualizar e fazer uma síntese com suas próprias palavras dos saberes que são vivenciados por elas no contexto do Projeto Caminhos do Círio e na Romaria do Círio das Crianças, essas falas foram elaboradas de maneira mais segura na contextualização da realidade vivida. Afinal de contas, como indica a citação “a criança não brinca numa ilha deserta. Ela brinca com as substâncias materiais e imateriais que lhe são propostas, ela brinca com o que tem na mão e com o que tem na cabeça” (BROUGÈRE, 2006, p.105).

De um universo de onze crianças participantes dessa atividade, apenas uma não verbalizou através de movimentos corporais ou de mão o desejo de responder aos questionamentos, o que não impossibilitou que, ao final da brincadeira, a criança fosse premiada com pipocas e brinquedos, já que fez parte do círculo da brincadeira.

As perguntas foram elaboradas com base no Círio de Nazaré, no Projeto Caminhos do Círio e a vivência das crianças no contexto da romaria e na participação no projeto. Como a seguir: O que é o Círio de Nazaré? Onde e quando acontece o Círio de Nazaré? Quem organiza e realiza o Círio de Nazaré? Em que mês e dia acontece o Círio de Nazaré? O que o Círio de Nazaré significa para você? Quem é Plácido? Conte como foi o achado da Santa? Em que país começou a devoção à Nossa Senhora de Nazaré? Com quem você aprendeu coisas sobre o Círio? Como essa pessoa ensinou a você coisas sobre o Círio? Você já ensinou algo sobre o Círio para alguém, o quê? O que você aprendeu sobre o Círio no Projeto? Você já participou de quantas romarias do Círio? O que você sente quando está na romaria do Círio de Nazaré? Como a sua família se organiza para viver o Círio de Nazaré? Qual o nome da igreja onde fica guardada a imagem original de Nossa Senhora de Nazaré? Você já foi lá, o que sentiu e quais romarias do Círio você conhece? Em quais já participou? Há quanto tempo você participa do Projeto Caminhos do Círio? Fale três coisas importantes que você aprendeu no projeto. Mencione algo importante que você aprendeu no projeto e ensinou a alguém. Quais sentimentos e sensações você vivencia durante o Círio de Nazaré? Quais elementos da cultura paraense você observa no Círio de Nazaré? O que o Projeto caminhos do círio representa para você? O que você mais gosta no projeto Caminhos do Círio? O que você não gosta no projeto Caminhos do Círio? O Círio de Nazaré é uma festa religiosa, por quê? Quais orações você sabe rezar? Quais orações você aprendeu no projeto? Qual o nome da romaria que acontece na véspera (sábado) do Círio? O que é a Trasladação? Fale sobre: Uma imagem do Círio, Um símbolo do Círio, Uma comida do Círio. O que a corda significa na romaria do Círio? O Círio movimenta a economia da cidade ou do Estado. Como?

Ao final da brincadeira, o ambiente era de muita alegria entre as crianças e as coordenadoras do projeto, o encontro foi finalizado com o lanche coletivo.

2.1.6 As entrevistas

A ausência de alguns intérpretes e a dificuldade de audição de alguns trechos das rodas de conversa, levaram-me a dispor de um momento específico para com algumas crianças, para a melhor compreensão de suas impressões sobre os questionamentos da pesquisa, ou para ouvi-las separadamente, por conta de ausências e de suas individualidades.

Essas conversas foram mediadas por um roteiro pré-elaborado de entrevista, e questões que foram surgindo no decorrer do diálogo. Diante desse cenário tive de buscar apoio em bibliografias que ajudassem a pensar a questão da entrevista, assim a

[...] entrevista é uma comunicação entre dois interlocutores, o pesquisador e o informante, com a finalidade de esclarecer uma questão. Pode ser livre (o informante discorre como quiser sobre o assunto), estruturada (o informante responde sobre algumas perguntas específicas), ou semi-estruturada (discurso livre orientado por algumas perguntas-chaves) (CHIZZOTTI, 2003, p. 45).

O roteiro pré-elaborado da entrevista foi direcionado aos saberes vivenciados e partilhados pelas crianças no contexto do Projeto Caminhos do Círio e suas vivências no Círio de Nazaré. Dessa forma, a cada encontro do Projeto e com as crianças procurei me aproximar dos intérpretes e fui realizando as entrevistas nos momentos de intervalo das atividades, nos momentos de lanche e brincadeiras livres, fui me organizando aos poucos, tanto que consegui otimizar o meu tempo, em consonância com a disponibilidade dos intérpretes.

Esse cuidado vai ao encontro da disponibilidade da criança e do seu tempo. É importante ter a preocupação de não modificar de maneira sistemática a dinâmica das atividades do Projeto. Por sua vez, a comunicação oral é o ponto forte da entrevista, um excelente instrumento de captação de dados para as pesquisas educacionais, e quando aplicadas em um estudo com crianças, cuidados são necessários, no sentido de garantir o respeito pelo momento de cada intérprete e seu desejo em realizar ou não a entrevista.

Por isso, precisei estar atenta na condução das entrevistas individuais, iniciando-as com conversas sobre o entrevistado; mostrando-me sensível a tudo o que as crianças falavam, e assim, as fiz perceber que valorizava cada momento de suas falas. Dessa maneira, procurei manter o meu exercício de escuta, sempre vigilante para não interferir e nem distorcer sobre o que as crianças comentavam, e dando ênfase e importância para cada fala naquele momento.

Pensando em como a entrevista iria me auxiliar em campo li outros autores que diziam que

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreocupada e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Suas formas de realização podem ser de natureza individual e/ou coletiva. Nesse sentido, a entrevista, um termo bastante genérico, está sendo por nós entendida como uma conversa a dois com propósitos bem definidos. Num primeiro nível, essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Já, num outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico. (MINAYO, 2008, p. 57).

Mesmo com o caráter individual da entrevista, a dimensão coletiva dos encontros do Projeto se fazia presente, ao entrevistar um dos intérpretes, os demais o rodeavam e partilhavam coletivamente as falas do diálogo dirigido, percebi nesses momentos o apoio afetivo que as crianças trocavam entre si durante as entrevistas, era como se a presença do (a) amigo (a) ali, as deixassem mais seguras e encorajadas para o momento que tivesse que falar também. Em algumas fotografias esse exemplo fica claro.

Figura 27 – Fotografia retratando uma das entrevistas individuais, em 2018



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018)

A entrevista individual trouxe para a pesquisa a dimensão da timidez em alguns intérpretes, me fazendo repensar a forma de “abordagem” da entrevista. Assim, alguns questionamentos foram reelaborados e “aplicados” através de conversas informais.

Realmente minha inserção como pesquisadora no universo do objeto pesquisado e a aproximação com os intérpretes da pesquisa estabeleceram um ambiente favorável para a escuta das impressões das crianças sobre a temática da pesquisa.

2.1.7 Tratamento de dados

Para uma melhor compreensão da realidade pesquisada e um entendimento mais aprofundado dos saberes culturais que encontram trânsito nas relações de sociabilidade das crianças do Projeto Caminhos do Círio, interpretamos os dados coletados durante a pesquisa de campo a partir da Análise de Conteúdo, vertente analítica que se converte em uma maneira singular de interpretar metodologicamente as informações e os dados expressos pelos sujeitos pesquisados.

Muitas vezes, essa interpretação se dá com base nas diferentes linguagens que o pesquisador observa e não somente nas mensagens expressas exclusivamente pela oralidade. Nesse caso, Bardin (1997, p. 31) considera que “a análise do conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações”, ou seja, de resultados que diz respeito ao conteúdo da comunicação entre os intérpretes. Ainda sobre a mesma técnica, Severino (2001, p. 122) acredita que a Análise de Conteúdo “descreve, analisa, e interpreta as mensagens/enunciados de todas as formas de discurso, procurando ver o que está por trás das palavras”.

Assim, por entender que analisar requer um tempo maior para interpretar, fui ao encontro das interlocuções dos intérpretes e das mensagens por eles emitidas e traduzidas em dados, considerando a diversidade das formas de expressão humana, que vai além do que é pronunciado convencionalmente através das palavras. Dito isso, busquei ancoragem na Análise de Conteúdo com o objetivo de compreender as entrelinhas da linguagem usual dos sujeitos pesquisados.

Nesses termos, autores como Chizzotti (2006, p. 98) reiteram que “o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”. O mesmo autor demarca muito bem essa característica em seu livro, e de acordo com a análise minuciosa de diferentes mensagens e linguagens em uma pesquisa científica é evidente

A descodificação de um documento pode utilizar-se de diferentes procedimentos para alcançar o significado profundo das comunicações nele cifradas. A escolha do procedimento mais adequado depende do material a ser analisado, dos objetivos da pesquisa e da posição ideológica e social do analisador (CHIZZOTTI, 2006, p. 98).

Em face disso “o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas” (CHIZZOTTI, 2006, p. 98), com base nessa afirmativa busquei, dessa maneira, analisar e

compreender os saberes culturais que as crianças do Projeto Caminhos do Círio entram em contato. Considerando esses intérpretes interagem e se apropriam no contexto do grupo social, e que tornam visíveis os processos educativos e lúdicos a partir dessa experiência.

Ainda no sentido de compreender e aprofundar o entendimento sobre os saberes culturais das crianças do Projeto Caminho do Círio, e em consonância com a técnica de tratamento de dados adotada, foi necessário organizar os dados em diálogo com o referencial teórico, ao mesmo tempo, em concordância com a descrição dos fatos, o que sugere a importância de categorizar os dados coletados em campo. Seguindo esse raciocínio e ao mesmo tempo considerando que essa etapa não deve esgotar o trabalho analítico do pesquisador que busca ir além das descrições e dos significados superficiais, tratei de realizar a chamada categorização dos dados, obedecendo as orientações de autores como Menga Lüdke e Marli André (1986, p. 49):

A categorização, por si mesma, não esgota a análise. É preciso que o pesquisador vá além, ultrapasse a mera descrição, buscando realmente acrescentar algo à discussão já existente sobre o assunto focalizado. Para isso ele terá que fazer um esforço de abstração, ultrapassando os dados, tentando estabelecer conexões e relações que possibilitem a proposição de novas explicações e interpretações.

Por esse prisma é que o olhar do pesquisador deve se aprofundar em sua interpretação, fazendo um trabalho aprofundado e analítico dos dados com o intuito de categorizá-los passo a passo. Nesse sentido é que a tarefa do pesquisador deve ser agregar as conexões explicativas que subsidiem interpretações, que atendam as respostas aos questionamentos da pesquisa.

Em se tratando da categorização de dados nas análises em pesquisas qualitativas é imprescindível destacar que “a categoria na pesquisa é utilizada para estabelecer classificações na medida em que agrupa ideias, elementos, expressões, etc.” (OLIVEIRA; MOTA-NETO, 2011, p. 163). Esses estudiosos assinalam ainda que para a existência de dois tipos de categorias de análises, as analíticas e as temáticas, ambas fornecem meios para a organização minuciosa e a interpretação compreensiva dos dados de uma pesquisa científica, para assim obter “uma ação de organização lógica dos dados coletados, viabilizando uma estrutura organicamente integrada” (OLIVEIRA; MOTA-NETO, 2011, p. 163).

Enquanto as categorias analíticas referem-se a conceitos presentes no referencial teórico da pesquisa científica, as categorias temáticas apontam para os indicadores de análises, essa categoria é caracterizada pela classificação em eixos temáticos dos elementos, fatos ou informações contidas nos dados da pesquisa.

Dessa feita, elegeu-se as categorias temáticas como forma de organização e compreensão dos dados e informações da pesquisa, uma vez que a recorrência de elementos da cultura local e cotidiana, assim como, aspectos importantes da vivência das crianças no Projeto Caminhos do Círio são aspectos que saltaram ao olhar e a escuta da pesquisadora em diferentes momentos e fases do percurso científico.

Nessa organização metodológica pontuo sete categorias analíticas principais, eleitas a partir da recorrência nas falas e mensagens sublinhadas nas interlocuções com as crianças e das crianças entre si, que subsidiam uma melhor compreensão das linhas gerais da pesquisa:

- Círio de Nazaré e a criança: Qual a relação da criança com a festa?
- Círio de Nazaré e a cultura: Qual a relação das festividades do Círio de Nazaré com a cultura local.
- Círio de Nazaré e a ludicidade: As crianças brincam durante o Círio de Nazaré e nas atividades do Projeto Caminhos do Círio? Como brincam?
- Círio de Nazaré e a religiosidade: O que as crianças sabem rezar? Como rezam as crianças? Com quem as crianças aprenderam a rezar?
- Círio de Nazaré e os saberes: O que se aprende e como se aprende no cotidiano da festa?
- Círio de Nazaré e a economia: O que se vende na festa? O que se compra no cotidiano da festa?
- Círio de Nazaré e a história: O que as crianças sabem sobre a historicidade da festa?

2.1.8 Ética na pesquisa com crianças

Com o objetivo de desvelar os saberes das crianças do Projeto Caminhos do Círio no contexto do Círio de Nazaré, e por se tratar de uma pesquisa com crianças, procurei manter os aspectos éticos de uma pesquisa com essa natureza, respeitando a Resolução 466/12 do Ministério da Saúde e a Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, com a assinatura do TCLE dos responsáveis pelos intérpretes e a garantia de privacidade dos nomes das crianças envolvidas.

Como em todos os estudos científicos que envolvem crianças como intérpretes, é necessário encaminhar o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética do Ministério da Saúde, para assegurar os cuidados éticos em pesquisas com seres humanos, e assim foi feito.

Com base nos preceitos éticos, os cuidados éticos foram seguidos à risca, com diálogos frequentes com as crianças intérpretes e seus responsáveis durante os encontros do grupo. Para tanto, os responsáveis pelas crianças receberam uma orientação prévia sobre a importância do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE e a legalidade do mesmo para a realização da pesquisa de mestrado, além de terem sido informados quanto aos métodos elencados para a captação de dados durante os encontros com os intérpretes.

Desse modo, expliquei para as crianças a importância de resguardar seus nomes próprios e suas identidades, respeitando a legalidade da legislação federal que versa sobre pesquisas com seres humanos menores de idade de acordo com Resolução 466/12 do Ministério da Saúde e a Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

Desde o início, tive a preocupação de ser coerente com o referencial teórico que norteia a pesquisa e com a importância da legitimidade das falas das crianças como agentes sociais produtores de cultura e saberes, explicando minuciosamente para os intérpretes, que mesmo que a legislação não permita a divulgação de suas identidades, suas impressões, seus pensamentos e seus saberes sobre as linhas gerais do estudo seriam mantidos e transcritos na íntegra, e assim, exerci um enorme respeito pelo espaço dos intérpretes, respeitando também o seu tempo e seu desejo ou não em participar como intérprete de uma pesquisa científica nesses moldes.

No entanto, ao participarem de livre escolha e de forma espontânea, as crianças precisam receber a garantia que os cuidados éticos serão mantidos, bem como o respeito a sua identidade e ao seu pensamento serão preservados:

Quando trabalhamos com um referencial teórico que concebe a infância como categoria social e entende as crianças como cidadãos, sujeitos da história, pessoas que produzem cultura, a ideia central é a de que as crianças são autoras, mas sabemos que precisam de cuidado e atenção (KRAMER, 2002, p. 42).

Dessa forma, as rodas de conversas e as entrevistas individuais só tiveram início após o diálogo explicativo de todas as fases da pesquisa, assim como, os métodos de captação de dados e os trâmites legais que regem sobre a realização de pesquisas com crianças.

SEÇÃO III

3.1 O CAMINHAR POR ENTRE SABERES E CULTURAS

Essa seção trata dos eixos Cultura e Educação, por entender que essas duas dimensões se relacionam na constituição social, cultural e cognitiva do homem e que ambas, são resultantes de vivências sociais humanas. Dessa forma, a análise do objeto de estudo dessa pesquisa, que são os saberes partilhados pelas crianças que participam do Projeto Caminhos do Círio, terá como aporte teórico, Brandão (2002 e 2007), Charlot (2000) e Geertz (2008).

A partir de tais escolhas teóricas considero que a educação não acontece somente dentro do rigor e da sistematização da escola regular, a educação se faz em diferentes espaços, e a forma como ela conduz os seres humanos, independente de geografias e contextos, termina por enredá-lo numa profunda e complexa teia de saberes responsáveis pela formação humana. Portanto, a educação não formal – a que acontece fora dos espaços instituídos – é verdadeira, universal e integral, sendo esta possível através da cultura e do conjunto de elementos que transitam nela (na cultura) e que educa as pessoas, nutrindo-as de conhecimentos contextuais que servem para a vida prática em sociedade.

Como acontece por exemplo nos processos sociais vividos pelas crianças do Projeto Caminhos do Círio, ao se relacionarem com contexto maior do Círio de Nazaré na realização e participação das mesmas nas diferentes atividades relacionadas a essa festividade. Por outro lado, como bem assegura Brandão (2002), a educação pela cultura fomenta as discussões acadêmicas no que concerne ao entendimento de cultura como construção humana, envereda pelo viés teórico da cultura popular como ato de demarcação político-social de grupos invisibilizados pela cultura hegemônica e a racionalidade eurocêntrica.

Dito dessa forma, para entender a educação como processos sociais de interação, busquei construir um caminho onde o conceito de cultura contempla as práticas educativas que fomentam as vivências humanas, que se movem socialmente através do compartilhamento de saberes culturais da vida cotidiana, por sujeitos transformadores da sociedade em que vivem, ao dar sentidos e significados a sua existência. Nesse aspecto, resalto a relação entre a educação e a cultura como resultado de vivências humanas como sugere o fragmento seguinte:

Tal como a religião, a ciência, a arte e tudo mais, a educação é, também, uma dimensão ao mesmo tempo comum e especial de tessituras de processos e de produtos, de poderes, e de sentidos, de regras e de alternativas de transgressão de regras, de formação de pessoas como sujeitos de ação e de identidade e de crises de identificados, de invenção de reiterações de palavras, valores, ideias e de imaginários

com que nos ensinamos e aprendemos a sermos quem somos e a sabermos viver com a maior e mais autêntica liberdade pessoal possível os gestos de reciprocidade a que a vida social nos obriga. (BRANDÃO, 2002, p. 25).

No processo de aprender a que o homem está submetido desde o nascimento, portanto “seres aprendentes”, segundo Brandão (2002), a educação compreende toda a cultura cotidiana, nossas vivências nos grupos sociais aos quais fazemos parte e as diferentes maneiras que aprendemos e estabelecemos para compreender e viver no mundo. Esse viver, é permeado de uma diversidade de saberes que reafirmam e fortalecem nossas experiências humanas, saberes que se entrelaçam a múltiplos processos sociais e educativos, que vivemos por toda a vida.

É verdade que todo sujeito pertence a um grupo; mas não se reduz a esse vínculo e ao que pode ser pensado a partir da posição desse grupo e um espaço social. Ele interpreta essa posição, dá um sentido ao mundo, atua neste, depara-se nele com a necessidade de aprender e com formas variadas de saber; e sua relação com o saber é fruto desses múltiplos processos. (CHARLOT, 2000, p. 38)

Logo, ao dar sentido ao mundo, o homem é “um sujeito confrontado com a necessidade de aprender e com a presença, em seu mundo, de conhecimentos de diversos tipos” (CHARLOT, 2000, p. 33), e pensando nesse raciocínio esse estudo acredita que o homem e a educação se relacionam de forma significativa. Ainda conforme Charlot a ação do homem que resulta na significação da vida, constitui a relação direta entre a cultura e o saber, humanizando as relações sociais. Assim, para que exista uma ação intencional da formação de um saber, ou dos processos educativos, esta deve se assentar na significação subjetiva do sujeito da ação.

Gradativamente, ainda na primeira infância, o homem agrega significações a partir de sua vivência nos grupos sociais e no mundo, a esse complexo e gradual processo de apropriação, socialização e significação do cotidiano, o estudioso que citei anteriormente conceitua a educação como o conjunto de processos que homem vivencia em sistemas cada vez mais complexos ao longo da vida.

Entendida assim, a educação de um povo é criada e recriada a partir de seus modos de vida, das relações do homem com ele mesmo, com o outro e com o mundo, uma educação encharcada de cultura, de saberes do cotidiano, de maneiras de se relacionar na sociedade e de legitimá-la pelo seu prisma.

As crianças intérpretes dessa pesquisa, ao participarem ativamente das atividades que envolvem o Círio de Nazaré, vivenciam processos educativos imbricados nas experiências de situações cotidianas, dessa forma, se afirmam como agentes sociais produtores de culturas. Tal como lembra Brandão (2002), de somos seres plurais e singulares simultaneamente, pois cada

ser constrói por toda a vida sistemas de símbolos e significados coletivos e individuais para viver.

A partir das falas a seguir e das interlocuções com as crianças sobre o universo do grupo a que fazem parte e o cenário maior do Círio de Nazaré, tive uma maior noção do conhecimento que já possuem, assim como observei aspectos da compreensão dos intérpretes em torno da cultura, elemento que também regula as redes de sociabilidade, ampliei minha percepção sobre os processos educativos imbricados nas vivências das crianças no contexto pesquisado, assim como estreitei o olhar para a maneira como esses interlocutores vivem essa festa a partir dos costumes sociais, modos alimentares e a dinâmica cotidiana de suas famílias:

- Lá em casa, quando chega o Círio a gente prega um cartaz do Círio da parede, em outras casas também, já vi. (MICKEY, 11 anos, roda de conversa, 2018).

- Minha avó chama toda a família lá pra casa, aí a gente come, vatapá e maniçoba sempre quando a gente pode e a gente põe o cartaz do Círio também (LELÊ, 11 anos, roda de conversa, 2018).

- A gente prepara as comidas, coloca uma imagem pequenina da santa em casa, compra roupas pra vestir e fica tudo junto (MAYRA, 12 anos, roda de conversa, 2018).

- Eu me preparo pro Círio vestindo a roupa do Círio e colocando a fita no braço (MIMI, 11 anos, roda de conversa, 2018).

- Pra fazer a maniçoba pro Círio, a gente coloca chouriço e porco, você tem que deixar sete dias direto na panela, no fogo (DIEGO, 12 anos, roda de conversa, 2018).

As crianças explicitam o entendimento sobre esse contexto e suas maneiras singulares de vivenciar tais experiências, o que leva à compreensão de que elementos da cultura local são evidenciados na descrição das situações cotidianas dos intérpretes; a partir do momento em que começam a praticá-los socialmente nessa grande amálgama, são ressignificados e impulsionados a novas produções culturais. Sobre essa condição natural da cultura, Geertz (2008, p. 24) assinala que “compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade”.

Nesses moldes, a concepção de cultura trazida por Brandão (2002) desvela a capacidade humana que diferencia os homens de outros animais, retrata a consciência reflexiva na significação do mundo e a condição de vivermos simultaneamente várias operações mentais, relacionando-as umas às outras, quando o homem pensa, sente e faz algo ao mesmo tempo.

Essa concepção de cultura se volta para as vivências sociais do homem (convertido em um ser da natureza), valoriza sentimentos, valores e um dos aspectos mais importantes do constructo humano, as experiências cotidianas,

Pois sendo como todos os outros seres vivos, sujeitos da natureza, acabamos nos tornando uma forma da natureza que se transforma ao aprender a viver. Sem cessar e sem exceção, entre todas as comunidades humanas do passado e de agora, transformamos seres do mundo de natureza: e unidades de uma espécie: *indivíduos*, em sujeitos do mundo da cultura: *peessoas*. Em seres de direitos e de deveres e, portanto, agentes culturais e atores sociais. (BRANDÃO, 2002, p. 21).

Dito isso, é imperativo pensar o conceito de cultura numa perspectiva de estrutura de significados construídos a partir das relações sociais. Pensar a cultura através de processos de construções moventes e transformadores que homens e mulheres “costuram” no interior das relações sociais, daí deriva a ideia de uma “teia de significados”, que no cerne do sentimento de coletividade, os indivíduos se fortalecem graças as suas vivências social e cultural.

Ainda nessa discussão, Geertz (2008) entende a cultura como a ciência da interpretação, ao interpretar fenômenos sociais e toda a estruturação social constituída a partir de diferentes relações, e desvelar a possibilidade de uma leitura de mundo inteligível sobre uma dada realidade. Para esse autor, as manifestações sociais do homem, como suas crenças, seus rituais, suas impressões sobre o mundo, suas narrativas, são traços de sua identidade que demarcam seu tempo, sua história e seu espaço geográfico.

Essa compreensão de cultura atenta para as relações sociais que o homem constrói durante toda sua existência, não permitindo uma interpretação frágil, desassociada do contexto histórico e social em que está assentado. Assim, contextualizar o homem em sua realidade, é valorizar seu constructo cultural cotidiano, social e subjetivo. Assim é que para a teoria de Geertz a cultura pode ser entendida como uma das dimensões que compõem a sociedade, e como dinâmica movente de significações sociais. Em outras palavras, a cultura é um contínuo constructo social de infundáveis criações e recriações que a sociedade e o homem vivem durante toda a vida.

Ao entender a cultura como resultado da vida humana, o mesmo estudioso pontua que a construção da significação social da vida se entrelaça concomitantemente com a produção cultural do homem, ou seja, pelo simples fato de viver em sociedade, o homem é produtor e disseminador de sua própria cultura.

Ao assentar a cultura como um contexto possível de significar de forma inteligível o mundo, sou levada a compreender que todas as manifestações humanas ultrapassam a dimensão

social da vida, por transitarem por todas as esferas do cotidiano do homem, como se mostra na citação:

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições, ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade. (GEERTZ, 2008, p. 24).

A cultura pode ser encarada como um fenômeno onipresente e perpassa por todas as classes sociais de diferentes grupos socialmente organizados, alicerça a vida das sociedades, de forma que torna o mundo mais humano sob a ótica humana e social. Nesse sentido, as práticas que se dão entre as crianças do Projeto Caminhos do Círio, no desenrolar das atividades que cercam o Círio de Nazaré, em diferentes fases de preparação dos rituais dessa festa, podem interpretadas pela ótica de Geertz, e assim procedi na apropriação de alguns conceitos que, a meu ver, estão na base de signos e significados construídos, vividos e transformados por esses interlocutores em seus contextos de vida.

Essa análise vai ao encontro da percepção das festividades do Círio de Nazaré como um espaço em que o homem se relaciona socialmente, logo, partilha, internaliza, troca e movimenta saberes ao se relacionar no e com o contexto pesquisado. Esse fato levou a compreensão da significação das relações sociais vivenciadas pelas crianças do Projeto Caminhos do Círio, no Círio de Nazaré e, a diversidade de saberes que perpassam essas relações, na significação do grupo e da vida das crianças participantes, poderia se aproximar daquilo que Geertz (2008) define como “estruturas de significados socialmente estabelecidos”.

Ao me debruçar em leituras de Geertz, Brandão e Charlot, nessa compreensão de cultura e educação como elementos constituintes da vivência social humana, fui levada a compreender que o homem, ao se relacionar socialmente com seus pares e com o meio, produz sua própria cultura e, logicamente, que com as crianças não poderia diferente.

Por exemplo, as crianças dispõem de um amplo conhecimento sobre a cultura alimentícia paraense, saber que está condicionado na cultura e faz com que Diego (12 anos), evidencie o seu saber acerca da maniçoba, ressaltando ainda em pormenores aspectos contidos na iguaria, ao citar ingredientes e o tempo de cozimento. Dessa forma, os processos educativos são vivenciados pelo intérprete a partir dos modos alimentares de sua família, no simples ato de cozinhar a maniçoba para o almoço do Círio.

A intérprete Mayra (12 anos) descreve a colocação da imagem de Nossa Senhora de Nazaré em sua casa. Essa prática de ter uma réplica da imagem peregrina durante os festejos e rituais do Círio é uma cultura de muitos devotos da Santa. Nesse aspecto, a fala da criança faz referência à imagem da padroeira como ideia de congregação, ao verbalizar a união familiar no dia da romaria. Dessa maneira, a percepção da criança, enquanto produtora e disseminadora de cultura e saberes, foi fundamental para as linhas gerais da pesquisa, haja vista que seus relatos referentes aos atos de preparações sociais e hábitos alimentares durante as festividades do Círio de Nazaré são permeados por processos educativos e culturais.

Nesse seguimento, tanto Brandão como Geertz abordam de forma significativa a cultura como resultado das ações humanas, base fundantes para os constructos sociais contextualizados e assentados em práticas sociais cotidianas, cujos pensamentos são relevantes para essa pesquisa. Por esse viés, os saberes presentes na vivência das crianças do Projeto Caminhos do Círio fazem parte de processos culturais e sociais resultantes da subjetividade humana.

A cultura assentada nas práticas sociais e nos possíveis processos educativos das crianças interlocutoras do estudo, de crianças que estão imersas em uma forma diferenciada de saber, de uma formação que se dá com base na chamada “autoprodução” do conhecimento, no sentido de dar sentido a sua própria existência no contexto do Projeto Caminhos do Círio. Pensando então como essa ação se associa ao pensamento de Charlot (2000, p. 54) acredito que

A educação é uma produção de si por si mesmo, mas essa autoprodução só é possível pela mediação do outro, e com sua ajuda. A educação é produção de si por si mesmo; é o processo através do qual a criança que nasce inacabada se constrói enquanto ser humano, social e singular.

Nessa intermediação que é fruto da construção humana, social, singular e subjetiva, resultam saberes, culturas e processos educativos como resultado das relações do homem com o mundo, da criança com o meio social em que está inserida, sendo as ações humanas consideradas como agente construtora e transformadora de saberes e culturas na sua relação com o mundo e com seus pares. Dessa forma, todo saber é resultante de uma relação, seja do homem com o mundo, com a política, com a cultura ou simplesmente com o outro, de forma que

Não há sujeito de saber e não há saber senão em uma certa relação com o mundo, que vem a ser, ao mesmo tempo e por isso mesmo, uma relação com o saber. Essa relação com o mundo é também uma relação consigo mesmo e relação com os outros. Implica em uma forma de atividade e, acrescentarei, uma relação com a linguagem e uma relação com o tempo. (CHARLOT, 2000, p. 63).

Diante disso, ressalto ideia de que as crianças do Projeto Caminhos do Círio, em suas vivências e nas práticas cotidianas do grupo, interatuam com seus pares e como agentes sociais, culturais e históricos, agem ativamente no intercâmbio social e na movência de suas culturas e de seus saberes do cotidiano, assim como, criam um sentido intencional em suas práticas de vida, lembrando ainda que questões como essas são pensadas por Charlot (2000, p. 56) da seguinte maneira: “um saber só tem sentido e valor por referência às relações que supõe e produz com o mundo, consigo e com os outros”.

Essa relação de sentido se transforma à medida que o homem significa e transforma o meio a partir de suas necessidades individuais e coletivas, e com isso, os saberes do seu cotidiano, operacionalizam e facilitam a vida humana, funcionando como sistemas que se movimentam através de processos educativos.

Toda a relação com o saber, enquanto relação de um sujeito com seu mundo, é relação com o mundo e com uma forma de apropriação do mundo: toda relação com o saber apresenta uma dimensão epistêmica. Mas qualquer relação com o saber comporta também uma dimensão de identidade: aprender faz sentido por referência a história do sujeito, às suas expectativas, às suas referências, à sua concepção de vida, às suas relações com os outros, à imagem que tem de si e à que quer dar de si aos outros. (CHARLOT, 2000, p. 72).

O autor acima defende ainda que a relação do sujeito com saber é pensada a partir da referida tríade: saber, desejo e aprender. Por sua vez, essa trindade integra o sistema de aprendizagem do homem que se materializa pelo desejo e pela busca incessante de aprender com si próprio através de experiência individuais e coletivas.

Tomando como base os dizeres do autor acima e as experiências sociais das crianças no contexto da pesquisa e da “relação com o saber” que as mesmas estabelecem com diferentes conhecimentos relativos aos elementos culturais da festa e da região, os interpretes verbalizam saberes relacionados a elementos da cultura paraense que constituem e colorem o cenário do Círio. Os brinquedos de miriti “são uma forma de artesanato artístico característico da cidade de Abaetetuba¹⁹. São fabricados com material de polpa ou bucha do miriti, palmeira abundante no município e comum nas áreas de várzea da Amazônia” (LOUREIRO, 2015, p. 24).

¹⁹ Cidade-polo de uma região que abrange os municípios de Moju, Igarapé-Miri e Barcarena (somando uma população de mais de 350 000 habitantes), Abaetetuba é a sétima mais populosa cidade do Estado do Pará. A cidade proporciona fácil acesso aos portos de Belém e de Vila do Conde e ao sul do Pará, além de ser próxima ao Polo Industrial na Vila dos Cabanos, que se localiza a 30 km. (Fonte: www.abaetetuba.pa.gov.br/omunicipio.php).

Figura 28 – Foto retratando os Brinquedos de miriti no Círio, em 2018



Fonte: Arquivo pessoal de Cristina Carvalho (2018)

Esses brinquedos dão cor e vida ao cenário da romaria do Círio de Nazaré, ao Círio das Crianças e ao imaginário simbólico da região. Muitos deles são pintados com técnicas e representatividade de diferentes etnias indígenas da região, ação que lembra o movimento de resistência étnica mesmo depois de terem sofrido o processo de aculturação imposto pelos colonizadores.

Além da dimensão lúdica dos brinquedos de miriti, eles também são ferramentas representativas da maneira e dos costumes de muitos paraenses, retratam a fauna, a flora, lembram ainda os barcos que navegam os rios da Amazônia, os mitos da região e a berlinda da Santa, andor que transporta a imagem de Nossa Senhora de Nazaré em diferentes romarias.

Comumente as crianças fazem alusão aos brinquedos de miriti no cenário do Círio, e a estes é atribuído um valor simbólico e cultural por parte dos intérpretes. Durante as rodas de conversas, muitas crianças relataram conhecer, possuir ou já ter possuído um brinquedo de miriti, e essas falas sempre associavam o objeto ao Círio de Nazaré. Ao serem indagados sobre a matéria prima utilizada na produção desses brinquedos, os intérpretes demonstram conhecimento sobre o material do brinquedo e a procedência dele, como demonstram as falas a seguir:

- Eu sei que o miriti que faz os brinquedos é tirado de uma árvore. Eu já vi um brinquedo desses. (SISI, 11 anos, roda de conversa, 2018).

- Eu também sei de onde vem o miriti do brinquedo do Círio, é da palmeira do miriti, já estudei esses brinquedos no dia do folclore lá na escola, são da nossa cultura, todo ano tem no Círio, sempre vejo lá no Círio (MIMI, 11 anos, roda de conversa, 2018).

- *É, é sim, é dessa palmeira do buriti que fazem esses brinquedos* (SOL, 11 anos, roda de conversa, 2018).

- *Todo ano tem de brinquedo de miriti no Círio né? O brinquedo de miriti é cultura igual as comidas do Círio.* (MICKEY, 11 anos, roda de conversa, 2018).

Observa-se nos relatos de Sisi (11 anos) que a intérprete tem o conhecimento de que a matéria bruta dos brinquedos de miriti é retirada da natureza, embora não saiba o nome da planta que produz a bucha do brinquedo. De maneira complementar, Mimi (11 anos) demonstra perceber o brinquedo de miriti além da sua dimensão lúdica; a criança relata saberes relativos a palmeira do miriti enquanto matéria de produção, assim como a cultura que envolve o processo de confecção desses brinquedos, relacionando-os ao Círio de Nazaré. Dessa forma, a intérprete descreve a sua percepção de que o brinquedo de miriti está presente no cenário do Círio de Nazaré, reconhecendo-o como elemento da cultura dessa festividade. Associa-o também à educação regular ao citá-los nos estudos relacionados ao Dia do Folclore, contextualizando um mesmo saber em diferentes espaços de práticas educativas.

O intérprete Mickey (11 anos) também identifica a regularidade dos brinquedos de miriti no contexto do Círio de Nazaré, quando relata: - *Todo ano tem brinquedo de miriti no Círio, né?* Pelo olhar infantil de Mickey, os brinquedos de miriti se constituem em elementos da cultura e dos modos de vida do grupo social que compõe as festividades do Círio de Nazaré. Por fim, compreende-se que saberes diversos compõem a realidade social das crianças do Projeto Caminhos do Círio, e que essas práticas circulam em diferentes instâncias e momentos da vida dos intérpretes dessa pesquisa.

A partir das falas dos interpretes a cima, recorro ao conceito de cultura defendido por Brandão (2002) em direção ao sentido e simbolização a que atribuímos às vivências diárias e às experiências vividas, ou seja, o homem vive na cultura, da mesma maneira que igualmente é feito de culturas como algo que não se dá de forma externa. Justamente pela capacidade de criar e recriar do homem, o conceito de consciência reflexiva se faz presente no processo de socialização humana, não no sentido de apenas transformar o mundo para viver, mas na ideia de transformá-lo e ressignificá-lo em sua ação como agente protagonista dessa significação. Com base nesse princípio, cito novamente Brandão (2002, p. 23):

Ao levarmos a vida do reflexo à reflexão e do conhecimento à consciência, nós acrescentamos ao mundo o dom gratuito do espírito. Com ele, nós nos tornamos senhores do sentido e criadores de uma vida regida não pela fatalidade biológica da espécie, como entre ossos irmãos animais, mas pelo poder de escolha crescentemente livre de nossos próprios símbolos, de nossos tantos modos de vida, de nossas múltiplas

identidades e das buscas de aprendizado de sentimentos e de significados a serem dados a teia de “tudo isto”.

Das experiências humanas que compõem o cotidiano social, e que também favorecem a organização sociocultural de um povo, emergem práticas educativas que se desenvolvem por toda a vida humana. Ao mesmo tempo em que a educação e vida se fundem formando um tecido único:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. (BRANDÃO, 2007, p. 23).

É dito que a educação vai além das “salas de aula”, das escolas construídas e arquitetadas para padronizar e formar seres pensantes, espaços de concreto que, muitas vezes, limitam os passos e o olhar para a diversidade de saberes que transitam do lado contrário, fora dos muros físicos do espaço escolar. É por isso que essa visão está mudando, pois já não se pode conceber uma escola que não estabeleça nenhuma relação com o mundo lá fora. A escola precisa repensar a sua relação com a realidade dos alunos, precisa pensar em práticas de ensino aprendizagem que valorizem a vida e as situações reais.

Ao que tudo indica essas mudanças já são sentidas. Um desses exemplos é a participação ativa das crianças nas atividades do Projeto Caminhos do Círio. Tanto que esse projeto relembra a ideia de Brandão (2007), quando defende que a escola não é o único cenário de experiências humanas e de vivências sociais, aspectos que assentam a ideia do autor sobre educação e a cultura, quando ressalta que nas trocas de mensagens com significados sociais (no fazer e no aprender), as práticas educativas estão presentes no cotidiano do homem.

A educação e as práticas educativas que se dão fora do espaço escolar são importantes para este estudo, pois podem ajudar a compreender os saberes partilhados pelas crianças que participam do Projeto Caminhos do Círio, no contexto do Círio de Nazaré, como uma prática cultural e social, de transmissão de saberes do cotidiano, com significados próprios para a convivência social no grupo.

É nessa concepção de que a escola não pode mais ser considerada como único espaço onde a educação acontece, nem é a única instituição responsável por ensinar e aprender:

A educação existe onde não há a escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado. Porque a educação

aprende com o homem a continuar o trabalho da vida. A vida que transporta de uma espécie para a outra, dentro da história da natureza, e de uma geração a outra de viventes, dentro da história da espécie, os princípios através dos quais a própria vida aprende e ensina a sobreviver e a evoluir em cada tipo de ser. (BRANDÃO, 2007, p. 06).

Pelo prisma de que educação e cultura estão presentes na vida cotidiana como um constructo humano, nos processos de transmissão de saber ou de saberes entre diferentes agentes sociais, concordo com Brandão (2002), quando ele diz que “toda educação é cultura”, principalmente, quando pensada e articulada a partir dos sentidos e significados de um grupo ou dos interesses de uma dada cultura.

Desta feita, percebo os saberes culturais e as práticas educativas transitam nas dinâmicas de sociabilidade das crianças do Projeto Caminhos do Círio, como forma estrutural de legitimar a maneira de pensar e se relacionar em sociedade. Tais práticas culturais se configuram numa espécie de educação social, uma educação que se realiza através das vivências sociais e de significações de grupo.

Portanto, significar a sua maneira de viver é conceber a tessitura da vida como construção social entre homens, mulheres, crianças viventes e pensantes, é criar e recriar o mundo culturalmente, é nesse processo de ressignificação cultural e na criação de maneiras de se relacionar no mundo que emergem processos educativos:

E ao transformar “isto” em uma prática de intertrocas do sentido através do saber, em todos os seus planos, em todos os seus níveis, em todas as suas dimensões situadas dentro e fora dos recantos da escola, a educação lida com a experiência cotidiana mais regular, mais estável e mais eficaz de criação e circulação de visões de mundo, de busca de filosofias do destino e de sentidos para a vida humana, de lógicas de puro saber, de éticas e de gramáticas dos intercâmbios humanos, dos tantos feixes de ciências, das artes (BRANDÃO, 2002, p. 145).

Sendo assim, é dito que o homem aprende durante toda a sua existência, mesmo estando em contextos diferentes dos moldes da escola convencional, mesmo estando desligado do lado intencional da educação sistematizada pelo rigor da formalidade, ao dar sentido à vida, nas trocas de mensagens com o outro ou na tentativa de compreensão do mundo, o homem faz uso de lógicas do mais puro saber, na busca de significar sua própria existência.

Nessa perspectiva, o Projeto Caminhos do Círio, e as atividades desenvolvidas por ele se transforma em um espaço não formal de compartilhamento de saberes. E isso já é concreto desde à organização das festividades até à realização das romarias que compõem todo o período de homenagens a Nossa Senhora de Nazaré, em que esses saberes são elaborados e transmitidos

através das relações sociais, e as crianças que participam do referido projeto, também se configuram como agentes protagonistas de produção e transmissão de saberes e culturas.

Ainda na tessitura do conceito de cultura, e sob o entendimento da existência de diferentes olhares sobre esse aspecto que fomenta a discussão desse estudo é possível entender a cultura como uma estrutura semiótica assentada no significado, ou seja, na compreensão dos significados dos fenômenos sociais vividos pelo homem no interior de grupos sociais, como bem define Clifford Geertz (2008, p. 15): “O homem é um animal amarrado as teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.”

Assim, vistas como agentes produtores e disseminadores de sua própria cultura (as crianças que participam do Projeto Caminhos do Círio) significam o mundo de acordo com as necessidades do meio social que fazem parte, esse fato remete mais uma vez para o conceito de semiótica na esfera de Geertz, principalmente, quando considerada a inter-relação estabelecida entre os diversos significados construídos pelo homem ao dar sentido para a sua vida e para a sua existência.

Esse caráter interpretativo sobre a cultura defendido pelo antropólogo proporciona um olhar atento sobre os múltiplos saberes que transitam no contexto do Círio de Nazaré, e da cotidianidade dos interlocutores desta pesquisa no núcleo do Projeto Caminhos do Círio, constructos humanos retratados pelas crenças, sentimentos, anseios, experiências, símbolos, significados e ações pautadas em uma história vivida em tempo real, que cerceiam os vários aspectos da vida em sociedade.

Diante dessa questão, os interlocutores desse estudo – as crianças do Projeto Caminhos do Círio – ao significar as relações e a vida em sociedade, produzem saberes, modos vidas, maneiras de entender e viver no mundo. Por outras palavras, são consideradas sujeitos produtores de cultura, sendo a cultura entendida como cultura pública, fomentada no centro das relações sociais, dos sujeitos pesquisados.

Assim ao produzir cultura, as crianças interlocutoras significam o mundo apropriando-se dele para viver, essa apropriação resulta em saberes que direcionam, facilitam e dão sentido à existência humana. Esses saberes são por assim dizer internalizados e significados pela subjetividade humana, ao mesmo tempo, permeiam a edificação das teias de significados sociais construídas nos grupos de vida dessas crianças, tornando-as sujeitos ativos de constructos sociais em seus núcleos de vivência cotidiana encharcada de cultura: “Nossas ideias, nossos valores, nossos atos, até mesmo nossas emoções são, como nosso próprio sistema nervoso,

produtos culturais – na verdade, produtos manufaturados a partir de tendências, capacidades e disposições com as quais nascemos e, manufaturados.” (GEERTZ, 2008, p. 62).

Por essa lógica, os interlocutores desse estudo, as crianças do Projeto Caminhos do Círio, imersos no universo multicultural do Círio de Nazaré, vivem e produzem cultura através das significações construídas e partilhadas com seus pares nas trocas sociais, onde partilham e perpetuam saberes representados por comportamentos, ritos, tradições, signos, significados e da ludicidade que circunda todas as fases da vida humana.

Nessa direção, homem e a cultura se relacionam na estruturação da sociedade, e o homem ao significar sua existência, ao construir sua história como agente transformador e significador do próprio mundo também contribui para a manutenção da cultura. Assim, para Geertz (2008, p. 36), “no estudo da cultura, os significantes não são sintomas ou conjuntos de sintomas, mas atos simbólicos ou conjuntos de atos simbólicos”, levando a discussão para a análise do contexto social e a valorização interpretativa deste.

Por esse olhar e a partir do conceito de cultura proposto por Geertz entendo o Projeto Caminhos do Círio como um espaço de concentração, significação e transmissão de saberes que podem emergir da realidade e das vivências sociais das crianças interlocutoras desse estudo.

As interações sociais cotidianas levam o homem a promover a sua construção pessoal, social e cultural, que é permeada por processos educativos constituídos de saberes, práticas essas que determinam e significam a vida de acordo com seu desejo; assim como o contexto histórico em que vive, pois, a historicidade da sociedade também é extremamente relevante no processo de construção identitária desse homem. Portanto, como assegura Charlot (2002, p. 74) “para compreender a relação de um indivíduo com o saber, deve-se levar em consideração sua origem social”.

Dito isso, pode-se considerar as interações como o saber e a construção humana como resultante de processos ininterruptos e permanentes, que o homem ao se relacionar com o mundo e no mundo, apropria-se dele, intervindo e se apropriando materialmente do mundo, “ao ponto de moldá-lo e transformá-lo a partir de sua ótica e necessidade” (CHARLOT, 2002, p. 74).

Por outras palavras, o homem é a própria relação com o saber, pois desde o nascimento relaciona-se com diferentes estruturas de saberes e relações sociais que moldam e direcionam seu modo de vida, a sua maneira de pensar e de agir, influenciando ainda as suas representações e os desejos.

A relação com o saber também é um conjunto organizado de relações. Em sentido estrito, não é correto, portanto, dizer-se que um sujeito tem uma relação com o saber. A relação com o saber é o próprio sujeito, na medida em que deve aprender, apropriar-se do mundo, construir-se. O sujeito é a relação com o saber (CHARLOT, 2000, p. 82).

É o olhar sensível sobre a intencionalidade do homem que, ao significar o mundo na produção de saberes cotidianos e culturais, reconhece os saberes como construções que se movem na teia da vida, e que se manifestam nas interações sociais e culturais do homem com ele próprio e com os outros.

Finalmente, sou levada a compreender que essa reflexão sobre a educação, a cultura e os saberes, principiam o pensamento de autores como Brandão, Geertz e Charlot, esses três autores me legaram a possibilidade de ampliar a visão sobre o saber, o desejo e o aprender, e dessa maneira, reavaliando o que cada item tem em comum e como essas palavras se relacionam, e ao mesmo tempo se distanciam. Mas por agora a ideia de aprofundar o olhar sensível sobre as linhas gerais da pesquisa de mestrado, demarcou a necessidade de acentuar que a cultura está além do que a sociedade pode materializar através da padronização de comportamentos e modos de vida de diferentes grupos sociais. E ainda, se faz na possibilidade de contribuir de forma significativa para uma melhor compreensão do papel da criança como protagonista de sua história e produtora de sua própria cultura, ao analisar suas falas e suas experiências sociais no Círio de Nazaré.

SEÇÃO IV

4.1 SABERES E PROCESSOS EDUCATIVOS PRESENTES NO COTIDIANO DAS CRIANÇAS DO PROJETO CAMINHOS DO CÍRIO

A referida seção discorre sobre a ótica de uma educação que não se molda a partir da padronização da escola regular, e para tanto, busca desconstruir o olhar hegemônico da ciência moderna tida como verdade única da expressão do pensamento.

Nessa perspectiva, contrariando essa verdade absoluta procurei, através dessa pesquisa, repensar o conceito de educação como sinônimo de diversidade de significados, ou ainda que se dá em diferentes espaços e instâncias da vida do homem. Posto isso, entendo que a educação abarca um conjunto de processos educativos que acontecem paralelamente à educação institucionalizada, sob a lógica de que a escola não é o único meio para ensinar, aprender e socializar saberes e culturas.

Portanto, as linhas gerais dessa pesquisa consideram possíveis e legítimas as epistemologias que atravessam o cotidiano social e as práticas de saberes culturais de diferentes grupos sociais, uma vez que

A ciência moderna, inicialmente um tipo de conhecimento entre outros, assumiu uma preponderância total, reclamando para si o monopólio do conhecimento válido e rigoroso, o que ocorreu com a consagração da epistemologia positivista e a descredibilização de todas as epistemologias alternativas. Convertida em conhecimento uno e universal, a ciência moderna ocidental, ao mesmo tempo em que se constituiu em vibrante e inesgotável fonte de progresso tecnológico e desenvolvimento capitalista, arrasou, marginalizou ou descredibilizou todos os conhecimentos não científicos que lhe eram alternativos, tanto no norte como no sul (SANTOS, 2010, p. 155).

Considerando essa mudança paradigmática considero então que a vivência das crianças no Projeto Caminhos do Círio e no contexto das festividades do Círio de Nazaré é responsável por entrelaçar práticas educativas que fomentam uma das formas de inteligibilidade do homem, traduzidas em redes dos saberes do cotidiano, das experiências sociais e da cultura produzida nessas interações de sociabilidade.

A partir desse entendimento, e de minha trajetória enquanto estudante de mestrado, percebi a necessidade de uma viagem epistemológica maior em busca de um caminho que respondesse a essa difícil bifurcação entre a escola como espaço que, tantas vezes, não dialoga com a vida lá fora e a ciência oficial. Assim, busquei desconstruir essa visão unitária da escola,

para que não apenas a instituição escolar, no sentido de que ela não seja considerada como o único e legítimo cenário de constituição e partilha de saberes e de práticas sociais do homem.

Para melhor compreender essa visão positivista que historicamente considerou a academia como espaço oficial de transmissão e legitimação da ciência enquanto verdade absoluta, e que nos coloca na posição de aprendentes subalternos da cientificidade eurocêntrica, assentada na ideia de neutralidade todo e qualquer conhecimento que não esteja alinhado a essa lógica, recorro a assertiva de Santos (2010, p. 159-160), exatamente por considerar a chamada Ecologia dos Saberes:

[...] a ecologia dos saberes não só admite a exigência de muitas formas de conhecimento, como parte da dignidade e validade epistemológica de todos eles e propõe que as desigualdades e hierarquias entre eles resultem dos resultados que se pretendem atingir com uma dada prática de saber. É a partir da valoração de uma dada intervenção no real em confronto com outras intervenções alternativas que devem emergir hierarquias concretas e situadas entre os saberes.

Além do mais, a crítica sobre o monopólio intelectual que a ciência moderna se apoderou aparece igualmente na filosofia de Henrique Dussel (2000), no que concerne ao mito da modernidade, e sobre esse assunto o filósofo acredita que a modernidade não nasceu com a descoberta das Américas, mas sim com a descoberta do outro e de toda a sua construção histórica e cultural. Para o já citado autor, o que batizaram de “modernidade” é na realidade um processo “epistemicídio”, ou melhor, uma forma de sufocamento cultural a que foi submetida toda a população da América, após ter sido colonizada e, logo em seguida, tida como espaço de dominação humana, social, política e cultural pela dominação do colonizador.

Ao passo que o pensamento eurocêntrico reforça o encobrimento do outro “descoberto” para se colocar no centro da referência da racionalidade, e assim empurrar para a periferia as culturas que serviram de sustentação para a sua ascensão: “a Europa teve características excepcionais internas que permitiram que ela superasse, essencialmente por sua racionalidade, todas as outras culturas”. (DUSSEL, 2000, p. 51).

As palavras de Dussel são traduzidas “as claras”, pois o monopólio da ciência moderna que submerge todos os dias nos moldes de uma educação institucionalizada, ao neutralizar a cultura e os saberes que advém do outro lado do muro da academia, neutraliza e impõe o seu poder segregador.

É assim que a academia reforça em cada um o pensamento eurocêntrico, alimentado cada vez mais a posição de subalternos, e alimentando a antiga visão da ciência moderna responsável por neutralizar não somente a cultura do outro, mas o outro como um todo, ao

desconsiderar toda e qualquer forma de racionalidade que não a sua. Por esse viés, a cultura como produção de saberes ficou em segundo plano, pois esse ponto de vista “que consagra o intelectual acadêmico como um produtor privilegiado das concepções de mundo e dos fenômenos”, como analisa (ALMEIDA, 2017, p. 48).

Essa maneira de pensar furtaria do colonizado a possibilidade da sua autovalorização, do encarecimento dos seus costumes, modos de vida, formas de pensar e de se perceber enquanto produtor de cultura e de conhecimento, mesmo que o resultado disso esteja na dimensão do conhecimento comum, protagonista de um saber que sem a lapidação da ciência oficial não impede de reconhecer a sua pertinência na sociedade.

Dessa forma, percebo que ultrapassar a bifurcação antes citada em que a ciência (forma válida de conhecimento rigoroso dentro da academia) e os saberes do cotidiano, é possível, mesmo estando em lados opostos, e pelo fato de que a ciência moderna tomou para si a oficialidade do saber, assim sendo, possibilidade de

[...] tornar visíveis campos de saber que o privilégio epistemológico da ciência tendeu neutralizar, e mesmo ocultar, ao longo dos séculos. A abertura a uma pluralidade de modos de conhecimentos e as novas formas de relacionamentos entre estes e a ciência tem sido conduzida, com resultados profícuos, especialmente nas áreas mais periféricas do sistema mundial moderno, onde o encontro entre saberes hegemônicos e não hegemônicos é mais desigual e violento. Não por acaso, é nessas áreas que os saberes não hegemônicos e os seus titulares mais necessidade têm de fundar sua resistência em processos de auto-conhecimento que mobilizam o contexto social, cultural e histórico mais amplo que explica a desigualdade, ao mesmo tempo que gera energias de resistência contra ela (SANTOS, 2010, p. 153).

Partindo dessa premissa, é indiscutível reavaliar a importância de reconhecer que a pluralidade de saberes das práticas sociais e culturais impressas na realidade, mesmo que a ciência moderna não valide isso, o esforço de uma virada de paradigma é urgente, considerando, sobretudo, que esses saberes produzidos fora das entidades institucionais se imbricam numa extensa relação de coexistência e sobrevivência; perdurando na sociedade como sinônimo de tradição em que os saberes são repassados de geração a geração, garantido, assim, a formação pelo viés da cultura.

Frente a esse problema é que, de forma intencional, essa pesquisa defende uma educação que vai além do conhecimento científico que preconiza o engendramento da educação institucionalizada, considerando possível a pluralidade nas formas de saber, aprender e ensinar, assim como defende que a educação se dá em diferentes espaços físicos e sociais da vida humana, e que a escola é mais a única e nem a mais importante entidade social responsável pela formação humana práticas. E, que, por sua vez, diferentes práticas educativas também

acontecem externamente ao universo escolar, e isso foi literalmente descrito por alguns intérpretes que falam de seus processos de formação a partir dos saberes do Projeto Caminhos do Círio:

- A Basílica Santuário fica lá no lugar onde Plácido achou a santinha, eu já fui lá, aprendi no projeto que foi lá que a santa foi achada e já ouvi essa história na minha casa também, foi ele, o Plácido que achou a santa. (SOL, 11 anos, roda de conversa, 2018).

- Sabe os brinquedos de miriti do Círio? Eles são da cultura, a gente vê muito lá no Círio, é da gente, é do povo, aprendi aqui e na escola também (LUA, 9 anos, roda de conversa, 2018).

- Agora eu já sei rezar, as vezes eu rezo, aprendi com minha avó, ela rezava e repetia toda noite até eu aprender. Ah, e com minha mãe também! (LELÊ, 11 anos, roda de conversa, 2018).

Quase todas as falas acima fazem referências ao Círio de Nazaré, em alguns trechos ficam patentes aspectos distintos de uma mesma realidade, como os saberes nem sempre são constituídos e adquiridos no espaço escolar, mas nas práticas sociais da vida, como nos resultados obtidos a partir do Projeto Caminhos do Círio. Os intérpretes nas suas interlocuções e no diálogo com seus pares automatizam e internalizam esse conhecimento com base nas experiências de sociabilidade, sendo reconhecidamente um saber que se relaciona de forma significativa com a realidade vivida, essa constatação se aproxima da muito do que escreve Charlot (2000, p. 78): “a relação com o saber é relação de um sujeito com o mundo, com ele mesmo e com os outros. É relação com o mundo como conjunto de significados, mas também, como espaço de atividades, e se inscreve no tempo”.

Nesse liame, essa interlocução do saber do homem com o mundo e com seus pares, perpassa também pelas tradições, pelo que é presenciado, pelo que é sentido, significado e ouvido. A exemplo disso a fala da intérprete Lelê (11 anos), aponta para o fato de que a educação se dá com base na oralidade e também no exercício de escuta.

Assim, o que se sabe e se aprende está sujeito a sofrer intervenções significativas do que se ouve, especialmente, das conversas com os ancestrais, em que esses saberes são transmitidos e redescobertos de forma dirigida entre as diferentes gerações posteriores, nesse caso, cito, por exemplo, as orações e o respeito ao sagrado que as crianças demonstraram ter, fator que, na minha opinião se materializa em uma “educação da atenção”, em um processo de “sintonia fina ou sensibilização de todo o sistema perceptivo”, como adverte (INGOLD, 2010, p. 21).

Durante toda a minha inserção na realidade do Projeto Caminhos do Círio observei que o “aspecto atenção” foi um critério muito presente no cotidiano das crianças, principalmente nos momentos em que os adultos estão conduzindo orações e, em situações de aproximação das crianças com a imagem de Nossa Senhora de Nazaré. Ao ouvir as orações realizadas por sua avó, Lelê vivenciou com ela esse processo de redescobrimto dirigido de um dado saber por uma outra pessoa, e isso me fez refletir em uma forma de educação que se estrutura na atenção do que é vivido, ouvido, sentido e significado na troca de mensagens sociais, como na afirmativa que se segue em que “[...] o processo de aprendizado por redescobrimto dirigido é transmitido mais corretamente pela noção de mostrar. Mostrar alguma coisa a alguém é fazer essa coisa se tornar presente para esta pessoa, de modo que ela possa apreendê-la diretamente, seja olhando, ouvindo ou sentindo” (INGOLD, 2010, p. 21).

As intérpretes como Sol (11 anos) articula elementos da historicidade e da religiosidade da Basílica Santuário em sua fala, foi clara ao retratar aspectos de uma educação pautada na experiência das relações sociais, que se constrói a partir do que é vivido, na relação do homem com ele, com o próximo e com o mundo. Já Lua (9 anos) ressalta duas dimensões percebidas por ela sobre os brinquedos de miriti, relacionando-os diretamente ao cenário do Círio de Nazaré e à cultura da região amazônica, ao mesmo tempo, em que apresenta um olhar amplo e distinto do mesmo objeto que faz parte da realidade experienciada nas atividades do Projeto Caminhos do Círio.

Com base no que foi exposto pelas duas intérpretes é notório que processos educativos vivenciados por eles, são indissociáveis de suas práticas cotidianas, uma vez que suas relações e experiências sociais são pautadas na significação dos saberes que conduzem suas vidas em sociedade.

Desta feita, descrever e analisar os saberes das crianças que participam do Projeto Caminhos do Círio, no contexto do Círio de Nazaré abre um possível caminho para compreender que processos educativos se fazem presentes no cotidiano das crianças e nas suas relações de sociabilidade, que através de um compartilhar educativo, não estão apenas socializando-os, mas estão assim, estabelecendo um encontro com a formação em grupo.

Daqui em diante, será realizada uma análise dos saberes, procurando pontuar as especificidades de cada saber, assim como demarcar a circulação dessas práticas no contexto vivenciado pelas crianças protagonistas dessa pesquisa em consonância com o tipo de educação em que se relacionam.

4.1.1 Saberes da religiosidade

Nesse âmbito, pelas linhas gerais da pesquisa, os saberes da religiosidade estão presentes em diversos contextos das vivências das crianças no Projeto Caminhos do Círio ou em suas experiências familiares em relação ao Círio de Nazaré como contexto maior de sociabilidade. Assim, de acordo com essa temática os saberes religiosos,

[...] compreendem os conhecimentos e vivências que os homens e mulheres mantem com aquilo que, culturalmente, consideram como sagrado – seja a partir da relação com Deus, anjos, santos, entidades, padres, pastores, dentre outros agentes, seja a partir de objetos, animais ou plantas (ALBUQUERQUE, 2014, p. 2).

A partir dessa constatação, os saberes da religiosidade podem surgir das mais variadas manifestações religiosas humanas, demarcando uma ampla rede do imaginário simbólico envolvendo as crenças que fazem parte do cotidiano do homem e de muitos grupos sociais, podendo ser facilmente encontradas a partir das manifestações das vivências sociais; esses saberes estão pautados na cultura dos povos e se constituem em verdadeiras práticas educativas. Nesse sentido, pode-se considerar que a importância dos saberes religiosos é tamanho que assim “como a educação, a religião é um território de trocas de bens, de serviços e de significados entre pessoas”, assegura (BRANDÃO, 2002, p. 152).

Com base nesse entendimento, é visível que a participação das crianças nas atividades do grupo e na romaria do Círio de Nazaré e/ou Círio das Crianças está atrelada aos costumes e as práticas religiosas de suas famílias, daí a quase hegemonia do catolicismo no âmbito geral do grupo, sendo que somente duas das crianças se definem como pertencentes à doutrina Espírita Kardecista, já o restante do universo da pesquisa se diz de religião católica.

Há evidências de que os intérpretes da pesquisa, em suas vivências no grupo, convivem desde muito cedo com os dogmas de um catolicismo devocional que é caracterizado pelo sentimento de pertença, intimidade e devoção à Santa padroeira, representada pela imagem de Nossa Senhora de Nazaré; essa devoção se dá dentro de uma relação atualizada anualmente pelos ritos das novenas com inúmeras réplicas de imagens peregrinas que visitam as casas de muitos paraenses em meses que antecedem a romaria oficial do Círio de Nazaré. Parte dessas trocas simbólicas de graças e doações são animadas pelas promessas, pelos ritos eucarísticos das missas e pelo sentimento de proteção que a proximidade com a imagem da santa desperta nos devotos.

Dessa relação, o catolicismo devocional contribui de forma significativa para o fomento e a manutenção simbólica da diversidade de culturas e saberes que atravessam essa festa e o

imaginário social de uma grande parte da população paraense. Essa vivência precoce no contexto religioso e cultural do Círio e a relação de “intimidade” entre as crianças (enquanto devotos mirins da santa padroeira e protetora) foi evidenciada nas falas das crianças a respeito do tema:

- Eu vou no Círio desde a barriga da minha mãe... desde bebê (MICKEY, 11 anos, roda de conversa, 2018).

- Eu vou no Círio desde pequeno, acho que sou o mais velho daqui e já estou com doze anos (DIEGO, 12 anos, roda de conversa, 2018).

- Eu já fui no Círio muitas vezes, vou com a minha mãe, a gente encontra a família lá onde tem aquele relógio grande, pra ver a santa passar (CAMILLY, 9 anos, roda de conversa, 2018).

A fala de Mickey (11 anos) contextualiza e representa a vivência de muitas crianças que participam do Círio e/ou do contexto que envolve essa festa e a relação entre o devoto e à santa padroeira; além disso, grande parte dessas crianças são levadas ou inseridas por suas famílias no contexto da crença e da fé católica. Ao vivenciarem essas experiências, muitas vezes, desde a primeira infância, as crianças se relacionam com rituais eucarísticos, novenas, crenças, valores e com os saberes religiosos, disseminados pela oralidade e pela educação da atenção, entre seres distintos de diferentes épocas, mas ligados pela ancestralidade, geralmente centrada na figura de pais e avós.

Dada a importância da oralidade no lugar da religiosidade no contexto do Círio de Nazaré, Oliveira (2008, p. 34) afirma que “no espaço religioso, a oralidade e a memória dos mais antigos colocam-se como instrumento de transmissão dos saberes, dos valores, das tradições, elementos construtores das matrizes culturais dessas populações”. Nota-se ainda que além da educação e da atenção das crianças em relação aos mais velhos, os saberes religiosos são fortalecidos nas práticas sociais das crianças do Projeto Caminhos do Círio, a partir das vivências coletivas com seus pares, bem como na troca de suas experiências nas romarias do Círio de Nazaré e do Círio das crianças, fator este que fica evidenciado nas falas das crianças quando lembram da corda e do significado desta na romaria das crianças e no Círio de Nazaré:

- No Círio das crianças, a corda é pra proteger as crianças e no Círio grande, ela serve para as pessoas segurarem (CAMILLY, 9 anos, roda de conversa, 2018).

- A corda é para as pessoas pedirem coisas, como a saúde por exemplo e depois vai lá pagar a promessa (MIMI, 10 anos, roda de conversa, 2018).

- *A corda é pra promessas e pedidos (Malu, 10 anos, roda de conversa, 2018).*

- *A corda é pra proteger e a gente não se perder na rua (SISI, 10 anos, roda de conversa, 2018).*

- *A corda é de promessa feita ou para proteger as crianças no Círio, de pisão e de se perder (LUA, 9 anos, roda de conversa, 2018).*

Assim, os dizeres acima retratam um saber vivido e experienciado no âmago da prática social das romarias do Círio de Nazaré. Diante disso, fica evidente que os intérpretes percebem através de suas vivências que o significado da corda difere entre as romarias do Círio e o Círio das Crianças e que, embora se trate de um mesmo objeto, todavia, as relações de saber com esse objeto são diferentes de acordo com a experiência que cada sujeito estabelece com ele, bem como a dimensão simbólica estabelecida em relação a corda nas duas romarias soa de forma distinta.

Figura 29 – Fotografia da corda que demarca o espaço das crianças do Projeto Caminhos do Círio na Romaria do Círio, em 2017



Fonte: Arquivo pessoal de Cristina Carvalho (2017)

Como se lê na fala da intérprete Lua (9 anos), o seu modo de se relacionar e sua experiência com a corda no Círio das Crianças estabelece uma profunda ligação com os saberes relativos a esse objeto. Isso acontece no momento em que a criança admite que considera a corda como um objeto de proteção e segurança para as crianças, além de considerá-la um símbolo de pagamento de promessas para os adultos²⁰.

²⁰ Diante disso, refletindo como esse depoimento tem a ver com a forma como a menina se relaciona com o universo religioso, retomo um excerto de Charlot (2000, p.64) onde se lê que “um saber só tem sentido e valor por referência as relações que supõe e produz com o mundo, consigo, com os outros”.

Dentre os saberes religiosos emergidos das vivências e das falas das crianças, as orações tomam um importante espaço nesse cenário e são fortes elos entre a vida real e o sagrado; essas manifestações do sagrado são instrumentalizadas pela oralidade através das orações espontâneas ou recitadas, aprendidas nas suas relações familiares com os mais velhos, pelo canal da escuta, da observação e da prática diária. Nesses termos, essa prática de aprender pela escuta e pela observação é reafirmada pelas gerações mais novas que retomam os ensinamentos dos mais velhos, tanto que as crianças falam de forma bastante natural sobre as orações e forma como rezam:

- Eu sei rezar, rezo o Pai Nosso, Ave Maria, Creio em Deus Pai, Salve Rainha. Rezo em casa e na igreja com a minha mãe (MICKEY, 11 anos, roda de conversa, 2018).

- Eu sei rezar o Pai Nosso, aprendi quando era pequena ainda, com a minha avó, ela reza, ela conversa muito comigo, ela ficava cantando e me ensinava. (LELÊ, 11 anos, roda de conversa, 2018).

- Eu só sei rezar o Pai Nosso! (Princesa, 8 anos, roda de conversa, 2018).

- Eu aprendi a rezar com a minha mãe, eu aprendi né, aprendi aqui no projeto também, mas aqui foi mais coisas sobre o terço mesmo. (MAYRA, 12 anos, roda de conversa, 2018).

- Tudo o que você precisa e pede, você consegue se rezar (SOL, 11 anos, roda de conversa, 2018).

Além disso, entende-se nos depoimentos acima que o partilhamento dos saberes religiosos, das orações e dos diferentes modos de rezar se dão a partir do modo como a família se relaciona com a religiosidade. Nesse sentido, o conjunto desses saberes religiosos que traduzem processos educativos dos quais as crianças vivenciam vão sendo moldados de acordo com a cultura familiar da qual a criança faz parte. Para tanto, é recorrente nas falas dos intérpretes, que a educação da atenção está presente no processo educativo do ato de rezar das crianças do Projeto Caminhos do Círio; as narrativas ressaltam a figura materna ou de parentes como os avós, por exemplo, como fonte de conhecimentos e transmissão desses saberes populares, em que é do cotidiano dos intérpretes dessa pesquisa que emanam o conjunto de saberes religiosos que está para além das orações espontâneas ou das rezas recitadas a partir dos ritos, da hierarquia e das convenções da Igreja católica.

Como já foi dito, esses saberes estão no cerne do respeito valoroso do espaço e da figura do sagrado. Trata-se de um saber que molda e orienta o comportamento do devoto e exerce um papel fundamental de estabelecer a dualidade do “certo e errado”, diante de tudo o que

simbolicamente representa o sagrado, como é visível na foto a seguir, ao ficar de frente para a imagem de Nossa senhora de Nazaré:

Figura 30 – Fotografia de uma das crianças do projeto caminhos do círio rezando



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019)

O depoimento de algumas crianças ressalta os seus sentimentos de respeito nos espaços da igreja, durante as orações e novenas, ou mesmo ao estarem na presença da imagem de Nossa Senhora de Nazaré ou na romaria do Círio. Essa relação de respeito é identificada a seguir:

- Igreja não é lugar de brincar, igreja é lugar pra rezar e respeitar. Lugar de brincar é na rua, no aniversário (CAMILLY, 9 anos, roda de conversa, 2018).

- Na igreja a gente não faz barulho e nem fala alto, as pessoas falam baixo na igreja (DIEGO, 12 anos, roda de conversa, 2018).

Ainda no contexto do Círio de Nazaré, como espaço de processos educativos, diferentes saberes religiosos transitam entre as crianças intérpretes da pesquisa. Nesse contexto, destacam-se os saberes relativos as práticas de promessas, que se relacionam diretamente com a fé e a devoção dos promesseiros pela Santa, e com o sentimento de agradecimento por todas as graças pedidas e alcançadas. Os trechos a seguir retratam esse aspecto:

- É assim, as pessoas pedem, pedem com fé, tipo precisam de alguma coisa, ou estão doentes, aí pede e diz pra santa que vai na corda pra pagar isso que pediu (Camilly, 9 anos, roda de conversa, 2018).

- Já vi na televisão um monte de gente se espremendo pra conseguir segurar a corda do Círio (TONNY, 12 anos, roda de conversa, 2018).

- Tem gente que leva casinha na cabeça, já vi gente dando água lá, me disseram que era promessa também. Nem sempre a promessa é na corda do Círio (DIEGO, 12 anos, roda de conversa, 2018).

- Eu já vi gente na promessa no Círio, assim, pediu alguma coisa pra santa e foi levar vela na mão ou o terço mesmo, já vi gente andando com o terço na mão para pagar a promessa (LUA, 9 anos, roda de conversa, 2018).

- O meu pai já foi pagar promessa no Círio, não sei qual foi a promessa, mas sei que ele se emocionou (MAYRA, 12 anos, roda de conversa, 2018).

Embora não haja relatos das crianças de que sua participação no Projeto Caminhos do Círio ou no Círio de Nazaré esteja atrelada ao ritual de pagamento de promessas, percebe-se em suas falas que as práticas de promessas realizadas pelos romeiros e as diferentes formas de pagamento (das promessas) são internalizadas e compreendidas pelas crianças como ritos religiosos que se dão no contexto do Círio de Nazaré.

Além do mais, fica explícito que a educação da atenção, da escuta, da conversa e da transmissão de saberes entre as crianças e seus entes mais velhos é o fator que fomenta e fortalece o partilhamento dos saberes da religiosidade, assim como os rituais que protagonizam processos educativos nas festividades do Círio de Nazaré e no contexto social das crianças pesquisadas, fortalecendo esse saber religioso cada vez mais.

4.1.2 Saberes da história

A historicidade do Círio de Nazaré é atualizada a cada ano durante as festividades dessa festa, pois o cenário e o desenho de algumas das doze romarias oficiais apontam para elementos, símbolos e personagens que enredam essa história. Os Saberes relativos à historicidade do Círio estão presentes e são recorrentes nas falas dos intérpretes durante as interlocuções nas rodas de conversa, e nas atividades do Projeto Caminhos do Círio; são narrativas que remontam fatos históricos e acontecimentos importantes sobre a origem da festa e devoção em Belém, presentes nas falas sobre os países em que acontecem o Círio de Nazaré:

- Tem Círio no Brasil e em Portugal (TONNY, 12 anos, roda de conversa, 2018).

- É no Brasil, mas tem em Portugal também, não foi aqui que começou o Círio, foi lá mesmo (CAMILLY, 9 anos, roda de conversa, 2018).

- *Lá em Portugal e também aqui no Brasil, aqui em Belém, eu sei que aqui é em outubro, no segundo domingo* (DIEGO, 12 anos, roda de conversa, 2018).

- *Sei que tem Círio aqui em Belém uma vez por ano, e tem em Portugal também,* (LELÊ, 11 anos, roda de conversa, 2018).

Percebe-se que as crianças compreendem fatos importantes sobre a história e a origem dessa devoção a qual fazem parte e participam enquanto agentes sociais produtores de cultura e história. Nos dizeres de Camilly (9 anos), fica evidente a origem da devoção à nossa Senhora de Nazaré ocorrida no continente europeu, e a presença dela aqui no Brasil, o que demonstra um saber histórico sobre os espaços geográficos a que essa devoção vem se construindo ao longo dos tempos. Já Diego (12 anos) reconhece a origem portuguesa da devoção e do Círio de Nazaré, entrelaçando esse saber histórico com o saber temporal da realização da romaria na capital do Pará, situando o Círio no segundo domingo do mês de outubro.

Desse modo, nota-se na fala do intérprete o contraponto à lógica epistemológica monocultural, e ainda corrobora com as ideias de Santos (2010) ao considerar viável a relação harmoniosa com a diversidade de saberes que fomentam, e dão significado à vida social dos homens, uma vez que “a ecologia dos saberes exerce-se pela busca de convergências entre conhecimentos múltiplos” (SANTOS, 2010, p. 161).

Nesse contexto multicultural, que é o Círio de Nazaré, saberes outros sobre a historicidade são evidenciados pelas narrativas das crianças quando a origem dessa festa tem como cerne o Brasil, mais especificamente a capital do Pará, que a história retrata a partir do “mito do achado da santa”, como elas afirmam:

- *Eu sei essa história, já ouvi aqui no projeto também, Plácido é um caboclo que achou uma santinha no igarapé quando ele foi pescar, e como ele achou bonita ele pegou a santinha e levou pra casa dele. Mas quando ele procurou a santinha tinha sumido da casa, ai ele voltou lá no igarapé e ela estava lá, ai ele pegou ela e colocou ela num lugar na casa dele de novo, mas ela sumiu de novo... Ai entenderam que ela não queria ficar lá na casa dele, ai construíram uma igreja pra ela, lá onde é a Basílica* (CAMILLY, 9 anos, roda de conversa, 2018).

- *Ele é o homem que achou a santa verdadeira, a primeira santa, ela estava na água do igarapé, não sei bem o nome desse igarapé, só sei que foi lá que ele encontrou a santa.* (MIMI, 10 anos, roda de conversa, 2018).

- *Plácido foi o pescador que achou a santinha, ele pegou ela e levou pra casa dele, ela voltou pra água do igarapé, ai fizeram uma igreja lá e colocaram ela lá dentro, hoje é a Basílica, ela fica lá e é onde chega o Círio* (LELÊ, 11 anos, roda de conversa, 2018).

- *Tem o Círio porque o Plácido achou a santa no mesmo lugar onde é a igreja dela, por isso que ela fica guardada lá* (DIEGO, 12 anos, roda de conversa, 2018).

Nessas narrativas, as crianças conhecem a história e a origem dessa festa; além disso, associam fatos históricos a espaços geográficos da cidade de Belém, como na fala de Diego (12anos), ao relatar que a festa acontece pelo fato do caboclo Plácido ter encontrado a imagem de Nossa Senhora de Nazaré. Isso demonstra que o intérprete percebe que a existência da romaria do Círio de Nazaré se dá a partir de um fato histórico.

Outro saber emergido dessas narrativas fica evidenciado na fala de Lelê (11 anos). A criança demonstra um olhar ampliado sobre o achado da santa (mito que detém grande importância no cenário e na historiografia dessa festa), ao sintetizar, numa mesma fala, vários fatos importantes da história oficial do Círio. Lelê situa Plácido como o personagem principal desse contado; associa esse achado a construção e localização da Basílica Santuário; além disso, ressalta que a chegada da romaria do Círio de Nazaré acontece nesse espaço dedicado a santa padroeira.

A intérprete contextualiza e aponta para a relação existente entre os fatos rememorados a partir de práticas educativas que têm a oralidade como ferramenta de transmissão (ao ouvir e contar o mito do achado da santa), e situações vivenciadas por ela em suas práticas sociais no contexto do Círio de Nazaré, ao adentrar a Basílica durante suas participações nas festividades dessa romaria.

Em outro depoimento, a fala segura da intérprete Camilly (9 anos) evidencia que seus saberes relativos à origem da devoção a Nossa Senhora de Nazaré, em Belém, estão diretamente associados às suas experiências sociais nessa festa e a sua pertença a cultura local, pois a criança é tida nessa pesquisa como “um ser humano levado pelo desejo e aberto para um mundo social no qual ele ocupa uma posição e do qual é elemento ativo” (CHARLOT, 2000, p. 57). Assim, os relatos sobre os personagens principais e a cronologia dos acontecimentos do achado da Santa se desenvolvem a partir de um saber, uma escuta e uma experiência coletiva. Dessa forma, seus costumes, imaginário social da região e sua pertença a esse universo, ficam latentes em todas as suas narrativas: - *Ai entenderam que ela não queria ficar lá na casa dele, ai construíram uma igreja pra ela, lá onde é a Basílica*. A partir dessa fala, um outro saber emerge nas entrelinhas da narrativa da intérprete Camilly; esse saber perpassa pela dimensão histórica ao entrelaçar dois mundos distintos, o real e o sobrenatural, numa relação que, tomando como base o aporte de Loureiro (2015, p. 198), “tipifica muito bem a ideia relacional entre dois mundos – o visível e o imaginal – que na cultura amazônica em geral, estão imbricados numa convivência cotidiana e explicativa do mundo”.

A fala da criança aponta para a humanização do sobrenatural e do sagrado, pois nela a “santa padroeira verbaliza desejos e escolhas”, característica comum das lendas e mitos que povoam e significam a vida na Amazônia. Nesse sentido, o olhar sobre os saberes das crianças do Projeto Caminhos do Círio oriundos da historicidade do Círio de Nazaré se justifica pelo fato de que, em cada fala infantil, práticas educativas são evidenciadas e perpetuadas na vivência das crianças, ao participarem ativamente como produtoras de cultura nas festividades do Círio de Nazaré.

4.1.3 Saberes da economia

Imersas no cenário multicultural do Círio de Nazaré e o impacto social que este evento causa em Belém e nos arredores da cidade, as crianças intérpretes dessa pesquisa evidenciam em suas narrativas saberes relativos a economia e as práticas de compra e venda que essas festividades fomentam. Assim, é recorrente nas falas das crianças suas percepções sobre as práticas de comércio que fazem parte da estrutura dessas festividades, saberes sobre economia, que justificam suas narrativas:

- Sei que tem gente que espera chegar o Círio pra vender alguma coisa pra ganhar dinheiro. Tem gente que vende comida, as comidas do Círio sabe? Vende outras coisas também, tem as camisas da santa, tem maçã do amor e até brinquedo (SISI, 10 anos, roda de conversa, 2018).

- Quando a gente vai no Círio, a gente vê muita gente vendendo, eles fazem até a maçã naquela panelona. Já vi vender pipoca e aquelas fitinhas coloridas. (LUA, 9 anos, roda de conversa, 2018).

*- Muita gente vende coisas no Círio, tem muita gente pra comprar essas coisas, vendem água, fitinhas do Círio, brinquedos de miriti e outras coisas também. Eles vendem pra comprar comida pra casa deles (MIMI, 10 anos, roda de conversa, 2018).
- Não vai gente só pra rezar no Círio, no Círio vende muita coisa, muita coisa mesmo. Vi gente vendendo comida e tem gente que vende fitinhas pra ajudar na família. (MAYRA, 12 anos, roda de conversa, 2018).*

- Tem gente vendendo um monte de coisas do Círio, brinquedos de miriti e coisas de Nossa Senhora de Nazaré, tipo os terços, blusas da santinha e as fitinhas. (SOL, 11 anos, roda de conversa, 2018).

Nos dizeres acima, as crianças estão atentas para as teias econômicas que giram em torno do Círio de Nazaré que, além da dimensão religiosa e cultural, economicamente está presente na estruturação da festa, e é tão importante quanto as outras, ao ponto de se complementarem, a partir dos impulsos causados pela questão do consumo, e práticas de

representações religiosas de objetos relacionados à Santa padroeira. Dessa forma, no mesmo espaço geográfico, a economia se relaciona com a religião através das teias econômicas perpassadas pela relação de compra e venda de objetos, que entrelaçam e simbolizam o sagrado e o cultural e ainda aproximam o devoto da Santa padroeira.

Nessa relação de mercado, o devoto “compra” um objeto simbólico que está para além da materialidade desse objeto, já que é encharcado de significações religiosas e culturais; faz parte ainda de um contexto maior movimentado pela fé e pelo imaginário social da população, aspectos estes fomentados pelas instituições religiosas em todo o mundo. Nessa perspectiva, a lógica midiática aponta para o fato de que e ocupa naquele momento, e que se relacionam com o público que participa das festividades. Daí a afirmação de que: *-Tem muita gente pra comprar essas coisas.*

A prática de vendas diversas no contexto do Círio de Nazaré é percebida pela criança Mayra (12 anos) como uma possibilidade de sustento da família; essa percepção é assentada em processos educativos que se dão em suas vivências sociais no contexto dessa festa. Em sua narrativa, além de espaço do religioso e do sagrado, essa intérprete contextualiza o Círio de Nazaré como um espaço de comércio, ao evidenciar que as vendas ali realizadas servem como meio financeiro de sustento para as famílias de muitos paraenses. Observa-se também que para a intérprete Mayra, o Círio de Nazaré está para além da dimensão religiosa do catolicismo devocional e da relação de intimidade do devoto com a Santa padroeira (representada pela imagem de Nossa Senhora de Nazaré); ou seja, o Círio é também um espaço de socialização da cultura local e de produção econômica para a manutenção da vida social.

4.1.4 Saberes da ludicidade

Como foi explicitado anteriormente, o Círio de Nazaré é caracterizado pela devoção à Santa padroeira, a partir de uma festa que reúne maciçamente grandes grupos sociais que formam cenários de trocas, animam os diferentes rituais dessa festa religiosa, e que se configura como um movimento que agrega os ritos religiosos da ludicidade aos divertimentos dos devotos durante todo o período das comemorações Nazarenas. Dessa maneira, Maués (1995) aponta para a importância da ludicidade nas festas populares de santos padroeiros na Amazônia, tendo no interior dos ritos e dos acontecimentos religiosos, espaço para o homem dar vazão aos anseios, desejos, agradecimentos e aos jogos sociais em suas relações com o outro, ao socializar o religioso e o sagrado coletivamente. Por esse viés, Carvalho (2006), retrata essa relação entre a ludicidade e a festa ao afirmar que

a festa enquanto um espaço de manifestação da ludicidade, também apresenta uma relação direta com o jogo, ambos contêm elementos em comum no seu interior, como a alegria, a seriedade, a eliminação da vida cotidiana, regras estritas, liberdade, limitações temporais e espaciais. (CARVALHO, 2006, p.155).

Nesse contexto, as crianças discorrem sobre a postura de respeito diante da Santa e do espaço do sagrado, contudo, a ludicidade é elemento inerente às suas vivências, atravessa suas experiências sociais cotidianas, além de dar sentido à vida e à infância das crianças intérpretes dessa pesquisa vistas abaixo:

- Gosto mais de ouvir histórias do Círio quando as professoras contam, elas contam, depois perguntam e a gente responde. É legal, é divertido. (SOL, 11 anos, roda de conversa, 2018).

- É divertida a brincadeira de perguntas e respostas, a professora pergunta coisas sobre o Círio e a gente responde (MICKEY, 11 anos, roda de conversa, 2018).

- Já brinquei aqui no projeto, o nome da brincadeira é Nó! Funciona assim, em uma roda com por exemplo cinco pessoas, essas pessoas dão as mãos e memorizam em quais não estão segurando, depois soltam as mãos e ficam saindo do lugar. Depois eles ficam onde estão e dão as mãos para as mesmas pessoas que estavam segurando no início da brincadeira e é aí que a graça começa e a gente ri, foi divertido (LELÊ, 11 anos, roda de conversa, 2018).

- Eu já brinquei aqui junto com meus colegas de pega-pega, é assim, você tem que correr e pegar um colega, ou o colega tem que te pegar (LUA, 9 anos, roda de conversa, 2018).

- Já brinquei aqui, foi uma brincadeira que a tia Patrícia perguntava e a gente respondia (MIMI, 11 anos, roda de conversa, 2018).

Nas falas transcritas, o lúdico e o religioso estão presentes na vida das crianças em meio às atividades e ritos de orações que elas vivenciam no Projeto Caminhos do Círio, e que significa a existência do grupo e das relações de sociabilidade vivenciadas nesse contexto. Em seguida, a extensão lúdica da brincadeira é percebida pela intérprete Lelê (11 anos) ao narrar, de forma animada, como se desenvolve a brincadeira do Nó, fruto de uma experiência lúdica vivenciada pelas crianças nas atividades do Projeto Caminhos do Círio. Sua fala retrata as palavras de Luckesi (2005) quando este afirma que a ludicidade se dá quando a brincadeira desperta no brincante a liberdade prazerosa de vivê-la em sua totalidade, de forma que seu interesse e bem-estar sejam contemplados durante toda atividade.

A aproximação e integração das crianças é fortalecida pelos momentos lúdicos a partir das brincadeiras livres e dos momentos de descontração durante as reuniões em que os intérpretes se reúnem, e a variação de idade não impede a sociabilidade coletiva. Lua (9 anos)

exemplifica que a coletividade e a integração dos intérpretes são fortalecidas pela ludicidade, através da relação estabelecida entre a criança e o outro (outros), ao descrever o ato de brincar de Pega-pegas. Aponta ainda para um saber que diz respeito à cultura lúdica, característica da infância, onde Brougère (2002), afirma que a cultura lúdica nasce das práticas de interações sociais do homem.

Sol (11 anos) retrata em sua fala o que Ingold (2010) discorre sobre o que ele denomina de educação da atenção, isto é, a intérprete traz nas entrelinhas de sua narrativa o “prazer” de um momento lúdico que retrata a religião através do contar e da escuta de histórias, o que retrata a ludicidade trazida na voz do narrador, o lúdico que informa e educa, o que remete aos processos educativos e às situações lúdicas contidas no prazer do ato de contar e ouvir histórias.

Entende-se que os saberes da ludicidade estão articulados com o teor das histórias ouvidas pelas crianças e ao prazer dessa escuta, ou com o que esse contar pode despertar, tanto no narrador, quanto no ouvinte, o que caracteriza a dimensão lúdica da atividade na troca de experiências sociais, e reorganizam ou ressignificam a cultura impressa nesses atos em tempo real em que acontecem. Diante disso, compreende-se que diferentes aprendizagens foram vividas pelas crianças intérpretes dessa pesquisa, aprendizagens que traduzem saberes pautados na cultura, uma cultura que existe a partir do existir do homem e de suas relações sociais, no ensinar e aprender desde que esse homem nasce. Portanto, educação e cultura são indissociáveis e ambas se fortalecem e se configuram no fazer cotidiano de todos nós. Essa lógica permite conceber que processos educativos acontecem em diferentes lugares e instâncias da vida, e que espaços de aprendizagem podem ocorrer onde houverem relações de sociabilidade do homem com seus pares e com seu grupo social.

Ao desvelar a diversidade dos saberes das crianças do Projeto Caminhos do Círio, pude perceber que a todo momento da vida os intérpretes produzem e vivem a cultura a qual pertencem, em consonância com as práticas educativas que experimentam de acordo com a realidade e suas experiências de vida cotidiana. Sistematizar saberes materializados nas práticas sociais das crianças no contexto do Círio de Nazaré é relevante para a pesquisa, pois permite um olhar ampliado sobre a forma como os saberes desvelados são praticados e partilhados na *práxis* cotidiana dos intérpretes, e de como estes se relacionam com a educação à luz da Ecologia de Saberes defendida por Santos (2010).

Assim, destaca-se no quadro abaixo a organização didática dos saberes das crianças do Projeto Caminhos do Círio, desvelados nas linhas gerais dessa pesquisa.

Quadro 4 – Sistematização dos saberes das crianças do Projeto Caminhos do Círio no contexto do Círio de Nazaré

Saberes das crianças	Como o saber é compartilhado	Processos e práticas educativas	Educação que o saber está associado
SABERES DA RELIGIOSIDADE	Oralidade Repetição Escuta Orientação Observação Respeito	Orações Novenas Romarias Respeito a imagem de Nossa Senhora de Nazaré	Educação Religiosa, Educação pela Atenção e pelo Respeito
SABERES DA HISTÓRIA	Oralidade Escuta Observação	Conhecimento da história do Círio de Nazaré	Educação pela História
SABERES DA ECONOMIA	Oralidade Orientação Observação Experimentação Prática	Compras no contexto do Círio de Nazaré e no Círio das Crianças	Educação Financeira
SABERES DA LUDICIDADE	Oralidade Orientação Observação Repetição Prática	Brincadeiras Ouvir histórias	Educação pela Ludicidade

Fonte: Elaborado pela autora

Os saberes perpassam pelas relações sociais das crianças em diferentes situações, e as práticas educativas estão presentes nelas, simultaneamente com a cultura. As crianças, intérpretes da pesquisa, convivem diariamente com a circularidade da cultura e das práticas educativas em todos os contextos em que estão inseridas, seja na escola ou fora dela, numa educação que reconhece a diversidade de saberes da *práxis* cotidiana, legitimando-os e reconhecendo-os como ferramentas de perpetuação da cultura a que pertencem.

Das relações com seus pares, as crianças aprendem e ensinam simultaneamente; isso se dá a partir de processos em que elas agem como protagonistas de suas histórias, ao se perceberem e se reinventarem a partir de vivências do seu grupo social. Brandão (2002, p. 26) discorre isso ao afirmar que

Aprender é participar das vivências culturais em que, ao participar de tais eventos fundadores, cada um de nós se reinventa a si mesmo. E realiza isto através de incorporar em diferentes instâncias de seus domínios pessoais de interações (muito mais de que “estocagem”) de e entre afetos, sensações, sentidos e saberes, algo mais e mais desafiadoramente denso e profundo destes mesmos atributos.

Diante do exposto e da vivência social das crianças intérpretes, quatro categorias de saberes emergiram e deram corpo a essa pesquisa identificadas a seguir: saberes da religiosidade, da história, da economia e os saberes lúdicos. Estes se articulam de forma diversificada e significativa com a educação, em que cada saber se relaciona com uma educação específica ou com educações, como: Educação Religiosa, Educação pela Atenção Educação pelo Respeito, Educação pela História, Educação Financeira e Educação pela Ludicidade.

A partir dos saberes das crianças do Projeto Caminhos do Círio e das relações estabelecida entre elas e a educação, evidencia-se que, assim como na escola, práticas educativas são materializadas no interior dessa festa religiosa e cultural que é o Círio de Nazaré; e que as crianças intérpretes da pesquisa partilham e perpetuam saberes importantes para vida em sociedade.

SEÇÃO V

5.1 A CHEGADA DA PROCISSÃO

Essa pesquisa que se enveredou pelos saberes das crianças do Projeto Caminhos do Círio foi desafiadora e instigante, uma caminhada que precisou ser repensada e reorientada muitas vezes, sobretudo, a partir do contato com os intérpretes e, que a partir dessa fase se fixou nas teias sociais e culturais das crianças.

Após o longo percurso dessa trajetória saliento que meu interesse em pesquisar os saberes infantis no Círio de Nazaré me acompanha desde minha formação inicial como educadora, esse tema foi amadurecendo ao longo de minha prática pedagógica como professora da educação básica e de toda as minhas experiências e vivências nessa festa.

Percebo então que a “procissão chegou ao fim”, ou seja, que o sentimento que me acompanha desde a infância, tem agora a sensação de dever cumprido nesses momentos finais em que a pesquisa de mestrado vai chegando ao fim. No entanto, estou certa de que essas considerações preliminares jamais esgotam a diversidade e a importância dos saberes que nascem e se alimentam da movência da vida cotidiana das crianças.

Redescobri que essa importante discussão não se encerra com o ponto final desse texto. Diante disso, esse trabalho não esgota as possibilidades interpretativas do referido objeto, e nesses termos, procuro deixar o caminho aberto para novas pesquisas e novos estudos sobre os saberes das crianças, e um futuro olhar sobre a participação ativa através do Projeto Caminhos do Círio, na produção e partilha de saberes e culturas que significam suas vidas e a infância no contexto do Círio de Nazaré.

Com isso, a pesquisa buscou analisar quais saberes e práticas educativas estão presentes no contexto das crianças que fazem parte do Projeto Caminhos do Círio no Círio de Nazaré, e também compreender como se dá o trânsito das práticas formadoras na vivência das crianças no âmbito do projeto, destacando aspectos da cultura local em que essas crianças vivem.

O meu exercício como pesquisadora foi de observar atentamente o cotidiano das crianças, e ao longo desses dois anos, também fui amadurecendo gradativamente, meu olhar foi se modificando juntamente com a minha percepção sobre os processos educativos vividos pelas crianças. Essa mudança se deu em função das trocas de mensagens nem sempre oralizadas, de experiências que vi acontecer em tempo real, dos desejos, anseios e da ludicidade inerente nessa importante fase da vida. Assim, busquei a partir desse olhar ampliado sobre a festa e sobre as

experiências das crianças no projeto, estabelecer relações metodológicas para o desvelamento e uma melhor compreensão do que agora passou a ser meu objeto de pesquisa.

Nessa caminhada outros saberes foram desvelados a partir das concepções teóricas buscadas para dar sustentação científica ao texto dissertativo, que foi sistematizada por seções elaboradas a partir dos dados que gradativamente deram corpo ao texto. Apresentei na primeira seção o trajeto que iria percorrer, assim como apontei aspectos a respeito da minha relação com esse caminho, pois desde que olhava o Círio de Nazaré, tentando entender a festa pelo viés da criança que fui e, em seguida, o olhar da adulta que me tornei, após enveredar nos caminhos da pesquisa.

Já na condição atual em que me encontro, a pesquisa me suscitou muitas indagações, e me trouxe inúmeras incertezas, curiosidades e inseguranças, mas trouxe também as motivações para desvelar que diferentes formas de educação, ou melhor, “educações” (no plural) que estão presentes no Projeto Caminhos do Círio, além de um rico cenário de aprendizagens possíveis. Essa teia de processos educativos se materializa de forma social e culturalmente na *práxis* cotidiana do homem e porque não dizer, das crianças.

Tive a oportunidade de conhecer pessoas como a Flávia Meireles (criadora do Projeto Caminhos do Círio), foi ela que me abriu as portas e me permitiu adentrar ao cotidiano do projeto, e, assim, vivenciar e observar as crianças no lugar delas, no espaço delas e a forma como se relacionam com as outras crianças, com as professoras e com a dinâmica do grupo. Para tanto, foram inúmeras reuniões do projeto, e a vivência com as crianças se dava durante os muitos sábados impulsionadores do corpo teórico, metodológico e analítico da pesquisa.

Em muitos momentos me detive apenas na observação e na escuta, em outros; conversei, indaguei e escutei. Recordo que as rodas de conversa foram fundamentais para o andamento dessa pesquisa, através delas pude conhecer cada um dos intérpretes e pude ouvi-los, e entrei em contato com as suas experiências no projeto e no Círio de Nazaré. Em todos os encontros me mantive disposta a ouvi-los sempre respeitando os limites e vontade dos intérpretes, e assim se manteve, as rodas de conversa ampliaram meu olhar e a minha compreensão sobre a subjetividade das crianças já tão cientes de seus saberes e suas culturas.

Pude contextualizar as falas dos intérpretes ao acompanhá-los na romaria do Círio das Crianças, a romaria ia acontecendo e simultaneamente eu observava as crianças se relacionarem umas com as outras, e também com a “festa” naquele contexto. As crianças caminhavam entre os adultos, rezavam, cantavam e se integravam no cenário religioso e cultural amazônico, protagonizando cenas de sua própria história e cultura.

A minha caminhada precisou se entrelaçar à pesquisa de campo em questão, o objeto de pesquisa precisou buscar referências em outros estudos e fontes que, assim como este, tem como cerne a criança. Dessa forma, o estado da arte foi realizado, o que permitiu compreender o panorama das pesquisas científicas realizadas dentro do recorte temporal dos últimos dez anos. Foi então que estabeleci um contato mais profundo com os bancos de teses e dissertações da CAPES, IBICT e Biblioteca do Círio, essa fase se deu com o objetivo de perceber a visão sobre a criança mediante a perspectiva de outros estudos.

Desse modo, pesquisas envolvendo a criança foram encontradas em contextos diversos. Contudo, estudos entrelaçando a criança com seus saberes, ainda são escassos, a verificação realizada aponta para a existência de pesquisas que colocam a criança como o próprio objeto investigado, na maioria das abordagens as crianças não passam de meros coadjuvantes. Tais fatores não me fizeram desistir e fui em busca de outras investigações mais específicas sobre a criança, e os saberes delas no contexto do Círio de Nazaré. Em face disso, constatei que a escassez é ainda mais acentuada, daí importância de contribuirmos com essa investigação científica.

Mais para frente chegaria o momento de tecer os caminhos metodológicos da pesquisa, e isso se deu na segunda seção do texto dissertativo. Nessa proposição, a necessidade de compreensão dos saberes dos intérpretes e a maneira deles se relacionarem com a educação me fizeram recorrer a um método e buscar técnicas científicas de pesquisa, bem como delimitar as maneiras mais apropriadas para ouvir as crianças, de forma que as mesmas estivessem e se sentissem livres para escolher participar ou não da pesquisa, ao mesmo tempo, protegidas e resguardadas para que os seus direitos e as suas integridades fossem preservadas.

E, diga-se de passagem, que eram muitas decisões e escolhas que precisavam ser feitas, a insegurança se apresentava e junto com ela eu apresentava muitas dúvidas e incertezas diante do fazer acadêmico. Mas devo considerar que as inúmeras leituras e o cotidiano das aulas do mestrado me ajudaram nesse caminhar e nesse sentido, a procissão precisava avançar, e entre idas e vindas o desenho da dissertação começou a nascer.

Aos poucos, a escrita da dissertação ia se concretizando graças ao trabalho de orientação da minha orientadora Nazaré Cristina Carvalho, e também a minha perseverança que ia crescendo, ainda que de maneira tímida, mas que reforçava a confiança que se ensaiava pela primeira vez no fazer científico.

Posteriormente, segui e adentrei um pouco mais nas discussões sobre os saberes culturais, buscando, todavia, acercar-me de um debate que penetrou o cotidiano e as experiências sociais dos intérpretes. Isso posto, considero que a minha presença e vivência

nesse cotidiano me ajudou a observar e a compreender que saberes diversos transitam em meio a realidade e do fazer cotidiano daquelas crianças. Por essa lógica busquei entrelaçar os dados da pesquisa com as concepções de Brandao (2002), Charlot (2000) e Geertz (2008) no que tange os eixos: educação, saber e cultura, e isso se deu com o objetivo de alargar o olhar sobre o conceito de educação que não se desvincula da cultura, e que está para além das paredes da escola e que legitima todo e qualquer saber que significa a vida dos intérpretes dessa pesquisa, mesmo que não seja reconhecida pelas instituições oficiais de ensino.

A esse ponto, a caminhada já havia avançado significativamente, emergia desse fazer científico a necessidade de discutirmos os saberes das crianças do Projeto Caminhos do Círio, sobretudo, os saberes presentes na festa do Círio de Nazaré, e que foram de desvelando ao longo dessa pesquisa.

Essa discussão avançou ao conceber que as crianças vivenciam processos educativos em diferentes lugares, e que o Círio de Nazaré – assentado na cultura local – é mais um espaço onde as práticas educativas são materializadas a partir da circulação de saberes de diferentes naturezas, que se relacionam e se complementam nessa amálgama sociocultural das festividades de cunho sagrado religioso.

Ademais, os saberes religiosos, históricos, lúdicos e econômicos foram evidenciados nas narrativas das crianças, caracterizando uma educação que se dá a partir da relação desse conjunto de saberes que podem e dever ser vistos como processos educativos emergidos dos ritos e rituais religiosos a que as crianças participam como agentes sociais, das práticas culturais vividas transmitidas pelas crianças nesse contexto, dos aspectos históricos que significam e dão corpo a essas manifestação religiosa e cultural, das relações econômicas realizadas e ou observadas por elas no contexto dessa festa e, por fim, das práticas lúdicas que animam a infância das crianças no contexto estudado, numa relação que entrelaça a cultura e a educação simultaneamente.

Dessa forma, procurei responder à questão inicial da pesquisa, que norteou este estudo em diferentes fases, ao apontar que as crianças se relacionam e contribuem para a perpetuação de diferentes saberes, e que suas falas ressaltam a sua cultura e os saberes que dela surgem e nela se apoiam, assim como a educação que está no cerne dessa pesquisa, pautada na existência de uma diversidade de saberes, que entende que diferentes epistemologias atendem a vida de diferentes grupos sociais, suas necessidade e anseios, e que a escola, como ferramenta de educação, é tão importante quanto as práticas educativas do cotidiano social do homem, e não a única, como na lógica de uma ciência hegemônica e excludente.

A percepção da criança sobre diferentes aspectos do Círio de Nazaré aponta para a existência de uma diversidade de saberes que se movimentam fora do espaço escolar, saberes que estão na base da constituição histórica e social das crianças. Portanto, repensar o paradigma hegemônico educacional que defende uma lógica ocidental rasa ao validar somente os conhecimentos que transitam dentro da academia e a luz da ciência, é fundamental para a valorização e legitimação da diversidade de epistemologias do cotidiano social do homem.

Nessas últimas linhas a caminhada se encerra, mas não deixa de instigar novas inquietações e provocar o pensamento de que encerrar, não é dar cabo a possibilidades de ser livre para traçar passos mais longos na movência dos saberes das práticas sociais cotidianas, da cultura e do fazer acadêmico.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. (Org.). **Saberes da experiência, saberes escolares: diálogos Interculturais**. Belém, EDUEPA, 2016.

_____. **Educação escolar, currículo e saberes religiosos na Amazônia**. In: Encontro Nacional de pesquisa e pós-graduação em educação, 22, 2014, Natal. Anais... Natal: UFRN, 2014.

ALVES, Aparecida Matilde. **Coleção Imagem e Oração: Nossa Senhora de Nazaré, Rainha e Padroeira da Amazônia**. 1ª edição. Paulinas, 2011.

ALVES, Isidoro Maria da Silva. **O Carnaval devoto: um estudo sobre a festa de Nazaré**. Belém: Petrópolis, 1980.

ALVES, Regina (2002). **Círio de Nazaré Da taba Marajoara à aldeia global**. Dissertação de Mestrado. Belém: UFPA.

ANDRADE, Simeia S. **O lúdico na vida e na escola: desafios metodológicos**. Curitiba: Appris, 2013.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
BARROS, Camila e NASCIMENTO, Simone. **Crianças e Adultos em diferentes contextos: a infância, a cultura contemporânea e a educação**. Rio de Janeiro. Relatório PIBIC. 2008.

BEDRAN, Bia. **A arte de cantar e contar histórias: narrativas orais e processos criativos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BENEDETTI, L. R. **Templo, praça, coração. A articulação do campo religioso católico**. São Paulo, humanistas publicações/ FFLCH/USP-CER,2000.

BONNA. Mizar. **Dois séculos de fé**. Belém: Cejup, 1993.

BOSI, E. **Memória e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação como Cultura**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **O que é Educação?** (Coleção Primeiros Passos – n 20). São Paulo: Brasiliense, 2007.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CHARLOT, B. **A Mistificação Pedagógica Realidades Sociais e Processos Ideológicos na Teoria da Educação**. Rio de Janeiro, 2ª edição: Zahar Editores, 1983.

_____. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

- COELHO, Geraldo Mártires. **Uma Crônica do Maravilhoso**: legenda, tempo e memória no culto de Nossa Senhora de Nazaré – Belém: Imprensa Oficial do estado, 1998, 170p.
- CHIZZOTI, Antônio. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. 58p.
- CORREA, Ivone Maria Xavier de Amorim (2010). **Círio de Nazaré**: A festa da fé e suas (re) significações culturais. (Tese de Doutorado). São Paulo: PUC/SP.
- COSTA NETO, P. L. de O. **Estatística**. São Paulo: EDGARD BLOCHER, 1999.
- DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: Desenvolvimento do grafismo infantil. Porto Alegre: Zouk, 2010.
- DESLANDES, Sueli Ferreira. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade/ Otavio Cruz Neto; Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (Org.). - Petrópolis, Rj: Vozes, 1994.
- DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações**. Tradução de L. F. Raposo Fontenelle. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.
- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. - Brasília, 2ª edição: Liber Livro Editora, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 39ª edição. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1987.
- FREITAS, Aluizio Moraes de. **Turismo e Peregrinação**. Belém, ed. Do autor, 2017.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. 1. ed. 13 Reimp. Rio de Janeiro- RJ: LTC, 2008.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GURAN, Milton. **Documentação Fotográfica e Pesquisa Científica Notas e Reflexões**. Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia, 2012.
- HORN, Cláudia Inês. **Pedagogia do Brincar**. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- ILDONE, José. **Onde tudo começou. Caminhos da Fé**. Veja. São Paulo, ed 2081. p. 20-21, out 2008.
- INGOLD, T. Da transmissão de representações à educação da atenção. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, 2010.
- KRAMER, S. **Autoria e autorização**: questões éticas na pesquisa com crianças. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.116, p.41-59, jul. 2002.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**/ Marina de Andrade Marconi. - 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Educação e Ludicidade. Salvador, UFBA/FACED, 2005.

MARCONDES, M. I. **A observação nos estudos de sala de aula.** In: MARCONDES, M. I; TEIXEIRA, E. OLIVEIRA, I. A. (Org.). **Metodologias e técnicas de pesquisa em educação.** Belém: EDUEPA, 2010.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico.** Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia. Belém: CEJUP, 1995.

MELO, Maria Lúcia Gomes Figueira de. **Etnometodologia e Educação.** Belém–Pa: UEPA, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, Rj: Vozes, 2009.

_____. (Org.). **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde.** 10.ad. São Paulo: HUCITEC, 2007. 406p. Petrópolis, Rj: Vozes, 2009.

MOURA, A., & LIMA, M. (2014). **A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível.** Interfaces da Educação, 5(15), p.24-35. Recuperado em 5 de janeiro, 2018, de <http://periodicos.uems.br/novo/index.php/interfaces/article/view/4033/1948>.

NETO, Francisco Aires (2016). **Carnaval das Crias do Curro Velho: Espaço educativo de Produção de Saberes.** (Dissertação de Mestrado). Belém: UEPA.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Epistemologia e educação: bases conceituais e racionalidades científicas e históricas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. **O catolicismo do povo.** In: VV.AA. A religião do povo. São Paulo: Paulinas, 1978.

PANTOJA, Vanda. & MAUÈS, Raymundo Heraldo. **O Círio de Nazaré na constituição e expressão de uma identidade regional amazônica.** Revista Espaço e Cultura, UERJ, RJ, n. 24, P. 57-68, Jul./Dez/2008.

PERES, Érica de Sousa. Crianças quilombolas marajoaras: saberes e vivências lúdicas. 2018. 199f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2018.

PORTAL BASÍLICA SANTUÁRIO DE NAZARÉ. **Círio de Nazaré.** Disponível em: <<http://www.ciriodenazare.com.br/>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

_____. **História.** Disponível em: <<http://www.ciriodenazare.com.br/>>. Acesso em: 21 dez. 2017.

ROCHA, E. A. C. **Por que ouvir as Crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar**. In: CRUZ, S. H. V. A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008. p. 43-51.

ROQUE, Carlos. **História do Círio e da festa de Nazaré**. 1ª ed. Ampliada. Belém: IOE, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas**. In: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia Dias (Orgs.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas: Autores Associados, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. – 23. Ed. rev. e atual. – São Paulo: Cortez, 2007.

TEDESCO, João Carlos. **Festas e Saberes: artesanatos, genealogias e memória imaterial na região colonial do Rio Grande do Sul/ João Carlos Tedesco, Valter Rosseto**. – Passo Fundo: Méritos, 2007. – 259 p.

TRIVIÑOS, A.N.S **Introdução a pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICES

APÊNDICE (A)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Seu filho está sendo convidado como voluntário a participar da pesquisa “**Projeto Caminhos do Círio: Crianças, saberes e culturas no Círio de Nazaré**” sob a responsabilidade da pesquisadora Patrícia Andréa Godinho Baker. Trata-se de um projeto de dissertação de Mestrado. O estudo realizará entrevistas com os sujeitos a serem investigados, que serão crianças com idade entre 8 (oito) e 12 (doze) anos, para responder ao objetivo geral da pesquisa, que é *analisar os saberes culturais e as práticas educativas das crianças que participam do Projeto Caminhos do Círio no contexto do Círio de Nazaré*. Caso haja situações caracterizadas por timidez e desconforto com a presença da pesquisadora nas atividades do Projeto Caminhos do Círio, um dos possíveis riscos em pesquisas qualitativas com crianças, a pesquisadora se compromete em dialogar com todos os envolvidos e tentará não interferir na dinâmica cotidiana como garantia de respeito as rotinas das crianças nas atividades do Projeto Caminhos do Círio. Portanto, é necessário a autorização dos pais ou responsáveis no que concerne a participação voluntária das crianças neste estudo.

A qualquer momento, todos poderão ter acesso aos pesquisadores para esclarecimentos de dúvidas ou até mesmo, por algum motivo, cancelar a autorização consentida e retirar-se do processo. Seu (Sua) filho (a) está livre para, a qualquer momento, deixar de participar da pesquisa. Todas as informações fornecidas por você e pelo (a) seu (sua) filho(a) e os resultados obtidos serão mantidos em sigilo e, estes últimos só serão utilizados para divulgação em reuniões e revistas científicas.

Você será informado de todos os resultados obtidos, independentemente do fato de estes poderem mudar seu consentimento em autorizar seu (sua) filho (a) a participar da pesquisa. Você e seu (sua) filho (a) não terão quaisquer benefícios ou direitos financeiros sobre os eventuais resultados decorrentes da pesquisa. Este estudo é importante porque seus resultados fornecerão informações sobre a importância de valorizar o olhar da criança sobre o Círio de Nazaré e o Projeto Caminhos do Círio, assim como, desvelar os saberes culturais que transitam entre as crianças pesquisadas no contexto dessa importante festa religiosa.

Além disso, quando acharem necessário, os responsáveis poderão solicitar explicações e esclarecimentos sobre a construção da pesquisa em contato direto com a aluna pesquisadora (responsável pela pesquisa) Patrícia Andréa Godinho Baker, por meio dos seguintes contatos: Telefone: (91) 993282867; E-mail: acsgodinho@hotmail.com; Endereço: Rua Boaventura da Silva, nº 695/304, Umarizal – Belém – Pará, CEP: 66055090; ou com a Orientadora a Prof^a Dr^a

Nazaré Cristina Carvalho, pelos contatos: Telefone: (91) 8112-3954; Endereço: Travessa Benjamin Constant, n° 845, apartamento 901, Reduto – Belém – Pará, CEP: 66053-040.

A privacidade do entrevistado será resguardada, serão usados nomes fictícios para garantir a integridade e identidade das crianças envolvidas, assim como de suas famílias. Portanto, como responsável pela criança autorizo a mesma a participar da pesquisa, estando ciente de todas as informações sobre o projeto. Além de autorizar o uso de imagem e a publicações de áudio, fotos, bancos de dados e outros, desde que seja para fins acadêmicos.

Diante das explicações, se você concorda que seu (sua) filho (a) participe deste projeto, forneça os dados solicitados e coloque sua assinatura a seguir.

Menor participante:

Nome: _____ R.G. _____

Responsável

Nome: _____ R.G. _____

Endereço: _____

Fone: _____

Belém, _____ de janeiro de 20 ____

Assinatura - Responsável legal

Assinatura - Pesquisador(a) responsável

Assinatura- Orientador(a)

APÊNDICE (B)**PERFIL SOCIO-HISTÓRICO DA CRIANÇA**

Qual o seu nome e idade?
Em que escola estuda? Em que série?
Com quem você mora? Em que bairro?
Qual sua religião?

APÊNDICE (C)

ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA RODA DE CONVERSA E ENTREVISTA

Por que você participa do grupo Caminhos do Círio?
Há quanto tempo você participa do grupo?
Quais atividades do grupo você participa?
O que o grupo Caminhos do Círio significa para você?
Como acontece a preparação do grupo para a participação na procissão do Círio de Nazaré?
O que vocês aprendem sobre o Círio de Nazaré no grupo?
O que o Círio de Nazaré representa para você?
Você já aprendeu ou ensinou algo para alguém no grupo? O que? Para quem?
Você brinca no grupo? De que?
Na escola em que você estuda, o Círio de Nazaré é estudado?
Tem algo que você gostaria de falar sobre o grupo Caminhos do Círio e do Círio de Nazaré?
Quais sentimentos e sensações você vivência durante o Círio de Nazaré?

ANEXOS

ANEXO (A)

ACEITE INSTITUCIONAL

O(A) Sr./Sra Flávia Maria Carvalho Meireles, coordenadora fundadora do grupo Projeto caminhos do Círio- Uma história contada com amor, está de acordo com a realização da pesquisa PROJETO CAMINHOS DO CÍRIO: CRIANÇAS, SABERES E CULTURAS NO CÍRIO DE NAZARÉ, de responsabilidade do(a) pesquisador(a) Patrícia Andréa Godinho Baker, aluno(a) de mestrado no Departamento de Centro de Ciências Sociais e Educação- Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado da universidade do Estado do Pará, realizado sob a orientação de Nazaré Cristina Carvalho, após revisão e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília – CEP/IH.

O estudo envolve a realização de rodas de conversas e entrevistas individuais e com grupos de dez crianças que participam do Projeto Caminhos do Círio. A pesquisa terá a duração de oito semanas, com previsão de início 20 de janeiro/2019 e término em 20 de março/2019.

Eu, Flavia Maria Carvalho Meireles, coordenadora fundadora do grupo Projeto caminhos do Círio- Uma história contada com amor, declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras e, especial a resolução CNS 196/96. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisas, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, disponho de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Belém, 07 de 11 de 2018.

FLÁVIA MARIA CARVALHO MEIRELES

Nome do(a) responsável pela instituição

Flávia Maria Carvalho Meireles

assinatura e carimbo do(a) responsável pela instituição



Projeto Caminho do Círio
Uma história de fé
contada com amor

ANEXO (B)



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: PROJETO CAMINHOS DO CÍRIO: CRIANÇAS, SABERES E CULTURAS NO CÍRIO DE NAZARÉ			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 10			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: PATRICIA ANDREA GODINHO BAKER			
6. CPF: 596.880.762-87		7. Endereço (Rua, n.º): BOAVENTURA DA SILVA NAZARE 695/304 BELEM PARA 66055090	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO		9. Telefone: 91993282867	10. Outro Telefone:
		11. Email: acsgodinho@hotmail.com	
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do paramProjeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao paramProjeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: <u>03</u> / <u>01</u> / <u>2019</u>		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade do Estado do Pará UEP		13. CNPJ: <u>34.860.833/0001-44</u>	14. Unidade/Orgão: Campus I - Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE)
15. Telefone: (91) 4009-9547		16. Outro Telefone:	
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: <u>ANDERSON MADSON OLIVEIRA MAIA</u>		CPF: <u>641.918.932-20</u>	
Cargo/Função: <u>DIRETOR DE CENTRO - CCSE/UEPA</u>		 Assinatura	
Data: <u>03</u> / <u>01</u> / <u>2019</u>			
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			



Universidade do estado do Pará
Centro de ciências sociais e educação
Programa de pós-graduação em Educação
Trav. Djalma Dutra, s/n – Telegrafo
66113-200 – Belém – PA
www.uepa.br/mestradoeducacao

